

SILVIA SARAIVA PEREIRA LIMA

*O ESTATUTO NEUROLINGÜÍSTICO DA
PERSEVERAÇÃO NA AFASIA*

CAMPINAS

2004

SILVIA SARAIVA PEREIRA LIMA

***O ESTATUTO NEUROLINGÜÍSTICO DA
PERSEVERAÇÃO NA AFASIA***

*Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de
Campinas para obtenção do título de Doutor em Ciências
Médicas, área de Ciências Biomédicas.*

ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA EDWIGES MARIA MORATO

CAMPINAS

2004

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS
UNICAMP**

L628e Lima, Silvia Saraiva Pereira
 O Estatuto neurolinguístico da perseveração / Silvia Saraiva Pereira
 Lima. Campinas, SP : [s.n.], 2004.

 Orientador : Edwiges Maria Morato
 Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
 de Ciências Médicas.

 1. Afasia. 2. *Perseveração. 3. Linguagem. 4. Acidente
 vasculares cerebrais. I. Edwiges Maria Morato. II. Universidade
 Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. IV. Título.

Banca examinadora da Tese de Doutorado

Silvia Saraiva Pereira Lima

Orientador(a): Prof(a). Dr(a).

Edwiges Maria Morato

Membros:

- | | |
|--|--------------|
| 1. Profa. Dra. Edwiges Maria Morato | (Presidente) |
| 2. Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto | (Titular) |
| 3. Prof. Dr. Benito Pereira Damasceno | (Titular) |
| 4 - Profa. Dra. Ana Paula Santana | (Titular) |
| 5 - Profa. Dra. Elizabete Abib Pedroso de Souza | (Titular) |
| 6 - Prof. Dr. José de Oliveira Ávila | (Suplente) |
| 7 - Profa. Dra. Ingedore Koch Villaça | (Suplente) |
| 8 - Profa. Dra. Margarete Freitas | (Suplente) |
| 9 - Profa. Dra. Maria Valeriana L. Moura-Ribeiro | (Suplente) |
| 10 - Profa. Dra. Ivone Panhoca | (Suplente) |

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 30/07/2004

DEDICATÓRIA

**Aos meus pais, Antonio (*in memoriam*) e Diva, o meu
melhor presente.**

Aos sujeitos colaboradores, C.F., O.E., I.C., D.R., e, em particular, a E.F., S.L., S.I. e A.P., estes, participantes desta pesquisa, por me darem a sua confiança. Aos meus pacientes, pelo constante prazer do exercício terapêutico.

À querida Marina, minha sobrinha, desejo a você que a Fonoaudiologia seja fonte de luz, conhecimento e realização.

**Às amigas araraquarenses, Isa, Marisa e Hebe
(*in memoriam*), pela amizade que nos acompanha;**

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Ser orientanda da professora Edwiges é um privilégio. Quaisquer observações, algumas vezes fortuitas, não escapam às suas reflexões teóricas, fundamentadas em sua plenitude, revelando um saber admiravelmente inesgotável. A ela, minha profunda gratidão.

AGRADECIMENTOS

Aos professores, Dr. Benito Pereira Damasceno, Dra. Maria Valeriana L. de Moura Ribeiro e Dra. Ana Marli Nucci, pela presença na banca examinadora por ocasião de minha qualificação de doutoramento;

Aos professores, Dra. Elizabete Abib Pedrozo e José de Oliveira Ávila, pelo apoio e interesse ao tema desta pesquisa;

Aos professores, Dra. Edwiges Maria Morato, Dra. Maria Irma Hadler Coudry e Dr. Benito Pereira Damasceno, pelo privilégio de atuar no Centro de Convivência de Afásicos. Pesquisadores de renome que dirigem um Centro de referência internacional em Afasia;

À professora Dra. Ana Maria Sedrez Gonzaga Piovesana (*in memoriam*), pelo trabalho desenvolvido junto à Fonoaudiologia, na área neurológica infantil, interrompido no esplendor de sua contribuição acadêmica;

À doutoranda Sônia das Dores Rodrigues, pela solidariedade nos momentos difíceis no desenrolar dos compromissos necessários à realização desta pesquisa;

À bibliotecária Sandra Pereira, da Faculdade de Ciências Médicas, pela dedicação na busca de textos e revisão bibliográfica;

Às bibliotecárias, Belkis Aparecida Donato e Maria Madalena Brito da Silva, do Instituto de Estudos da Linguagem, pelo apoio e prontidão no auxílio à realização desta pesquisa;

À Solange Pereira Bonin, secretária do Departamento de Neurologia, da Faculdade de Ciências Médicas, pela solidariedade e colaboração sempre presente ao longo desses dezessete anos de trabalho;

À Cecília Hirata Godoy, secretária do curso de Pós-Graduação, área de concentração, Neurologia, pela atenção e cuidados dedicados no período de estudo;

Aos colegas da Pós-Graduação do Curso de Ciências Médicas, não esmoreçam para brindar suas conquistas;

À secretária Maria Luísa da Costa, pelo carinho constante dedicado aos pacientes do Centro de Convivência de Afásicos;

Às enfermeiras do Ambulatório de Neurologia do Hospital de Clínicas - UNICAMP, Solaine Scabello e Maria Rosa Nogueira Damos, pelos cuidados com meus pacientes;

À Diretoria de Apoio Didático, Científico e Computacional da Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP, Emilton Barbosa de Oliveira, Alexandro Jacob, Mário Moreira da Silva, Mercedes de Fátima Santos e Sílvia Auxiliadora de Lúcio pelo apoio na elaboração final do material apresentado na defesa desta pesquisa.

À Márcia da Costa Nunes Neto, pelos cuidados e interesse na revisão do texto.

[...] nesta atividade de comentário, que procura transformar um discurso condensado, antigo e como que silencioso a si mesmo, em um outro mais loquaz, ao mesmo tempo mais arcaico e mais contemporâneo, oculta-se uma estranha atitude a respeito da linguagem: comentar é por definição, admitir um excesso de significado sobre o significante, um resto necessariamente não formulado do pensamento que a linguagem deixou na sombra, resíduo que é a sua própria essência impelida para fora de seu segredo; mas comentar também supõe que este não falado dorme na palavra e que, por uma superabundância própria do significante, pode-se, interrogando-o, fazer falar um conteúdo que não estava explicitamente significado. (Foucault)

[Outra coisa será que vamos estudar”] (Fala de AP, um dos sujeitos deste estudo)

	PÁG.
RESUMO	<i>xxxiii</i>
ABSTRACT	<i>xxxvii</i>
1- INTRODUÇÃO	41
2- REVISÃO DA LITERATURA	45
2.1- O fenômeno da perseveração visto por certos autores.....	47
2.2- Repetições patológicas relacionadas à perseveração.....	75
2.3- Os sintomas neuropsicológicos que contribuem para o aparecimento da perseveração.....	76
2.4- Discussão do problema teórico da perseveração.....	79
3- OBJETIVOS	85
3.1- Objetivo geral.....	87
3.2- Objetivos específicos.....	87
4- METODOLOGIA	89
4.1- Material.....	91
4.1.1- Sujeitos.....	91
4.1.2- Instrumentos.....	91
4.1.3- Procedimentos.....	91
5- RESULTADOS	93
5.1- Dados dos pacientes.....	95
5.2- Análise do corpus lingüístico.....	97

6- DISCUSSÃO.....	143
7- CONCLUSÃO.....	167
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	173
9- ANEXOS.....	179
Anexo 1.....	181
Anexo 2.....	245
Anexo 3.....	251

LISTA DE ABREVIATURAS

E	Examinadora
S	Sujeito
AP	Sujeito
EF	Sujeito
SL	Sujeito
SI	Sujeito
(+)	Pausa
[]	Enunciado
(())	Situação do contexto
:	Alongamento de vogal
::	Duração do alongamento de vogal
“	Interrogação

LISTA DE TABELAS

	<i>PÁG.</i>
Tabela 1- Frequência dos tipos de perseveração*.....	129
Tabela 2- Frequência dos tipos co-ocorrência de perseveração.....	130
Tabela 3- Frequência de Perseveração entre linguagem espontânea e teste.....	130
Tabela 4- Frequência de perseveração entre linguagem espontânea e provas lingüísticas.....	131
Tabela 5- Tipo de perseveração e base neuroanatômica*.....	131

	<i>PÁG.</i>
Quadro 1- Tipos de perseveração segundo a classificação de SANDSON e ALBERT (1984).....	132
Quadro 2- Ocorrência de perseveração - Sujeito 1 (<i>EF</i>).....	133
Quadro 3- Ocorrência de perseveração - Sujeito 2 (<i>SL</i>).....	134
Quadro 4- Ocorrência de perseveração - Sujeito 3 (<i>SI</i>).....	135
Quadro 5- Ocorrência de perseveração - Sujeito 4 (<i>AP</i>).....	136



RESUMO

O termo “perseveração” conceituado por HELMESTABROOKS (1995) foi introduzido no final do século XIX, por NEISSER (1895) que considerou “perseveração uma repetição iterativa ou a continuação de uma resposta anterior após, a mudança na solicitação da tarefa” O termo perseveração foi originalmente aplicado nas descrições de casos de psicose encontrados em psiquiatria. NEISSER (1895) caracterizou a perseveração como diferentes formas de comportamento. O objetivo deste estudo é analisar o fenômeno da perseveração na afasia considerando: “1. – a linguagem como uma atividade constitutiva na qual a emergência de categorias lingüísticas (sintática, semântica e pragmática) não é a priori determinada; 2. a perspectiva sócio-interacionista da aquisição da linguagem quando processos de construção do objeto lingüístico pela criança, podem ser observados durante o processo de reconstrução da linguagem do paciente afásico. 3. uma teoria discursiva que dissolve dicotomias clássicas e que visa a análise da linguagem em funcionamento, considerando todos os fatores relevantes da situação. Nessa perspectiva, a língua é considerada como o resultado de um trabalho coletivo, histórico e cultural que faz emergir um conjunto de recursos expressivos próprios de cada língua natural, organizados segundo critérios de uso e interpretados em sistemas de referências onde categorias e relações são construídas culturalmente. (COUDRY e MORATO, 1988). Nossa pesquisa é um ensaio de análise qualitativa de múltiplos casos de afasia, e em acordo com o conceito de perseveração proposto por SANDSON e ALBERT (1984) e GOLDSTEIN (1948), por entendermos serem estes complementares. Por esta razão, podemos distinguir perseveração patológica de perseveração considerada um processo normal de atividade de linguagem, segundo uma perspectiva teórica interacionista, a qual confere um estatuto neurolingüístico próprio para a perseveração na afasia. Quatro sujeitos foram avaliados e neuropsicologicamente diagnosticados com afasia de acordo com a classificação de LURIA (apud CHRISTENSEN, 1979), (afasia motora eferente, amnésica, semântica e sensorial). Três deles são do sexo masculino e um do sexo feminino, na faixa etária entre 51 a 73 anos, apresentando doença cerebrovascular e avaliados durante um período de um a doze anos após o acometimento cerebral. O exame neurolingüístico dos pacientes afásicos é baseado no PROTOCOLO TOULOUSE – MONTREAL EXAME DE AFASIA, MÓDULO STANDARD INICIAL, VERSÃO ALFA. Projeto: CABRAL, L. S. (Org.) e PARENTE, M. A. M. P. (Coord.), (1981). O critério de adaptação do teste foi de acordo com os

objetivos deste estudo. Nos tipos de afasia descritos nesta pesquisa (a afasia motora eferente, amnésica, semântica e sensorial) foi observado perseveração contínua, em paciente com afasia amnésica, por exemplo, apresentando dificuldade de acesso lexical. Na afasia sensorial observamos a perseveração contínua, stuck-in-set e com predomínio do tipo recorrente, ocorrendo ao longo do teste configurando parafasias fonêmicas e semânticas devido à dificuldade relativa de compreensão de linguagem. Na afasia motora eferente observamos perseveração contínua, recorrente e stuck-in-set na produção fonêmico-lexical. Na afasia semântica observamos perseveração recorrente dada a dificuldade semântico-lexical. Observamos ainda que, a perseveração constitui muitas vezes, parafasias fonêmicas e parafasias predominantemente semânticas. Encontramos co – ocorrência de perseveração e menor produção de perseveração do tipo fonêmica “carry-over”. Consideramos neste estudo uma perspectiva teórica interacionista, tal concepção permite distinguir a perseveração em dois contextos: a linguagem espontânea, que constitui a interação dialógica e o teste lingüístico. Dada a menor ocorrência de perseveração na linguagem espontânea nesses sujeitos, podemos concluir que a perseveração não é sempre uma resposta patológica permeando uma categoria clínica que delinea a semiologia neurolingüística da afasia.



ABSTRACT

The term “Perseveration” quoted by Helm-Estabrooks (1995) was introduced at the end of the last century by Neisser (1895) who considered “perseveration an iterative repetition or a continuation of a previous answer after changing the task solicitation.” This word “perseveration” was originally applied to psychosis case descriptions found in psychiatry. Neisser (1985) has characterized perseveration as a collection of unusual forms of behavior that occurs in psychosis and in aphasia. The objective of this study is to analyse the perseveration phenomenon in aphasia which takes into consideration: “1. language as a constitutive activity in that the emergence of linguistic categories (syntactic, semantic and pragmatic) is not a priori determined; 2. the socio-interactionist perspective of language acquisition when processes of linguistic object construction by children can be observed during language reconstruction processes by the aphasic patient; 3. a discourse theory that aims to analyse language in use, considering all the relevant factors of the situation or context. In this view, language is considered both as an individual property and as a collective, cultural and historical result which brings to light a set of meaningful sources proper of each native language, organized according to criteria of use interpreted by reference systems where categories and relations are culturally built.”(Coudry and Morato, 1988). The perseveration case according to the aphasia types described in this research (motor aphasia efferent, amnestical, semantical and sensorial) designs the neurolinguistical semiology. It can be noticed that in such aphasic patients perseveration is shown as a linguistic deficit, for instance, in a lexical difficulty (as in amnestical aphasia) the continuous perseveration. In the sensorial aphasia (AP) there can be noticed the continuous perseveration, stuck-in-set, and the recurrent perseveration occurs along the test designing semantical and phonemic paraphasias due to language comprehension relative difficulty. In efferent motor aphasia (EF) there can be noticed the continuous, recurrent perseveration and stuck-in-set in phonemic-lexical and semantical productions. In the semantical aphasia (SI) there can be noticed recurrent perseveration, due to semantic-lexical difficulty. It was also observed that perseveration sometimes guides phonemic paraphasias predominantly the semantical ones. Perseveration co-occurrence was also present as well as a lesser occurrence of the carry-over phonemic type. Our research is an analysis essay according to the concept of perseveration proposed by Sandson and Albert (1984) in aphasia according to Luria’s (apud Christensen, 1973) and Goldstein (1948)

because we understand that his ideas enrich the discussion. For this reason, we can distinguish the pathological perseveration from the perseveration considered a normal process of language activity following the theoretical perspective of linguistic enunciation which confers an specific neurolinguistic statute to perseveration in aphasia. Four subjects have been evaluated. They have been neuropsychologically diagnosed with aphasia according to Luria's typology (apud Christensen, 1973) (efferent motor, amnesic, semantic and sensorial aphasia). Three of them are male and a female, from 51 to 73 years old, presenting a cerebrovascular disease and evaluated during one and twelve year period after the brain injury. The neurolinguistic exam of the aphasic patients is based on the Montreal Protocol – Toulouse Aphasia Exam, Initial Standard Module, Alpha Version. PROJECT: Cabral, L.S. (org.) and M.S. Parente, M.A. M. P. (Coord.), (1981)*. The criteria of test adaptation were coherent to the research objectives. This study is an essay which aims to analyse the perseveration phenomenon in efferent motor, amnesic, semantic and sensorial aphasia. It was considered a discursive-enunciative linguistic theoretical perspective – which pressuposes language activity produced in an interlocutive, historical, social space of the subject. Such conception provided the opportunity to distinguish perseveration in two contexts: The spontaneous language which involves interaction and the linguistic test, when the epilinguistic activity (hesitations, long pauses, reelaborations, antecipations, lapses, repetitions, etc.) and metalinguistics could be observed. Considering the lesser occurrence of perseveration in spontaneous language, one can conclude that perseveration is not always a pathological answer conveying to a clinical category that permeates the neurolinguistic semiology of perseveration in aphasia.

* (Adapted to Brazilian Portuguese language and applied in Brazil)



1- INTRODUÇÃO

De ARISTÓTELES, (séc. IV a C.) a MÜLLER (1900, GROSS, 1902 , SPEARMANN, 1927, *apud* JASPER, 1931), entre outros do início do século XX, o fenômeno da perseveração era visto como uma função do temperamento e das emoções que afetavam, simultaneamente, todos os processos mentais quando o sujeito encontrava-se emocionalmente perturbado.

A visão de perseveração na primeira metade do século passado era um processo abrangente, implicando todas as funções sensoriais, concebidas como pensamento, atividade psicomotora, motricidade e outras funções cognitivas. A perseveração, então, era interpretada como um atributo do sistema nervoso ocorrendo em determinados sujeitos, isto é, afetando a atividade do sujeito como um todo.

Ao conceito apresentado por SANDSON e MARTIN (1984), qual seja, “a uma repetição iterativa ou à continuação de uma experiência ou atividade sem a ocorrência do estímulo apropriado”, NEISSER (1895) introduziu o termo perseveração, em 1895, originalmente, aplicado na descrição de casos de psicose.

JASPER (1931) e NOTCUTT (1943) analisam a perseveração em vários sistemas do funcionamento cerebral, desde a atividade psicomotora à atividade mais complexa, ideomotora. Para esses pesquisadores, as tarefas motoras, velocidade de associação, fluência, eram afetadas de modo mais consistente, compreendendo vários processos cognitivos.

Para JASPER (1931) e NOTCUTT (1943), ainda, a perseveração não é um estado do sistema nervoso central, mas de alterações de funções específicas. Tal afirmação deu base a toda investigação posterior da perseveração, baseada na análise de determinadas funções. Assim, esses autores não concebem a perseveração como um processo de inércia, afetando de modo difuso o sistema nervoso central, mas trata-se de um fenômeno presente em determinadas funções, por exemplo, a perseveração sensitiva, na qual, para a adaptação do sujeito ao escuro, é necessário um maior intervalo de tempo diferente de outras funções.

Tal concepção acima levou aos estudos posteriores do fenômeno da perseveração. Um século após, o tema é vislumbrado por BUCKINGHAM (2000) entre os principais estudos em neurociências cognitivas para o século XXI.

O tema perseveração foi, sobretudo, abordado pela psiquiatria e pela psicologia. Pensamos que, se este problema não foi objeto de inúmeras pesquisas em afásicos, é em razão da grande complexidade do fenômeno que apresenta aspectos tão numerosos como diferentes.

Exporemos alguns conceitos da perseveração estudados em diversos domínios das ciências humanas e médicas; em seguida, propomo-nos a examinar HIRSH, 1998ar, a esse respeito, diferentes estudos de vários autores (NEISSER, 1895; JASPER, 1931; GOLDSTEIN, 1948; LURIA, 1965, 1978; ALLISON, 1966; ALLISON e HURWITZ, 1967; HUDSON, 1968; YAMADORI, 1981; PIETRO e RIGRODSKY, 1982; SANDSON e ALBERT, 1984; ALBERT e SANDSON, 1986; SANDSON e ALBERT, 1987; SANTO-PIETRO e RIGRODSKY, 1986; ESTA-BROOKS,1987; PAPAGNO e BASSO,1995; HIRSH,1998; VILKKI,1989; COHEN *et al*,1998; *et al*, 1998; RAMAGE *et al*, 1999; GOTTS, 2002, BUCHINGHAM, 1985, 2000; GOTTS, 2002;). Nosso intuito é, com isso, compreender melhor o estatuto neurolingüístico da perseveração, isto é, de que ordem lingüística a perseveração tem sido contemplada na afasia.



2- REVISÃO DA LITERATURA

2.1- O FENÔMENO DA PERSEVERAÇÃO SEGUNDO CERTOS AUTORES

NEISSER (1895, *apud* SANDSON e ALBERT, 1984) caracterizou a perseveração como uma coleção de formas dissimilares de comportamento, ocorrendo na psicose e na afasia, sendo mais do que um fenômeno unitário refletindo um déficit subjacente indeterminado.

Para WEISENBERG, EISENSEN e ALLISON (*apud* HELMICK, 1976), a perseveração indica uma resposta repetida, cuja resposta original é sempre correta; já para MCNALTY, segundo HELMICK, (1976) a perseveração ideacional é a continuação ou recorrência de uma experiência ou atividade sem excitação do estímulo apropriado.

Segundo LURIA (1978), a organização dos movimentos voluntários no homem é um processo complexo, sendo que as partes pós-centrais da região sensório-motora delineiam a organização somatotópica dos influxos motores, orientando-os entre grupos musculares determinados e contribuindo à precisão do ato motor. As regiões pré-motoras norteiam a organização cinética do movimento ou a melodia do movimento, isto é, permitem a passagem de um movimento a outro e seqüenciá-los em hábitos motores complexos.

Diferentes tipos de perseveração apresentam-se na literatura sobre o tema. LURIA (1965) conceituou dois tipos: o primeiro é a “*perseveração motora eferente*” ou “*repetição compulsiva*” de um gesto motor, o que GOLDSTEIN (1948) denomina de “*rigidez primária*”. O segundo tipo, “*inércia do programa de ação*”, corresponde ao que GOLDSTEIN (1948) conceitua de “*rigidez secundária*”.

LURIA (1965) observa que um acometimento cerebral focal pode comprometer a atividade psicomotora, podendo conduzir à inércia patológica. O sentido de inércia patológica concebida por LURIA (1965) denota uma condição de persistência num estado mental da atividade psicomotora.

Nos casos de lesões do lobo frontal, a inércia patológica manifesta-se particularmente na função motora, aumentando acentuadamente sua gravidade segundo o grau de exaustão, surgindo de forma própria e expressiva nos períodos de exacerbação, por exemplo, quando há retirada de tumor cerebral na região frontal seguida por edema.

LURIA (1965) observa que a inércia patológica do processo motor apresenta-se cognitivamente em dois aspectos e relacionados a sistemas cerebrais diferentes. O primeiro é a “*perseveração motora eferente*” ou “*repetição compulsiva*” de um movimento que tenha sido iniciado. Nesse sentido, a intenção que governa a ação subsequente permanece inalterada, isto é, o programa de ação está preservado. Contudo, torna-se impossível executar o movimento requerido, devido à inércia patológica que não permite a inibição da ação do estímulo previamente iniciado.

O referido autor avaliou uma paciente de 42 anos, 6 semanas após a cirurgia de um meningioma maciço olfatório apresentando uma lesão frontal, (autor não descreve o hemisfério cerebral) estendendo-se na região subcortical dos núcleos da base. O exame neuropsicológico nesta paciente evidenciou a atividade de repetição de palavras, séries de palavras, frases e nomeação de objetos adequados, com compreensão preservada. Durante o exame, era preciso encorajá-la para realizar as provas, nas quais apresentava grande dificuldade de concentração e de voluntariedade. Essa paciente desenhava vários círculos quando deveria realizar um, o mesmo para o desenho seguinte de uma cruz, situação em que ela os aglutinava desenhando-os inúmeras vezes; somente um estímulo de uma estrutura diferente (desenho de uma casa) interrompia a ação. A paciente preservava a habilidade para tarefas de performance motora regularmente envolvendo complicados programas de ação. Em séries complexas sob apoio visual e com solicitação verbal, executava um ritmo corretamente, cantarolando: // // //. Contudo, sem o apoio visual e somente em resposta à instrução verbal [bata // // //], a seqüência era realizada aleatoriamente: // // // /// ////. Indagada se isso estava correto, a paciente afirmava dizendo que estava batendo: // // // //. Observa-se, então, que a paciente preservou o programa de ação, mas, na execução, perdeu-o, perseverando num elo da cadeia.

O distúrbio acima descrito aparece somente na periferia, isto é, não é essencial à seqüência, tomando a forma de inércia patológica nos elos individuais da cadeia do movimento a ser realizado. Assim, a paciente realiza partes da seqüência com tendência a se fixar num elo da cadeia prévia.

LURIA (1978), em outro trabalho, ilustra alguns casos de pacientes apresentando movimentos compulsivos da atividade gráfica, situação em que um paciente diz: [eu segui o modelo, eu vi que qualquer coisa não ia bem, mas eu não pude parar]. Outro paciente, após desenhar uma janela, desenha um círculo com os traços da janela. Nesse paciente, após dois meses, esses sintomas desaparecem, assim como, nos dois tipos de perseveração motora, os sintomas tendem a desaparecer ao mesmo tempo em que o edema e à medida da recuperação progressiva.

LURIA (1965) afirma ainda que esta síndrome ocorre com alteração na personalidade e ausência de espontaneidade, sendo acompanhada pela diminuição da seletividade no processo mental.

Em alguns pacientes, a perseveração motora eferente é notada também em lesões profundas das partes posteriores do lobo frontal. Ainda menos freqüente, a perseveração motora eferente é encontrada em pacientes com lesões de partes mediobasais dos lobos frontais, sendo integrante de um acometimento global de processos neuropsicológicos.

O segundo tipo de perseveração trata da “*inércia patológica de um programa de ação*” ocorrido previamente. O paciente, tendo realizado a tarefa proposta, torna-se incapaz de mudar inteiramente para outra, devido à inércia patológica que norteia o programa de ação. O paciente continua, quando instruído a realizar a primeira tarefa na qual havia se posicionado anteriormente.

LURIA (1965) examina uma paciente de 56 anos apresentando um tumor na parte posterior do lobo frontal esquerdo configurando uma síndrome frontal com quadro geral de astenia e falta de espontaneidade. O exame neuropsicológico evidencia respostas monossilábicas, pausas prolongadas, capacidade em repetir palavras, designar os objetos apresentados e nomear figuras. Às vezes, embora ache fácil nomear figuras, torna-se exausta levando muito tempo para respondê-las, ocorrendo, às vezes, *perseveração*. Em seu comportamento observa-se olhar distante, mas com alguma crítica em relação a sua condição.

Essa paciente não apresenta inabilidade em parar o movimento iniciado. Ela pode realizar simples movimentos em respostas às instruções verbais ou visuais. Entretanto, não consegue trocar de uma ação para outra, é incapaz de fazer uma série de duas seqüências motoras, ao passar para outra série carrega a série anterior inteira ou parcialmente na tarefa a ser realizada. O problema, segundo LURIA (1965), é causado pela inércia patológica de estereótipos estabelecidos, isto é, de estruturas fixadas. Ao escrever a letra “B”, escreve “D”, em seguida, ao ser solicitada para escrever seu nome, escreve “DDGEDVVDEE”, isto é, segue na estrutura de letras. Tal paciente, quando solicitada a desenhar um quadrado, o faz corretamente. Ao desenhar um círculo ou uma cruz, segue desenhando o quadrado. A paciente é capaz de repetir uma série de duas palavras: casa/noite, corretamente; no entanto, ao repetir a série janela /gato, diz: [janela... e noite], para neve/mesa, repete: [janela... e neve].

A perseveração do programa de ação decorre de lesões bilaterais maciças das regiões pré-frontais e não se estende à região subcortical dos núcleos da base. Segundo LURIA (1965), há um comprometimento geral de altas formas de regulação e do mecanismo que controla a ação para ser comparada com a intenção inicial. Tais acometimentos constituem uma das características essenciais de condições patológicas frontais e isso tem sido confirmado em animais (ANOKIM, 1955; PRIBAM, 1959, 1961, *apud* LURIA, 1965) e no homem (LURIA, 1962, LURIA e HOMSKAYA, 1963, *apud* LURIA, 1965).

Para ALLISON (1966), a questão fundamental da ocorrência de perseveração é pronunciada porque esta aparece tanto em pessoas normais como com acometimento cerebral. No último caso, a ocorrência se dá em lesões difusas e em lesões circunscritas. No que se refere a indivíduos normais, a frequência da perseveração segue uma curva evolutiva, ela é mais evidente durante a infância, diminui na adolescência, atinge um limite na idade adulta e aumenta com a idade mais avançada.

HUDSON (1968) explica que, para LIEPMANN (1905), a “*perseveração clônica*” e “*intencional*”, são semelhantes, no sentido de persistência de atividade. WILSON E WALSHE (1914) denominam “*perseveração ativa*” às variedades de um simples tipo. Na “*perseveração tônica*”, segundo HUDSON (1968), o paciente, tendo

segurado um objeto, não pode voluntariamente relaxar a mão, embora faça esforço para isso. Conforme esse autor, WILSON e WALSHE (1914) restringiram o termo “*perseveração*” para “*persistência*” ou repetição de uma atividade devida a um problema psíquico. Segundo ainda HUDSON (1968), PICK (1905) descreveu uma síndrome, na qual o paciente, durante ou no final de uma ação, permaneceu numa atitude imóvel por um longo período. WILSON E WALSHE (1914, *apud* HUDSON, 1968) denominam tal fenômeno de “*perseveração passiva*” e adverte que o termo passivo pode ser mal interpretado se a manutenção de postura nesses casos sugerir que a atividade é sustentada mais do que repetitiva, como nas outras formas de perseveração.

HUDSON (1968) investiga a perseveração do tipo intencional numa mulher de 69 anos, apresentando um distúrbio de memória e desorientação têmporo-espacial. A análise baseou-se em testes de propriocepção de extremidade (dedos), estereognosia, desenho espontâneo, cópia, contagem de pontos e traçados, cálculo aritmético e produção de sentenças. Seus resultados mostram respostas perseverativas em todas as provas. Segundo HUDSON (1968), a autópsia evidencia um tumor na região anterior do lobo frontal, temporal e estruturas profundas, notadamente o sistema límbico do hemisfério esquerdo. Para esse autor, a desconexão deste sistema pode ser um fator importante na perseveração. O estudo de HUDSON (1968) constata que a “*perseveração intencional*” ocorreu em várias atividades da função sensorial, porém é reinterpretada para alguns autores como um fenômeno sensório-motor. A explicação seria que ambos os sistemas facilitador e inibitório são requeridos no estabelecimento e na evocação da memória. Assim, para HUDSON (1968), a perseveração intencional pode ser devida à diminuição de um sistema inibitório, o qual causa um aumento da atividade facilitadora e evocação involuntária da memória recentemente estabelecida.

HELMICK e BERG (1976) afirmam que, embora a perseveração seja considerada por alguns (LURIA, 1965, 1978; EISENSON, 1954; ALLISON, 1967) como um sinal patognomônico de distúrbio do funcionamento cerebral, manifesta-se também na performance de pacientes com distúrbios neurológicos de fala e linguagem. Porém, é notável a falta de dados objetivos concernentes à natureza e a ocorrência de perseveração em classes selecionadas no acometimento cerebral. Segundo esses autores, muitos desses

registros são notações incidentais da ocorrência de perseveração nos distúrbios neurológicos no geral e talvez a ausência de uma concordância no que constitui a perseveração tenha impedido uma pesquisa sistemática do fenômeno.

Ainda para esses autores, NEISSER (1895), ao introduzir o termo perseveração, parece tê-lo cunhado a partir da observação de respostas repetidas do paciente. Segundo LURIA (1965) e HUDSON (1968), a perseveração é mais que um simples fenômeno, pois ocorre de diferentes formas, não havendo um caráter específico em suas manifestações. Sugerem os autores que a *perseveração* pode ser conceituada também como a *continuação de uma resposta iniciada ou a recorrência à resposta prévia*.

HELMICK e BERG (1976) propõem dois tipos de *perseveração*: o primeiro tipo é a “*perseveração repetitiva*”, que trata de toda ou parte da resposta prévia repetida após interrupção por algum evento, como no exemplo (tradução livre da pesquisadora):

Foram apresentados sete objetos comuns: caneta, relógio, xícara, pente, sino, colher e chave.

E - O que é isto? (segurando uma xícara)

S – É uma caneta.

S – Caneta.

E - O que você faz com isso?

S – Você escreve com escreve.

S – Caneta.

O que você faz com isso?

S – Caneta. *

O segundo tipo é a “*perseveração contínua*”, isto é, qualquer resposta na qual toda ou parte continua em torno de algo completado e sem a interrupção do examinador, exemplo:

O que as pessoas usam na cabeça?

S – Chapéu, chapéu.

E - O que as pessoas usam na cabeça?

S – Chapéu.

E - Como se chama uma criança pequena?

S – Chapéu.

O que as pessoas usam em suas cabeças?

S – Elas usam chapéu sobre seu chapéu.

Quando o paciente havia respondido relógio, o examinador perguntou:

Para que serve isso?

S – É um relógio, relógio, relógio.

* Exemplos no corpo do texto com tradução livre da pesquisadora.

Outro exemplo, quando se pede para contar de 1 a 10: S – 1, 2, 3, 3, 3, ou ainda, ao escrever o nome: Johnn.

Esse autores aplicam uma bateria composta de nove provas, com vários itens: construção de desenho, nomeação, reversão de séries, descrição da função dos objetos assinalados, respondendo questões, descrevendo uma figura, escrevendo sentenças e letras, desenhando de memória e descrevendo formas sob comando verbal.

Estudam uma população de 30 sujeitos adultos com acometimento cerebral (25 homens e 5 mulheres), na idade entre 20 a 75 anos ($m = 48,4$) e a comparam a um grupo controle de 10 sujeitos normais e nenhum sujeito com comprometimento cognitivo e distúrbio psicótico. Dentre a população de lesionados cerebrais, examinam: (4) sujeitos disártricos; (1) sujeito com disartria com grau leve; 2) sujeitos disártricos com grau leve e moderado; 1) sujeito com afasia e disartria com grau leve; (1) sujeito com afasia leve e disartria(os autores não referem o grau); (1) sujeito com afasia leve e severa disartria; (1) sujeito com afasia leve e moderada disartria; sujeitos com afasia classificada nas formas: leves (6 sujeitos); moderadas (2) e graves (2); (1) sujeito com afasia severa e severa apraxia; (1) sujeito com afasia leve e apraxia moderada; (1) sujeito com afasia moderada e apraxia moderada; (1) sujeito com afasia moderada e leve apraxia; (1) sujeito com afasia leve e leve apraxia; e 7 sujeitos sem nenhum distúrbio neurológico significativo.

Esses autores aplicam em seus sujeitos uma bateria de nove provas com vários itens: construção de desenho, nomeação e reversão de séries, nomeação e descrição da função dos objetos assinalados, respondendo questões, descrevendo uma figura, escrevendo sentenças e letras, desenhando de memória, descrevendo formas sob comando verbal.

No grupo dos sujeitos afásicos, um sujeito apresenta afasia e apraxia leve, um, afasia leve e moderada apraxia, um, afasia moderada e apraxia leve, um, afasia e apraxia moderada, um, afasia moderada e apraxia severa, dois, afasia severa, um, afasia severa e apraxia severa, uma afasia e disartria leve.

HELMICK e BERG (1976), em seus resultados, observam um número significativo de perseveração em sujeitos lesionados cerebrais, mas refutam a idéia de que todo comportamento perseverativo é característico de lesionados cerebrais, pois em seus achados não encontram dados significativos de perseveração em todos os sujeitos. Para HELMICK e BERG (1976), há três aspectos a serem considerados: doença vascular, incompleta reorganização cortical espontânea e envolvimento do hemisfério cerebral esquerdo, respectivamente, encontrados nos sujeitos que demonstraram alta frequência de perseveração, sugerindo que tal ocorrência pode estar relacionada à extensão do acometimento cerebral. Quando um ou dois aspectos etiológicos foram observados nos sujeitos afásicos, houve menor ocorrência de perseveração. Um ou dois fatores foram

observados nos demais sujeitos não afásicos, nos quais houve menor ocorrência de perseveração.

Os achados de HELMICK e BERG (1976) demonstram que a “*perseveração repetitiva*”, ou seja, quando há intervenção de algum evento, ocorre nos dois grupos, entre sujeitos normais e com acometimento cerebral, enquanto a “*perseveração contínua*”, isto é, quando não há intervenção de algum evento, ocorre somente nos sujeitos lesionados cerebrais e é indicativa de maior comprometimento cerebral. Seus dados também revelam altos índices de perseveração nos sujeitos, apresentando um distúrbio de linguagem combinado à apraxia e à disartria, **assim como, nos sujeitos com acidente vascular cerebral avaliados num período de seis meses, após o acometimento cerebral**. Segundo, ainda, esses pesquisadores, os sujeitos acometidos por acidente vascular cerebral perseveram mais do que os acometidos por lesão não vascular. Os sujeitos com lesões ocorridas no período de seis meses anterior ao teste revelaram maior número de respostas perseverativas. Em seus resultados, dentre as tarefas propostas, a prova mais suscetível a respostas perseverativas é a reversão de séries. Segundo eles, embora na literatura tenha havido discussões sobre formas perseverativas, nada se objetivou para substanciar a ocorrência dessas formas no acometimento cerebral. Esse argumento identifica que a *perseveração contínua e a repetitiva* não são dois comportamentos diferentes como afirma LURIA (1966), mas diferentes formas do mesmo comportamento. Nas duas formas, a resposta previamente dada reaparece, sendo que a diferença entre a “*perseveração contínua e repetitiva*” é a presença ou ausência de intervenção de algum evento.

Perseveração intencional, segundo HUDSON (1968, *apud* BUCKINGHAM *et al*, 1979) é observada quando uma nova performance é intencionada, mas não realizada. Segundo BUCKINGHAM *et al* (1979), HUDSON (1968) observa que “o termo intencional” é introduzido através da concepção de LIEPMANN: “uma desordem ideacional na qual há um impasse na área de preparação sensitiva do movimento o qual resulta que um novo estímulo excita uma idéia prévia e o movimento causado por ela”.

BUCKINGHAM *et al* (1979) relatam que HUDSON (1968) descreve: “Numa atividade mais complexa, a repetição completa da performance é menos apta a ocorrer. Porém, respostas perseverativas sugerem uma retomada parcial de idéias relacionadas à

performance precedente e a combinação desta com idéia referente à performance corrente” (p. 338). No exemplo acima, HUDSON (1968) parte de um desenho de uma cadeira seguido de um desenho de um gato. Observam-se elementos dos dois desenhos.

EISENSON (1973, *apud* BUCKINGHAM *et al* 1979), no mesmo sentido, afirma que algumas vezes a perseveração produz uma interferência parcial entre uma resposta e outra, por exemplo, quando uma paciente identifica uma série de objetos: key (chave), spoon (colher), fork (garfo) e diz: [key, skoon, sfork].

BUCKINGHAM *et al* (1979) estudam dois sujeitos (74 anos e 61 anos) com afasia secundária a lesões posteriores no hemisfério esquerdo. Os pesquisadores analisam a perseveração encontrada nas seguintes provas: leitura oral, nomeação, repetição e denominação.

Segundo BUCKINGHAM *et al* (1979), a literatura evidencia um paradigma geral para perseveração: decorrente de tarefas compreendendo estímulo e resposta que classificam as perseverações. Embora estes pesquisadores tenham estudado a perseveração exclusivamente verbal, assinalam, entretanto, que a perseveração ocorre com igual freqüência em tarefas psicomotoras (ver também LURIA, 1965).

Os achados de BUCKINGHAM *et al* (1979) evidenciam que a ocorrência de perseveração, no modelo X_1 de itens, os quais foram posteriormente perseverados, indicam que no primeiro achado não é necessariamente uma resposta perseverada para A, podendo em muitos casos ser um neologismo, uma parafasia fonêmica ou uma parafasia verbal semântica. Algumas vezes X_1 pode não ser uma resposta ‘latente’, isto é, não explícita. O modelo de X_1 é geralmente lexical, mas pode ser algumas vezes segmental. X_2 pode ser uma forma levemente alterada de X_1 ou pode ser uma combinação fonêmica-lexical ou semântica com Y. X_2 pode ser repentinamente interrompida durante a produção, freqüentemente dando uma qualidade glotal ao último segmento vocálico produzido.

Embora haja aspectos comuns nos modelos citados acima, a perseveração na linguagem espontânea, para BUCKINGHAM *et al* (1979), deve ser analisada diferentemente, pois os mecanismos de respostas não são os mesmos. Seguindo o modelo geral, os dados apresentados em X_2 freqüentemente apresentam anomalia semântica. X_2

pode trazer alguma parte de X_1 produzida nas provas lingüísticas, nas quais o paciente torna-se frustrado ou incapaz em não conseguir recuperar algum item lexical.

BUCKINGHAM *et al* (1979) afirmam que um estresse intenso pode favorecer a perseveração em X_1 (neste estudo, X_1 é unidade silábica). Os dados desses pesquisadores encontrados na linguagem espontânea podem segundo esses autores, ter um elemento de estresse envolvido. A produção inapropriada, isto é, de X_2 , é inconsciente e involuntária, dada à incapacidade de produzir a resposta correta. Não obstante, podem ser identificadas como: “respostas catastróficas, quando o sujeito (DL) tentava se recordar de certos nomes, interrompia-os abruptamente, dando à sílaba uma qualidade glotal, apoiando, assim, a teoria de que a perseveração é involuntária e inconsciente, mas podem todavia ser monitoradas” (p. 348).

Segundo BUCKINGHAM (1979), a perseveração lexical é o resultado combinado entre a parte inicial perseverada e parte final da resposta correta apresentada. BUCKINGHAM (1980), relata que a perseveração na fala espontânea precede o acesso lexical.

YAMADORI (1981) afirma que a perseveração estudada na fala de pacientes afásicos tem sido um tópico favorito na literatura neurológica e, em acordo com a primeira classificação de comportamento perseverativo (LIEPMANN, 1905), observa que há três tipos de *perseveração*: *tônica*, *clônica* e *intencional*, e observa que para a patologia de linguagem perseveração clônica e intencional são relevantes.

Segundo YAMADORI (1981), a perseveração é *clônica* (LIEPMANN, 1905) quando a resposta iniciada é repetida indefinidamente. A perseveração é intencional somente quando uma nova resposta é planejada. Assim, conforme esse autor, planejar envolve processos neurológicos relacionados à iniciação espontânea da ação, enquanto a perseveração do tipo clônica, não. YAMADORI (1981) propõe três subtipos de “*perseveração intencional*”: “*imediate*”, “*retardada*” e “*stuck-in-set*” (fixada num conjunto). *

* (uma vez definido, passaremos a usar este termo)

YAMADORI (1981) investiga a perseveração do tipo intencional em 38 sujeitos afásicos, sendo 37 com lesões hemisféricas à esquerda e um com lesão no hemisfério direito (sujeito canhoto e com afasia), com exclusão de afasia do tipo global. Dentre esses sujeitos, a idade varia de 22 a 74 anos (M = 48), sendo o diagnóstico de afasia dado a partir de um mês e 10 dias a 5 anos. A etiologia inclui: 25 lesões isquêmicas, 5 hemorrágicas, 4 rupturas de aneurismas, um hematoma subdural, dois traumatismos cranioencefálicos e uma lobotomia. Tipos de afasia: (24) BROCA; (7) WERNICKE; (2) Condução; (1) Sensorial Transcortical; (2) Alexia com Agrafia; e (2) Anomia.

A investigação lingüística baseia-se na repetição de 4 séries diferentes. Uma composta de 17 sentenças de diferentes comprimentos silábicos (1 a 17 sílabas), havendo um incremento silábico a cada sentença dada. Outra série é composta de (10) séries de seqüências silábicas graduadas (1 a 10 sílabas). O estímulo é dado lenta e monotonamente, sendo que as séries mais longas, segundo YAMADORI (1981), não têm o objetivo de avaliar a relação de fadiga e dificuldade da tarefa com perseveração e reação de catástrofe, conforme argumenta GOLDSTEIN (1948) sobre os sintomas de perseveração e fadiga em presença de tarefa difícil. As duas séries restantes são de palavras e dígitos. A tarefa é considerada nova quando o mesmo estímulo for rerepresentado ao sujeito.

Em suas análises, os tipos de erros perseverativos foram: “*stuck-in-set*”, “*imediato*”, “*retardado*”, de acordo com dados de seus 33 sujeitos afásicos. Ao estímulo, “nu – ka – ni – ku – gi” (um provérbio)* e a repetição imediata de um novo estímulo, “ma – ke – ru – ga – ka – chi”, S - “ma – ke – ru – ku – gi – ga”. A perseveração “*ku-gi*” (nail / prego).

A perseveração do tipo “*retardada*” ocorre quando o estímulo A deve ser corretamente repetido, assim como o estímulo B, a perseveração ocorre em presença do estímulo C, havendo a recorrência ao estímulo A, exemplo:

- (a)E – “ka - ni - ku – gi”
- (b)S -ka – ni – ku – gi
- (c)E – “ ma - ke - ru - ga - ka - chi”,
- (d)S - ma - ke - ru - ga – chi;

(e) E – “ mi – ka – ra – de – ta – sa – bi ” (provérbio diferente do anterior),

(f) S - mi – ka – ra – de – ta – sa – ku – gi.

A *perseveração “retardada”* ocorre somente em respostas com estímulos com significado, sentença e palavras. A *perseveração “imediate”* é mais freqüente em séries do tipo sílabas e dígitos. A *perseveração “stuck-in-set”* ocorre também no mesmo grupo, porém é mais significativa em séries sem significado.

Os resultados de YAMADORI (1981) evidenciam a ocorrência de perseveração em 86,8% (33 sujeitos) da sua população, sendo que 13,2% (5 sujeitos) não apresentam perseveração. Seus resultados mostram perseverações presentes em 21 sujeitos com afasia de Broca, seguidos de afasia de Wernicke (6), afásicos de condução (2), anomia (2) e afasia transcortical sensorial (1), alexia e agrafia (1), num total de (33) sujeitos, sendo que (5) sujeitos não perseveraram dentre a população de 38 sujeitos.

YAMADORI (1981) descreve a ocorrência de perseveração e a severidade da afasia em: 7 sujeitos com afasia de Broca de grau leve, 9 sujeitos com grau moderado e 5 sujeitos com grau severo. Ocorre perseveração na afasia de Wernicke na forma leve (1 sujeito), na forma moderada (4 sujeitos) e um sujeito na forma severa, entre 27 sujeitos, sendo que 4 sujeitos não perseveraram nesses tipos de afasias, num total de 31 sujeitos. Suas amostras sugerem que o tempo do distúrbio afásico e a gravidade da afasia não influenciam a freqüência de perseveração.

O referido autor, em acordo com ALLISON (1967), afirma que a perseveração encontrada em seus sujeitos afásicos (86,8%) deve-se às tarefas de conteúdo lingüístico semelhante e não deve ser atribuída à fadiga ou ao nível de consciência, como afirmou GOLDSTEIN (1948). Os resultados de YAMADORI (1981) sugerem que a gravidade, assim como a duração da afasia, não tenha relações com a perseveração. Segundo esse autor, a perseveração pode estar relacionada com o mecanismo de memória, conforme cita HUDSON (1968). Para este autor a perseveração é um aumento incontrolável da atividade facilitatória que está relacionada ao estabelecimento de uma nova memória.

-----*

Provérbio não traduzido para o inglês

Assim, segundo, ainda, YAMADORI (1981) tal explicação acima remete à perseveração do tipo “*retardada*”, pois, quando um mecanismo neural é ativado no processamento de um “*input*”, pode restar um estado de excitação por um período de tempo, podendo não desaparecer quando a tarefa é completada. A tarefa é ativamente inibida para que um novo estímulo seja processado. Conforme ainda esse autor, o processo inibitório pode estar comprometido nos acometimentos cerebrais podendo causar instabilidade na inibição de elementos neurais que tenham sido ativados recentemente, causando alteração na seqüência dos elementos neurais em resposta a um novo estímulo. Assim, fragmentos anteriores tornam-se associados com os componentes correntes resultando uma expressão verbal caótica.

Para ele, os três subtipos de perseveração podem refletir diferentes graus de disfunção inibitória. Se a desinibição é forte, o tipo “*stuck in set*” predominaria. O tipo “*retardado*” poderia refletir um grau de desinibição e o tipo “*imediata*” estaria entre os acima citados. Nesse sentido, a perseveração é realmente um plano de traço de memória irrelevante disparada pela ação do sujeito. Clinicamente, segundo YAMADORI (1981), isso tem que ser definido como a recorrência de uma certa resposta motora, mas na teoria uma resposta motora original não precisa ser necessariamente realizada. Assim, o estímulo inicial é processado, mas pode restar silencioso.

Conforme esse autor, a perseveração é fundamentada em bases orgânicas: variáveis de localização, tipo de lesão cerebral, tempo de acometimento e tipo de afasia relacionada às tarefas lingüísticas propostas.

SANDSON e ALBERT (1984), em sua revisão detalhada da literatura, propõem uma nova taxonomia para perseveração, cujas categorias se distinguem nos níveis de processamento da informação e no aspecto neuroanatômico. Segundo tais autores, LIEPMANN (1905) afirma que, embora haja diferentes explicações sobre a “*perseveração intencional e clônica*”, ambas são de origem ideacional, pois há um impasse na área da perseveração sensorial do movimento que faz com que o novo estímulo possa excitar a idéia prévia.

Para SANDSON e ALBERT (1984), há três tipos de perseveração: o primeiro tipo, “*perseveração recorrente*”, é a repetição não intencional, após a cessação de uma resposta emitida previamente a um estímulo subsequente. A perseveração “*recorrente*” pode ser “*imediata*” ou “*retardada*”, dependendo da intervenção de estímulos entre a resposta original e a perseverada. O segundo tipo, “*perseveração stuck-in-set*” é a manutenção contínua e inapropriada de um conjunto ou estrutura. O terceiro tipo, “*perseveração contínua*”, é a repetição contínua e inapropriada de uma resposta. Ainda segundo esses autores, os três tipos de perseveração delineiam diferentes formas clínicas com distintas regiões cerebrais. Os processos comprometidos refletem: um distúrbio da resposta motora caracterizada pela pós-facilitação de impulsos motores (“*perseveração contínua*”); falha de inibição habitual de traços mnésicos (“*perseveração recorrente*”); e interrupção no funcionamento executivo, isto é, a ação torna-se dissociada da intenção (“*perseveração stuck-in-set*”).

Tais pesquisadores fundamentam suas evidências neuroanatômicas sobre perseveração e afirmam que estudos sobre atenção e flexibilidade cognitiva têm sido associados a lesões do lobo frontal, em sua maioria, do tipo “*stuck-in-set*”. Experimentos com macacos adultos com lesões órbito-frontal estão severamente comprometidos em tarefas que exijam alternância da ação, mas não estão comprometidos em tarefas que requeiram habilidades espaciais ou mnésicas. Lesões unilaterais no lobo frontal esquerdo ou direito refletem perseveração “*stuck-in-set*”, como tem sido demonstrado pelo teste *Wisconsin Card Sorting Test*, que requer mudança conceitual entre cor, forma e número, situação em que os sujeitos consistentemente permanecem numa entre essas dimensões. Esses autores afirmam que a paciente de HUDSON (1968) produz perseveração “*stuck-in-set*” em tarefas verbais e não verbais de natureza auditiva visual e tátil apresentando lesões frontais com extensão talâmica e hipotalâmica.

Conforme SANDSON e ALBERT (1984), a *perseveração “stuck-in-set”* tem sido observada em pacientes com a doença de Parkinson e demência de indeterminada etiologia e sem relação com a gravidade dos déficits cognitivos. É mais freqüente na afasia (comum nos testes de nomeação) com dados significativos de lesões do hemisfério esquerdo do que em sujeitos não afásicos com lesões no hemisfério direito e ainda com

expressiva relevância em tarefas envolvendo imitação de múltiplos movimentos orais. A perseveração do tipo “*stuck-in-set*” pode também ocorrer em tarefas exclusivamente verbais; por exemplo, o sujeito pode ser incapaz de mudar de categoria semântica.

Acompanhando a posição de LURIA (1965), SANDSON e ALBERT (1984) afirmam que a perseveração contínua decorre de lesões frontais e núcleos da base e tem sido observada nos casos de esquizofrenia e hidrocefalia de pressão normal e, ocasionalmente, na afasia. Esses pesquisadores observam que a perseveração não é muito freqüente nas provas lingüísticas consideradas de maior dificuldade. Ao contrário dos pacientes de LURIA (1965), conforme cita Sandson e Albert (1984), muitos desses pacientes não são conscientes de suas perseverações, especialmente na forma recorrente onde os pacientes perseveram em alguns itens e posteriormente têm êxito em suas novas tentativas.

A “*perseveração contínua*” encontra equivalência na classificação de LURIA (1965) de “*perseveração eferente*”; ainda segundo esses autores, a “*perseveração eferente*” também ocorre na fala (exemplo, múltiplas repetições de um som final), embora não registrada por LURIA (1965). Segundo SANDSON e ALBERT (1984) a inércia patológica para LURIA (1965) implica a saída motora causada por anormal pós-facilitação de impulsos motores.

Segundo SANDSON e ALBERT (1984), a perseveração recorrente ocorre também em casos de jargonafasia com lesões posteriores do lobo parietal. Nas afasias de Broca, Wernicke e sujeitos com anomia.

Os sujeitos afásicos produzem pelo menos um erro perseverativo retardado, na série dos três testes verbais aplicados por Schindler (1983). SANDSON e ALBERT (1984) afirmam que é comum a “*perseveração recorrente*” e “*retardada*” nas demências do tipo Alzheimer, seguida da demência por múltiplo enfarto e demência por pressão normal hidrocefálica.

SANDSON e ALBERT (1984) afirmam que há uma visão comum na literatura segundo a qual a “*perseveração verbal*” (a que eles denominam de “*recorrente*”) é uma forma de evocação involuntária resultante de incontrolável atividade facilitadora de traços de memória. Ocorre um período longo de aumento dos traços mnésicos que precisam ser

ativamente inibidos, quando não inibidos, resulta na evocação involuntária do estímulo prévio na presença de um estímulo novo. Esses pesquisadores consideram problemática tal explicação, pois as “*perseverações stuck-in-set*”, “*retardada*” e “*imediate*” refletem graus de pós-ativação. Nesse sentido, a “*perseveração retardada*” deveria requerer um grande período de ativação.

Para SANDSON e ALBERT (1984) as repetições que YAMADORI (1981) chama de imediatas poderiam ser interpretadas como sendo perseverações recorrentes, pois ocorrem freqüentemente tanto num contexto como em outros contextos não configurando em perseveração imediata.

Segundo tais autores, WEPMAN (1972) traz uma contribuição importante ao sugerir que a perseveração pode compreender um dado significativo na afasia, conceituando a natureza da perseveração como uma desordem de ordem da atenção seletiva. A seleção lexical e a formulação verbal tomam tempo e o estímulo subsequente é normalmente inibido, a informação é bloqueada até o processamento estar completo. No afásico, segundo SANDSON e ALBERT (1984), este processo pode estar consideravelmente lento resultando num período longo de intenção. Assim, quando uma resposta a um estímulo não esperado é produzida, o afásico pode produzir o nome do item anteriormente realizado. Para eles, WEPMAN (1972) não explica a “*perseveração recorrente retardada*” e também não considera que a “*perseveração verbal*” seja freqüentemente neológica.

Outro dado a observar é que os sujeitos afásicos perseveram na fala espontânea, quando eles podem se permitir um tempo de processamento suficiente. A mudança na modalidade apresentada, ou de respostas, algumas vezes reduz a perseveração. Se a perseveração é causada pelo fechamento de uma janela atencional, SANDSON e ALBERT (1984) contestam que a modalidade não deveria ter efeito, isto é, o estímulo nunca deveria ser codificado e, portanto, não há evidência de distúrbio de atenção nos afásicos que perseveram.

PIETRO e RIGRODSKY (1986) afirmam que, embora teorias psicológicas e neurolingüísticas (GOLDSTEIN, 1948; LURIA, 1965; ALLISON e HURWITZ, 1967; E EISENSON, 1973) tenham discutido o fenômeno da perseveração na afasia, poucos são os

estudos empíricos sobre essa questão. PIETRO e RIGRODSKY (1982) estudam a perseveração conforme as seguintes: tarefas lingüísticas, (nomeação de figuras, completar sentenças e leitura de palavras).

Segundo PIETRO e RIGRODSKY (1986), há várias noções sobre a natureza da perseveração e não fundamentadas suficientemente. Em acordo com a literatura (HUDSON, 1968), essas autoras consideram a definição de perseveração intencional como uma performance involuntária e repetida quando, e somente quando, uma nova performance é planejada, e a divide em dois modos que permitem uma análise lingüística mais detalhada da perseveração oral-verbal. O primeiro é a repetição não alterada de uma resposta completa produzida recentemente – perseveração total. O segundo é a repetição parcial de uma resposta anterior combinada com uma resposta nova – a perseveração combinada.

PIETRO e RIGRODSKY (1986) examinam a perseveração intencional nas respostas verbais/orais de sujeitos afásicos baseadas numa pesquisa anterior, (Pietro e Rigrotsky, 1982) sobre a perseveração. Na referida pesquisa, as autoras estudam a perseveração conforme as seguintes: tarefas lingüísticas, (nomeação de figuras, completar sentenças e leitura de palavras). Entre as provas apresentadas, a mais suscetível à perseveração é a nomeação de figuras e, como os erros perseverativos não parecem ser qualitativamente diferentes das outras duas tarefas, completar sentenças e leitura de palavras, PIETRO e RIGRODSKY (1986) avaliam as 80 respostas ocorridas na tarefa de nomeação de figuras. A população investigada é constituída de 30 sujeitos adultos e do sexo masculino, todos de língua inglesa e com nível de escolaridade fundamental. Todos são pré-avaliados entre 3 e 9 respostas corretas no teste de 10 figuras de objetos comuns. Para dar sustentações aos dados desse exame, são incluídos 4 sujeitos adultos e do sexo masculino e avaliados com os mesmos procedimentos da pesquisa anterior. (PIETRO E RIGRODSKY,1982). Dentre os 34 sujeitos pesquisados, 13 são avaliados segundo o lado da lesão cerebral. Os estímulos com dificuldade semântica variam entre duas listas: metade das palavras da listas é composta de uma sílaba e a outra metade é composta de duas sílabas. As palavras apresentadas taquitoscopicamente têm variação entre um a 10 segundos.

É considerada perseveração total, quando há repetição de uma resposta dada previamente, correta ou incorretamente. Dentre as respostas incorretas, estas são classificadas como perseverações combinadas somente se incluírem o seguinte critério: (a) repetição de consoante inicial ocorrida com 5 respostas da original; (b) repetição de consoante inicial ocorrida com 3 respostas da original; (c) repetições de vogais ocorridas consecutivamente. Erros não perseverativos são avaliados segundo as classificações seguintes; erros lexicais, os quais são primariamente semânticos, ‘cat’ (gato) para “racoon” (animal semelhante à família do urso, típico dos Estados Unidos da América do Norte); erros fonêmicos, ‘raeftun’ para ‘raccoon’; respostas contendo fonemas incorretos ou omissões ou adições de fonemas; outros erros, contendo respostas ininteligíveis ou não classificáveis; e, finalmente, ausência de resposta.

PIETRO e RIGRODSKY (1986) enfatizam que seus estudos se inserem numa proposta estritamente de um paradigma de estímulo-resposta limitando a análise da perseveração a outros contextos. Assim, observam na tarefa de nomeação de figuras três evidentes padrões de respostas perseverativas. Primeiro, “*seleção semântica*”, a resposta perseverativa ocorre quando relacionada semanticamente a palavra alvo, exemplos: mesma categoria semântica, ‘pear’ (pêra); funcionalidade, ‘boat’ (barco); e descrições, ‘big’ (grande) para ‘lion’ (leão). Segundo, padrão perseverativo é o “*programa de ação*” e “*fonêmica carry-over*” (transferência fonêmica). Aproximadamente 88% do total das respostas ocorrem pelo menos em um dos padrões acima citados. As várias respostas perseverativas do padrão “*carry-over*” são caracterizadas como combinações, ocorre em 33 sujeitos entre um total de 34, sendo que em 37% de todas as respostas perseverativas. Nesse padrão semântico, o sujeito afásico perseverava na resposta anterior somente quando ela é relacionada semanticamente com a palavra alvo. Perseverações ocorrem também em palavras da mesma categoria semântica, exemplo: ainda nas descrições “big”. Para todos os sujeitos é mais comum perseverar numa palavra com “lion” (leão) em resposta requerendo outro animal do que a qualquer outra categoria semântica, muitos sujeitos usam a palavra “apple” (maçã) como resposta a outros estímulos relacionados a alimentos: “cake” (bolo), “grapes” (uvas), “butter”(manteiga). A palavra “shoe” (sapato) apareceu mais de 50 vezes em todos os sujeitos, em resposta ao estímulo sugerindo vestuário. No decorrer da tarefa,

quase todos os sujeitos parecem utilizar um pequeno léxico de respostas anteriores, as quais repetiam em resposta ao estímulo semanticamente relacionado.

Perseverações do tipo “*programa de ação*” ocorrem em 29 sujeitos afásicos, exemplo: um sujeito responde ao estímulo com uma parte chave da palavra anterior, resposta tipicamente começando com o fonema bilabial ou de aspecto semelhante, ocasionalmente com /k/ e /e/. Ao invés de uma nova resposta, o sujeito repete a resposta prévia, iniciada pelo mesmo fonema. Isso ocorre quando o sujeito novamente tenta iniciar uma palavra com aquele fonema ou quando um fonema tem aspectos semelhantes, o programa motor inteiro é retomado. PIETRO e RIGRODSKY (1986) denominam de “*programação de ação*”, porque esse padrão de resposta acima citado é estritamente semelhante ao padrão neuromotor descrito por LURIA (1965).

Este padrão ocorre em 13,1% dos sujeitos afásicos de PIETRO e RIGRODSKY (1986). Estes pesquisadores observam neste padrão perseverativo “*programa de ação*” e exemplificam num sujeito afásico capaz de nomear “book” (livro) e seguir repetindo “book” (livro) para “butter” (manteiga), “bear” (urso) e “broom” (vassoura) e também para “pen” (caneta) indicando que o “programa de ação” é contaminado por fonemas bilabiais. Um sujeito repete “book” (livro) para “bus” (ônibus), “boot” (bota), “baby” (bebê), “mitten” (luva) e witch (bruxa), mas nunca em resposta a qualquer palavra, cujo fonema inicial não seja bilabial. Esse comportamento se estende a outros fonemas iniciando com / l /, / k / e / r /, trazidos para as palavras subseqüentes iniciadas com o mesmo ou semelhante fonema, exemplo: um dos sujeitos afásicos diz “shoe” (sapato) para “church” (igreja) e “apple” (maçã) para todas as palavras iniciando com fonemas vogais “iron” (ferro), “acorn” (bolota), “anchor” (âncora).

Algumas vezes a construção da palavra alvo inteira parece disparar a retomada do programa prévio. Cinco sujeitos trazem na resposta perseverada “iron” (ferro) para “lion” (leão) e 4 sujeitos repetem “acorn” (bolota) em resposta a “anchor” (âncora) e a “raccoon” (gambá).

Este tipo de perseveração é menos freqüente e surge quando os sujeitos estão expostos a um tempo maior. Segundo PIETRO e RIGRODSKY (1986), nenhum sujeito afásico perseverava para mais do que três respostas consecutivas. Isso refuta a noção de

“imediate contingência”, freqüentemente registrada na literatura (ALLISON, 1966; EISENBERG, 1954; STRAUSS, 1955; WEISENBERG *et al*, 1935, *apud* PIETRO e RIGRODSKY, 1982, 1986). Os resultados refutam, também, a idéia comum, na qual a incidência de perseveração diminui com o tempo após o acometimento cerebral.

SANDSON e ALBERT (1984) estudam 18 pacientes afásicos com dano em hemisfério esquerdo, 13 pacientes não afásicos com lesões em hemisfério direito e 11 pacientes com Mal de Parkinson. Para o grupo controle sem disfunção neurológica, foram estudados 13 sujeitos e, para o grupo controle dos pacientes parkinsonianos, foram testados 12 sujeitos voluntários idosos e com saúde. Seus resultados evidenciam significativa porcentagem de perseveração do tipo “*stuck-in-set*” nos sujeitos afásicos, sendo que os sujeitos parkinsonianos produzem mais a perseveração “*stuck-in-set*” do que os sujeitos idosos saudáveis.

SANDSON e ALBERT (1987) propõem uma teoria de perseveração determinada pelas diferenças nos sistemas anatômicos, isto é, pacientes afásicos com lesões têmporo-parietais em hemisfério esquerdo teriam mais freqüentemente perseveração do tipo “*recorrente*”, assim como tal perseveração pode estar relacionada à base neurofisiológica, como a diminuição dos níveis de acetilcolina. Ainda segundo esses autores, perseveração do tipo “*stuck-in-set*” é mais comum em pacientes com lesões frontais particularmente aquelas com dano nas projeções dopaminérgicas mesolímbicas. “*Perseveração contínua*” está relacionada a danos em hemisfério direito envolvendo a produção gráfica e possivelmente a mecanismos neurofisiológicos noradrenérgicos.

Essa teoria de diferenças sistêmicas fundamenta-se em dois aspectos: o primeiro auxilia diretamente para especificar novas abordagens para terapia de distúrbios neurocomportamentais e, o segundo, por ser estável, que permite comprová-la ou rejeitá-la.

VILKKI (1989), em acordo com a taxonomia da perseveração proposta por Sandson *et* Albert (1984), citada anteriormente (“*perseveração recorrente*”, “*contínua*”, “*stuck-in-set*”), explica que essa classificação é semelhante à proposta por GOLDBERG e TUCKER (1979), cujo mecanismo de inércia patológica pode operar em diferentes níveis cognitivos, produzindo a perseveração de elementos, aspectos e das atividades. Estuda a

perseveração em 62 sujeitos submetidos à intervenção neurocirúrgica. Todos os sujeitos são destros e divididos em 4 grupos, conforme a localização da lesão: área pré-rolândica, pós-rolândica, incluindo lesões temporais anteriores, assim como lesões temporais, anterior e posterior, do hemisfério direito decorrentes de processos tumorais do tipo: glioma, meningioma podendo haver comprometimento de estruturas subcorticais.

O referido autor aplica um teste constituído de 6 partes, com variação na leitura de palavras e geração de palavras iniciada com /k/ durante um minuto. Segundo ele, seus resultados evidenciam que a perseveração do tipo “*recorrente*” está relacionada a lesões posteriores, enquanto que a perseveração do tipo “*stuck-in-set*” está relacionada a lesões anteriores, ambas no hemisfério esquerdo. A tendência à perseveração é observada nos sucessivos testes que requerem mudanças entre duas propostas, por exemplo: geração de palavras iniciando com “c” e evocação de palavras previamente aprendidas, sendo que, nesta última tarefa, observou-se perseveração do tipo “*recorrente*”.

Ainda para esse autor, bem como para ALBERT e SANDSON (1986), há uma alta frequência de perseveração do tipo “*recorrente*” em tarefas que exigem um estímulo específico, por exemplo: nomeação por confrontação, mas não em tarefas abertas como listas de geração de palavras. No teste de evocação de palavras aprendidas previamente, os erros perseverativos das novas palavras são do tipo “*stuck-in-set*”. Em seus sujeitos, três verbalizam também palavras novas não aprendidas previamente. Estes dados podem ser conseqüência de déficit de memória, mas tal afirmação não se sustenta, pois estes erros não são observados nas tarefas de leitura ou na contagem de evocação de palavras.

Segundo VILKKI (1989), SANDSON e ALBERT (1984) propõem uma dissociação de déficits, isto é, pacientes com lesões posteriores no hemisfério esquerdo produzem alto número de perseverações “*recorrentes*”, enquanto pacientes com lesões anteriores frontais cometem perseverações “*stuck-in-set*”. Albert e Sandson (1986, *apud* VILKKI) demonstram que pacientes com lesões posteriores no hemisfério esquerdo e com afasia produzem perseverações abundantes, principalmente do tipo recorrente.

VILKKI (1989), MOSCOVITCH, (1982) e STUSS (1982) opõem-se à tal hipótese de que lesões frontais anteriores delineiam perseverações “*stuck-in-set*”. Para estes autores, lesões frontais causam susceptibilidade aumentada para pró-ativa interferência,

com uma tendência anormal para emitir listas prévias de intrusões (“*perseveração recorrente*”), em testes subsequentes de evocação, como fluência verbal. Ainda segundo VILKKI (1989), PIETRO *et al* (1986) não encontram a mesma relação entre perseverações e local da lesão dada por SANDSON e ALBERT (1986), assim como GOLDBERG *et al* (1986) são relutantes em associar tipos de perseveração com base neuroanatômica.

VILKKI (1989) afirma que, embora a frequência de perseveração no comportamento comum e nos testes seja baixa, o autor observa que muitos desses testes são difíceis para pacientes com lesões no hemisfério esquerdo (NEWCOMBE, 1969; MILNER, 1974), por exemplo, em lista de palavras em pacientes com lesões frontais (MILNER, 1964; BENTON, 1968; PERRET, 1974; RAMIER e HECAEN, 1970; STUSS e BENSON, 1986).

Os autores consideram que, embora o teste (leitura e memória de palavras, fluência verbal) seja constituído para observar a perseveração, a definição de erros perseverativos mostra-se problemática, segundo a etiologia neoplásica, leve déficit verbal e mnésico.

COHEN *et al* (1998), em acordo com SANDSON e ALBERT (1984), citam três tipos de perseveração diferenciados pelo nível de complexidade do comportamento que está afetado. O nível mais superior apresenta a perseveração “*stuck-in-set*”, reflete a rigidez no comportamento, isto é, uma inabilidade para passar de uma tarefa ou resposta estratégica para outra. O nível mais inferior apresenta a “*perseveração contínua*”. Consiste de interações compulsivas de padrões motores elementares, tais como desenho em série. O nível intermediário de complexidade, a chamada “*perseveração recorrente*” consiste na repetição de uma resposta previamente emitida quando processando uma série de estímulo consecutivo, por exemplo, a produção da mesma palavra sobre sucessivas tentativas de nomeação de objetos, vista em afásicos e em indivíduos com afasia óptica ou agnosia visual.

Tais autores falam que perseveração verbal deve ser claramente distinta de comportamento estereotipado dos afásicos, cujas possíveis repetições são limitadas a poucos fonemas, palavras ou expressões automáticas. Quando estereotípicas, correspondem a uma tendência global e permanente para produzir um pequeno e fixo conjunto de

repetições, perseverações são ocasionais e consistem de intrusão não esperada de repetições prévias na atividade de fala.

Ainda COHEN *et al* (1998) afirmam que, embora o fenômeno da perseveração seja conhecido, torna-se óbvio sob teste clínico. A perseveração é freqüentemente descrita mais qualitativamente do que quantitativamente, no que concerne a sua significância, sendo raramente avaliada de forma estatística. Conseqüentemente a perseveração não tem sido assunto para uma análise neuropsicológica completa. Seu tempo-curso, a condição de seu aparecimento e seu mecanismo subjacente não têm sido elucidados. Os autores desenvolvem métodos originais para analisar a perseveração verbal aplicando provas como a leitura oral, de palavras apresentadas taquitoscopicamente, nomeação de figuras e dígitos.

COHEN *et al* (1998) afirmam que determinar a mais adequada descrição de erros é crucial, porque contribui para identificar o 'locus' do déficit, assim como uma análise estatística de perseverações pode trazer evidência adicional, como o nível de representação envolvido. Para esses pesquisadores, tais aspectos ilustram o valor da análise da perseveração em elucidar os mecanismos dos déficits psicológicos para estudar suas características, tais como: curso temporal, dependência sobre o estímulo ou respostas próprias, diminuição do nível de processamento e outros aspectos.

Essa visão pode ser aplicada em princípio a uma grande variedade de fenômenos perseverativos, afetando diferentes estágios de processamento em cadeia, da percepção visual à produção da fala. As respostas perseverativas incluem não somente as intrusões de palavras expressas anteriormente (perseveração lexical), mas também a contaminação da fluência da fala por aspectos fonológico, visual e semântico de palavras emitidas previamente.

HIRSH (1998) afirma que a perseveração parece ter uma base lexical, sendo que há poucos estudos que relacionam erros perseverativos a outros déficits lingüísticos. Ele propõe uma base lingüística para os erros perseverativos na afasia, havendo várias características: respostas corretas são perseveradas, porém a maioria das respostas inicialmente perseverada é incorreta (BUCKINGHAM, 1979; WHITAKER *et al*, 1979; YAMADORI, 1981; PIETRO *et al*, 1986; PAPAGNO *et al*, 1986); perseveração ocorre

após um longo tempo mais do que imediatamente (BUCKINGHAM, 1979; SANDSON *et al*, 1984; YAMADORI, 1981); palavra inteira ou neologismos são as unidades em que mais freqüentemente ocorrem perseveração. Outra característica é que a perseveração não está relacionada à palavra alvo que a desencadeou. Pacientes com dificuldade de acesso lexical tendem a perseverar mais do que aqueles sem tal dificuldade (PIETRO *et al*, 1982).

HIRSH (1998), num estudo de caso, avalia a perseveração na prova de nomeação de figuras (teste de SNODGRASS e VANDERWAT, 1980, e HOWARD e FRANKLIN, 1988), sendo aplicada a metade entre leitura oral e nomeação para as duas sessões com intervalo de uma semana. HIRSH (1988) considera a perseveração do tipo “*completa*”, por exemplo: S – “lion”, [hour], S- “owl”, [hour]. O segundo tipo é a “*perseveração de subsegmentos*”, por exemplo: S – “giraffe”, [villion], S – “lemon”, [willion].

HIRSH (1988) considerou em sua pesquisa (7) tipos de categorias de erros: correta, semântica, lexical fonológica, não lexical fonológica, lexical não relacionada e não lexical não relacionada, e uma adicional categoria de erros visuais, constatando perseverações a partir de palavras erradas, sendo 80% na prova de nomeação e 77% na de leitura oral. A maioria das respostas perseveradas não era relacionada às palavras-alvo, sendo que os tipos de alvos são mais comuns para produzir lacunas de acesso lexical (*wording finding gaps*).

Halpern (1965) encontrou um efeito no comprimento da palavra, mas não na freqüência da palavra. HIRSH (1998) afirma que o efeito da freqüência da palavra ocorre para alguns pacientes e não para todos que perseveram, o que se aplicaria aos estudos de PIETRO *et al* (1982). HIRSH (1998) ainda questiona se a perseveração é uma desordem lexical relacionada à dificuldade de acesso lexical e se isso também deveria aplicar-se a outras tarefas lingüísticas (repetição de palavras, leitura oral, etc.) que também requerem acesso lexical e não somente a prova de nomeação de figuras. HIRSH, (1998) porém, não aponta se o curso de tais ocorrências de perseveração se daria da mesma forma.

HIRSH (1998) cita que ALLISON *et al* (1967) observam que a perseveração ocorre na prova de leitura oral, embora menos freqüente que a tarefa de nomear figuras, achado semelhante nos registros de PIETRO *et al* (1982).

Segundo HIRSH (1998), BUCKINGHAM *et al* (1979) afirmam que a perseveração é mais comum em situações que requerem uma resposta específica, tais como, nomeação de figuras, leitura oral e repetição, mostrando que a perseveração pode ser dificuldade de acesso lexical. Conforme afirma HIRSH (1998), a explanação sobre a perseveração recorrente na qual ocorre um comprometimento da inibição usual de memória de traços não faz referência a modelos de produção normal de fala, embora noções como inibição e ativação preencham tais estruturas. Sem detalhes como essas representações ou níveis de processamento são afetados pelo déficit de inibição, HIRSH (1998) afirma ser difícil avaliar tal sugestão.

VITKOVITCH *et al* (1991, *apud* HIRSH, 1998) formulam um modelo básico de explanação sobre perseveração, examinando os erros feitos por sujeitos normais, encontram na nomeação de figuras, perseverações de nomes produzidos previamente num intervalo de tempo variando entre um a dez minutos, com erros predominantemente semânticos. Estes e, em particular, perseverações são mais comuns quando a palavra alvo a ser nomeada tem baixa freqüência, um achado consistente com os de PIETRO *et al* (1982) nos sujeitos afásicos.

VITKOVITCH *et al* (1991, *apud* HIRSH, 1998) apresentam um modelo construído em três estágios para a prova de nomeação de figuras. O primeiro estágio concerne à ativação de descrições de estruturas armazenadas, podendo ocorrer decisões sobre o estímulo visual, sendo ou não familiar. O segundo estágio refere-se ao acesso semântico, isto é, a julgamentos, tais como categorias. O terceiro é constituído por representação fonêmico-lexical. forma. Esses três estágios não são processados estritamente em seqüência.

Para os autores, tais resultados na ativação parcial de representações múltiplas especificamente associadas com o alvo e partes de alguns aspectos (visual, semântico ou fonológico) podem, entretanto, ser referidos como “competidores”. Esses pesquisadores

argumentam que os erros de nomeação observados são o resultado de ativação persistente nas relações entre representações semântica e fonológica. Concluem que seus dados são mais consistentes com a idéia de ativação persistente residual do que com inibição a longo termo de competidores semânticos. Quando um item é recentemente nomeado, este é um competidor mais efetivo do que quando um item do mesmo campo semântico é subseqüentemente apresentado. Além da ativação parcial resultante da sobreposição semântica com o alvo, a ativação anterior significa que o competidor é principal. VITKOVITCH *et al* (1991, *apud* HIRSH 1998) postulam que perseverações vistas na afasia poderiam ser o resultado de estados de ativação aumentada cronicamente com relações entre representações semânticas e nomes. Assim, na afasia, a perseveração poderia ocorrer mais freqüentemente quando o alvo de nomes tem uma baixa freqüência, tanto quanto um item semanticamente relacionado tenha sido previamente nomeado.

RAMAGE *et al* (1999) afirmam que a perseveração não é apenas um sinal de distúrbio da função cerebral, pois ocorre também em sujeitos normais (HELMICK e BERG, 1976; MATEER, 1978; LEE e SMITH, 1983; ALBERT e SANDSON, 1986, SANDSON e ALBERT, 1987; VILKKI, 1989; BAYLES *et al*, 1993). RAMAGE *et al* (1999) observam que na literatura não há um estudo sistemático da freqüência e tipo de perseveração em diversas tarefas em sujeitos normais e em que circunstâncias determinadas tarefas podem afetar a ocorrência de perseveração nessa população.

Os pesquisadores estudam jovens e idosos, homens e mulheres. Em acordo com a taxonomia de SANDSON e ALBERT (1984), consideram em sua pesquisa três tipos de perseveração: “*contínua, recorrente, stuck-in-set*”, através de provas lingüísticas de nomeação, geração de animais e palavras com a letra “s” e uma prova não lingüística de seqüência grafo-motora alternativa. Aplicou-se a análise estatística para investigar a freqüência de perseveração como uma função do tipo de tarefa. Os resultados de RAMAGE *et al* (1999) evidenciam um número maior de perseverações na execução de seqüências grafo-motoras alteradas se comparadas com a fluência verbal.

Segundo RAMAGE *et al* (1999), DAIGNEAULT *et al* (1992) registram um aumento de perseveração para 58 sujeitos mais velhos (M = 56,6 anos) do que 70 sujeitos mais novos (M = 27,7 anos). Segundo RAMAGE *et al* (1999), o que se sabe sobre a

perseveração em sujeitos normais vem de pesquisas comparadas entre sujeitos normais e com acometimento cerebral e também de estudos sobre o efeito da idade em sujeitos normais em testes de avaliação da função pré-frontal.

TROSTER *et al* (1989, *apud* RAMAGE *et al*, 1999) observam em sua população que os 20 sujeitos idosos normais (M = 70,4 anos) produzem significativamente mais perseveração recorrente na prova de fluência verbal do teste de *Dementia Rating Scale*, do que os 20 sujeitos normais mais jovens (M = 50,8 anos). Conforme RAMAGE *et al* (1999), os estudos de DAIGNEAULT *et al* (1992) investigam funções pré-frontais em sujeitos normais através do *Wisconsin Card Sorting Test* e registram um alto número de perseverações em 58 sujeitos com idade (M = 56,6 anos) do que 70 sujeitos jovens (M = 27,7 anos).

Os resultados de RAMAGE *et al* (1999) evidenciam que a perseveração do tipo “*stuck-in-set*” é produzida em 73% (318/433) do total de perseverações nos 60 sujeitos normais estudados e somente no teste MWCST, a perseveração “*recorrente*” é observada em todas as tarefas, 24% (105/433) do total de perseveração. Dos 60 sujeitos normais, 47 (77%) apresentam perseveração recorrente. Perseveração contínua não é freqüente, somente 10 ocorrências, 2% de todas as respostas perseverativas. Esses pesquisadores constatam que 4% das respostas dadas pelos 60 sujeitos normais são perseverativas, não encontrando uma relação entre a idade e a freqüência de perseveração, contrastando com os achados de TROSTER *et al* (1989), que observaram maior ocorrência de perseveração em pessoas mais velhas.

Os tipos de perseveração variam segundo a tarefa proposta, por exemplo, na definição verbal, observa-se somente perseveração recorrente, e registram que 20 sujeitos normais mais velhos (M = 70,4 anos) tinham significativamente mais “*perseveração recorrente*” na fluência verbal no teste de *Dementia Rating Scale*, do que os 20 normais e mais jovens (M = 50,8 anos).

A prova de definição verbal resultou num grande número de respostas perseverativas (52/105 ou 49%). Na tarefa de alternância de seqüências motoras, observa-se perseveração contínua em 1,59% (10/629) das respostas dadas.

RAMAGE *et al* (1999) observam que as respostas perseverativas nem sempre ocorrem imediatamente após a resposta original, a qual eles repetiam. Frequentemente os sujeitos perseveraram em itens, os quais tinham ocorrido em várias respostas anteriormente (ver também, BUCKINGHAM, 1979; SANTO - PIETRO *et al*, 1986).

RAMAGE *et al* (1999) concluem que a porcentagem de respostas perseverativas de seus sujeitos é mais baixa do que os dados de respostas de sujeitos cérebros lesados e semelhantes aos estudos de perseveração em sujeitos normais de DAIGNEAULT *et al* (1992). Seus achados indicam que não há relação significativa entre idade, sexo com a frequência da perseveração.

2.2- REPETIÇÕES PATOLÓGICAS RELACIONADAS À PERSEVERAÇÃO

Entre a semiologia neurolingüística na afasia há repetições patológicas, as quais se diferenciam da perseveração. Assim, para LEBRUN (1983), há contaminação quando o paciente, por exemplo, ao nomear um “pente”, fala “profissão” porque acaba de ouvir o termo no rádio. A contaminação pode ser situacional, quando o paciente que emprega uma palavra no lugar de outra porque ele acaba de ouvi-la.

Para LEBRUN (1983), podemos encontrar um outro fenômeno se aproximando da perseveração, a palilalia, isto é, “uma repetição seguida várias vezes de uma parte de frase ou de uma frase curta, frequentemente com intensidade decrescente. Quando as últimas repetições são somente murmuradas, designa-se o nome de palilalia áfona”.

Segundo ainda esse autor, na ecolalia, o paciente repete uma questão, ou uma ordem que lhe são propostas em lugar de respondê-las. Certos pacientes repetem frases que não lhe são dirigidas. A ecolalia pode ser “pura”, quando o sujeito repete inteiramente a frase do interlocutor. A resposta em eco, embora se aproximando da ecolalia, é uma verdadeira resposta, na qual aparecem as mesmas palavras em questão.

Outro fenômeno lingüístico que devemos separar da perseveração é a estereotipia, definida por LEBRUN (1983) como a fixação de uma fórmula invariável de atitudes, gestos, atos ou expressões verbais prolongadas e repetidas incessantemente. No caso das estereotipias verbais, assiste-se à repetição da mesma palavra, ou da mesma parte da frase pela palavra falada ou pela escrita (p. 2-7).

2.3- OS SINTOMAS NEUROPSICOLÓGICOS QUE CONTRIBUEM PARA O APARECIMENTO DA PERSEVERAÇÃO

GOLDSTEIN (1948) conceitua a perseveração como um fenômeno reacional, não constituindo uma entidade patológica em si. Esse pesquisador estuda o comportamento dos pacientes afetados por um comprometimento cerebral e observa que “os sintomas que podem parecer o resultado da patologia existente, tais como, dificuldade de concentração, fadiga, perseveração, memória, são, na maioria dos casos, expressos por indivíduos, evitando, assim, situações de catástrofe, conseqüentemente reacionais”.

Reação de catástrofe é, para GOLDSTEIN (1933, 1948), uma reação consecutiva a uma situação ressentida como catastrófica. Em tal situação, o indivíduo é ou se sente incapaz de responder às exigências do seu meio. Segundo este autor, os processos no organismo têm uma constância relativa que só pode ser mantida com a condição de que, após cada mudança produzida por um estímulo depois de certo tempo, o equilíbrio seja reencontrado. Todavia, essa constância exige um meio adequado. Um doente sofrendo um dano cerebral apresenta um nível de estimulação alterada que perturba seu processo de equilíbrio.

GOLDSTEIN (1933, 1948) observa que somente os acontecimentos dos processos do mundo externo tornam tal equilíbrio possível, de acordo com o meio onde o organismo está situado. O doente precisa, talvez, mais do que no seu estado pré-mórbido, enfrentar as condições impostas pelo seu meio. Não obstante, segundo este autor, alguns “acontecimentos” do meio familiar podem levar a “performances” não harmoniosas que se transformam em catástrofes, com todas as suas conseqüências, particularmente, a ansiedade. Em suas tentativas para evitar as “situações de catástrofe” que levam a constantes frustrações, o doente reestrutura todos os seus mecanismos de defesa em seu desejo de adaptação, isto é, ele escolhe um meio cujos estímulos não entram em conflito com seus limites. Entretanto, essa barreira defensiva nem sempre resistente, pode ser rompida pelos acontecimentos ambientais indesejados. Isso leva o indivíduo a reagir de maneira catastrófica, a graus variáveis, como, por exemplo, a recusa do seu meio ou, ainda, num caso mais extremo, à perda da consciência.

Para GOLDSTEIN (1933, 1942), o indivíduo precisa de um novo meio para se adaptar à sua estrutura modificada. A grande necessidade de o indivíduo encontrar um meio no qual possa evitar as situações de catástrofes, leva-o a desenvolver um esquema comportamental definitivo.

Essas investigações foram estendidas a casos de comportamento de pacientes, apresentando transtornos no funcionamento neural. Sob este aspecto, a perseveração foi observada nos momentos de delírio, nos casos de lesões cerebrais, de demência, de epilepsia e de esquizofrenia, e mesmo em indivíduos normais sob condições de fadiga e sob a influência de drogas depressivas.

GOLDSTEIN (1948), examinando um paciente, descreve que, num problema aritmético elementar, o sujeito tornou-se violento, apresentando um breve estado de inconsciência. Nesse caso, a “reação catastrófica”, num tipo severo, uma reação levando à inconsciência, poderia ser experimentalmente produzida. Quando o paciente foi questionado, após ter recuperado sua condição normal, sobre o que se passou com ele e o que lhe foi solicitado, ele não foi capaz de responder a qualquer informação. Lapsos de inconsciência, é óbvio, são fortemente desejados, pois evitam situações de catástrofe, uma vez que rompe com todas as situações.

Conforme esse autor, “quando o estímulo vem de uma situação que não pertence ao seu meio, muitas dificuldades apresentadas pelos pacientes tornam-se compreensíveis” (p.13). Para ele, os sintomas que parecem resultantes da patologia existente são freqüentemente apenas a “*expressão do paciente para evitar situações catastróficas construindo assim um padrão protetor*”. Quando todos os estímulos são propriamente situações catastróficas, o paciente isola-se socialmente (p.12).

GOLDSTEIN (1948) observa, no início de sua experiência clínica, que o teste deva ser aplicado em períodos menores, para reduzir os sintomas de fadiga e perseveração. Contudo, esse autor encontra maior evidência para os sintomas citados acima, considerando a particularidade da tarefa como um fator de parâmetro para avaliar a fadiga do paciente, pois, sob contínua atividade (teste), a fadiga pode se manifestar num primeiro período e paradoxalmente diminuir no final da atividade. Afirma, ainda, que a relação entre

a fadiga e a dificuldade da tarefa só pode ser considerada quanto à capacidade individual. A mesma tarefa não representa o mesmo grau de dificuldade para todos.

Para GOLDSTEIN (1948), a fadiga é mais comum de ocorrer quanto mais a tarefa leva o paciente à condição de catástrofe. A fadiga, para ele, concerne não só a aspectos objetivos (performance/curva/fadiga), mas também aos sentimentos subjetivos. Segundo ele, a fadiga subjetiva é omitida nas pesquisas e rejeita tal omissão, afirmando que o indivíduo sente desconforto, indecisão, angústia. As fadigas subjetiva e objetiva podem ocorrer independentemente, pois uma pessoa pode mostrar-se exausta sem ter consciência do cansaço ou, ainda, ser influenciada pela presença do sentimento de estar fatigado. O pesquisador afirma que “estudos do fenômeno subjetivo revelaram que a fadiga não é simplesmente a impossibilidade ou indisposição para agir, mas um *comportamento característico* para uma situação especial, denominada *situação de estresse*” (p. 17).

Assim, enfatiza o autor:

[...] torna-se compreensível porque a fadiga é tão freqüentemente expressa pelos pacientes que facilmente tornam-se estressados. [...] Estudo do fenômeno subjetivo revelou que a fadiga não é simplesmente a impossibilidade ou indisposição para agir, mas um comportamento característico para uma situação especial, denominada de situação de estresse. [...] Um paciente fatigado mostra sintomas semelhantes àqueles vistos num indivíduo em condição de catástrofe: irregularidade na performance, variabilidade, aparecimento de performances correspondendo a nível mais baixo (os mais simples), fixação numa performance a qual o paciente é capaz de realizá-la, por exemplo, rigidez e perseveração. Então, torna-se evidente que tarefas produzem fadiga porque a dificuldade ou impossibilidade de completá-la produz estresse (p. 17-18).

GOLDSTEIN (1948) observa: “sob condição de fadiga, a perseveração é uma reação do organismo para evitar catástrofe. De fato, torna-se aparente se a tarefa é *particularmente* difícil ou o paciente foi exposto antes a tal tarefa. Nesse caso, ele pode perseverar em tarefas ‘fáceis’. A dificuldade na tarefa precedente torna impossível o

processo de equalização, isto é, o equilíbrio. Entretanto, a nova tarefa encontra o organismo em anormal condição e conseqüentemente torna-se incapaz de resolver tarefas ‘fáceis’” (p. 18). Para o autor, a *perseveração* como *fadiga podem ser eliminadas ao menos colocando num certo grau* colocando o exame de tal modo que evite a freqüente ameaça ou entrada de catástrofe”. (p.18)

Dentre a semiologia neurolingüística da afasia, FREUD (1891), em *A interpretação das afasias* (1891, *apud* VERDIGLIONE, 1971), compara a parafasia entre sujeitos normais e com acometimento neurológico aproximando-se da concepção, na qual GOLDSTEIN (1948) considera a perseveração. Assim, para FREUD (1891):

[...] a parafasia observada em alguns doentes em nada se distingue daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si em caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob a influência de estados afetivos que o perturbam e com os quais, para dar um exemplo, os nossos conferencistas nos tornam, com freqüência, difícil a audição (p. 13).

2.4- DISCUSSÃO DO PROBLEMA TEÓRICO DA PERSEVERAÇÃO

A neuropsicologia soviética, na investigação da perseveração no homem, sobretudo os estudos de LURIA (1965, 1978), trata da relação entre perseveração e altas formas de regulação, assim como dos mecanismos que controlam ação ao ser comparada com a intenção.

LURIA (1965) propõe uma análise da perseveração na atividade psicomotora, através de desenhos geométricos e coordenação motora rítmica sob imitação e sob apoio verbal. Define o autor dois tipos de perseveração: motora eferente e programação da ação, atribuídos ao estado de inércia patológica. O pesquisador, examinando suas duas pacientes, relata que uma delas não apresenta dificuldade em nomear figuras, embora, torna-se exausta, levando muito tempo para respondê-las, ocorrendo às vezes perseveração.

Observa-se, assim, que não há uma preocupação em LURIA (1965) em discutir o conceito de perseveração concebido pela psicologia gestáltica de GOLDSTEIN e GELB (1933, 1948), na qual, segundo GOLDSTEIN (1948), a perseveração é interpretada na relação entre atenção e fadiga como sintomas reacionais, isto é, comportamentais decorrentes de processos não patológicos mediante situações de estresse. GOLDSTEIN (1948) define afasia como um problema do pensamento categórico ou atitude abstrata, isto é, segundo o referido autor, afasia é concebida sob o domínio da representação da linguagem, portanto, sob a dicotomia linguagem versus pensamento. Não obstante, para ele, se afasia perturba o saber articular, (língua) é também uma questão sensório-perceptiva, logo, um problema da fala.

Os estudos da perseveração na afasia têm sido amplamente interpretados em contextos metalingüísticos: (JASPER, 1931; NOTCUTT, 1943; ALLISON, 1966, 1967; HUDSON, 1969; BUCKINGHAM *et al*, 1979; YAMADORI, 1981; SANDSON e ALBERT, 1984; ALBERT *et al* 1986; SANTO-PIETRO RIGRODSKY, 1982,1986; VILKKI, 1989; BUCKINGHAM, 1979, 2000; RAMAGE *ET AL*, 1990; HOZTZ *et al*, 1995; PAPAGNO *et al*, 1996; COHEN *et al*, 1998; HIRSH, 1998; ALBERT e MARTIM, 1998; CIPOLOTTI *et al*, 2002). Isto se explica pela tradição em afasiologia em separar a língua da atividade de fala, passando então a ser central uma questão de língua, na qual toma-se um sujeito empírico, interpretado a partir de um conceito embora restrito de metalinguagem aplicado a um sistema nocional escolar e descontextualizado corresponde às normas da língua. Operar com a língua é também uma questão de ordem pragmática, social, cultural, histórica.

A perseveração, por exemplo, é interpretada como um distúrbio de memória operacional (YAMADORI, 1981; SANDSON e ALBERT, 1984) tal interpretação separa processos metalingüísticos e epilingüísticos imbricados na atividade de linguagem. É preciso contemplar todos os níveis lingüísticos: fonológico, semântico, sintático, pragmático e discursivo em diversas instâncias da atividade lingüística, para não considerar a questão da linguagem sendo exclusivamente de ordem patológica. (ver COUDRY e MORATO, 1988)

Jakobson (1981) propõe uma abordagem teórica lingüística para os distúrbios afásicos e afirma que uma das grandes contribuições da lógica simbólica para a ciência da linguagem é a ênfase dada à distinção entre linguagem/objeto e metalinguagem. Segundo este autor, para CARNAP.

Conforme a explanação de JAKOBSON (1981), “[...] nesses dois níveis lingüísticos, linguagem-objeto e metalinguagem, pode ser usado o mesmo estoque lingüístico; assim, pode-se falar em português (linguagem-objeto) a respeito do português (metalinguagem) e interpretar as palavras e as frases do português por meio de sinônimos, circunlocuções e paráfrases portuguesas”. Para o referido autor, em nossa atividade lingüística, operamos com questões metalingüísticas, as quais não são criação dos lógicos nem tampouco da esfera da ciência. A interpretação lingüística por meio de outros signos da mesma língua é uma operação metalingüística essencial na aquisição da linguagem e no seu funcionamento.

Em JAKOBSON (1981), a linguagem tem duplo caráter, falar implica selecionar certas entidades lingüísticas (fonemas e palavras, cuja liberdade individual é nula, pois o código já estabeleceu todas as possibilidades da língua em questão) e combiná-las em unidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade (frases e enunciados com liberdade de compor contextos novos).

Ainda segundo ele, pacientes afásicos com distúrbio de seleção dependem fortemente do contexto, assim quanto maior a implicação do enunciado num contexto verbal ou não verbal, maior a possibilidade de êxito na atividade de fala. Estes pacientes apresentam dificuldade em iniciar um diálogo; são incapazes de responder a um interlocutor real ou imaginário, quando ele próprio é ou imagina ser o destinatário da mensagem.

Esse pesquisador descreve que a atividade dialógica é marcada por metalinguagem à medida que substituímos um signo que causa problema por outro que pertença ao mesmo código lingüístico. Isso é freqüente quando desejamos nos certificar sobre o que falamos: “O que você quis dizer?”, “Está me ouvindo?”. Para ele, a carência afásica da capacidade de denominar “constitui propriamente uma perda de

metalinguagem”, assim como o paciente de HEAD, conforme cita JAKOBSON (1981), “embora utilizasse a palavra no contexto de sua resposta: ‘ Não, eu não posso falar não!’, não pôde usá-la em sua forma mais pura de predicação equacional, a tautologia $a = a$, ‘não é não’”.

LEBRUN (1983), em acordo com JAKOBSON (1981), acredita que o problema de base da afasia de GOLDSTEIN (1948) é de ordem de metalinguagem.

Conforme LEBRUN (1983), considerando a dicotomia linguagem como objeto versus metalinguagem, observa-se que os pacientes de GOLDSTEIN (1948) “[...] muitas vezes, falharam quando tiveram que recorrer à metalinguagem, embora normalmente tivessem sucesso quando puderam usar a linguagem como objeto” (p. 35). Ainda segundo LEBRUN (1983), essa dificuldade de nomear as palavras parece que GOLDSTEIN e GELB, “[...] chamaram de atitude abstrata ou pensamento categórico e consideraram como uma capacidade mental generalizada, é de fato uma capacidade verbal, isto é, a habilidade de usar a metalinguagem” (p. 38).

Segundo LEBRUN (1983), GOLDSTEIN (1948) afirma que, no afásico amnésico, por exemplo, faltam as palavras em certas circunstâncias, especialmente em tarefas de nomeação. Na vida diária, as palavras surgem mais facilmente. Para LEBRUN (1983), um afásico, quando solicitado a nomear um objeto nomear um objeto, exige-se deste uma resposta metalingüística implicada nesta questão: “Que palavra usamos para designar este objeto?”. Isto é freqüentemente muito difícil e o afásico amnésico retorna a uma reação lingüística.

O paciente de GOLDSTEIN (1948), conforme analisa LEBRUN (1983), na impossibilidade de nomear “lenço”, disse “para assoar o nariz”. Outra paciente de GOLDSTEIN (1948), segundo ainda LEBRUN (1983), apresentava uma atitude mental danificada, quando, ao dizer que morava num “apartamento de solteira”, não sabia definir o que era “solteira”. Observa-se, então, novamente, uma questão dicotômica entre linguagem e metalinguagem. Assim, relata LEBRUN (1983): “[...] a paciente podia usar a linguagem como objeto para dizer ao examinador ‘apartamento de solteira’, porém não conseguia usar a metalinguagem para definir uma das palavras que havia acabado de empregar, ‘solteira’,

isto é, defini-la ou substituí-la por ‘pessoa não casada’” (p. 36). O mesmo ocorre para prova de fluência verbal, quando a paciente de GOLDSTEIN (1948) conseguiu nomear os animais a partir de sua experiência, isto é, na seqüência na qual os vira no zoológico.

Segundo LEBRUN (1983), para contornar a dificuldade, as pacientes de GOLDSTEIN (1948) tinham que imaginar estar descrevendo uma situação real (em acordo com Jakobson, 1981), em outras palavras, tinham que substituir um desempenho lingüístico por um metalingüístico, na proposta do teste (p. 36). De fato, conclui o pesquisador, “*quaisquer destes testes são na verdade metalingüísticos*” (p. 36, grifo do autor). Nesse sentido, valoriza-se a fala do ponto de vista racional, pois a idéia de fluência remete a falar direito, certo, e não há preocupação concernente à interação e suas possibilidades.

Ainda para LEBRUN (1983), um acometimento cerebral pode perturbar a habilidade metalingüística em dois aspectos opostos. O primeiro aspecto ocorre na afasia, cuja capacidade comunicativa verbal está relativamente preservada (como vimos nos exemplos de GOLDSTEIN, 1948, acima citados), enquanto o aspecto oposto se dá em pacientes mentalmente perturbados, como descreve LEBRUN (1983), referindo-se à esquizofasia num paciente de TRUPHÈME (1967):

[...] sua comunicação lingüística era constantemente interrompida por divagações metalingüísticas. Em grande parte, a escolha da palavra não era determinada pelo sentido a ser transmitido, porém, pelas associações verbais. As palavras pareciam puxar umas às outras, assim, a oração explicativa era trocada por concatenações de sinônimos ou seqüências aliterativas ou palavras que rimavam entre si. Termos léxicos eram usados por seus valores intrínsecos, baseados na semântica ou relações morfológicas, considerando totalmente desprezível a mensagem a ser transmitida. O todo parecia ser um jogo filológico; a metalinguagem prevalecia.

Assim, continua o autor, “a metalinguagem pode invadir a linguagem como objeto e desta maneira perturbar a comunicação verbal” (p.39). Este estudo da perseveração na afasia considera uma visão de linguagem interacionista, segundo o conceito de GERALDI (1990):

Face ao reconhecimento de que a linguagem é a condição “sine qua non” na apreensão de conceitos que permitam aos sujeitos compreenderem o mundo e nele agir, e que ela é ainda a mais usual forma de encontros e desencontros e confrontos de posições, porque por ela é que estas posições se tornam públicas, é crucial dar a linguagem o relevo que de fato tem.

Conforme GERALDI (1990), o lugar privilegiado do uso da linguagem é a interlocução, entendida como espaço de produção de linguagem e de constituição de sujeitos. É através de interações dos sujeitos, marcadas na atitude do falante, na história e no social, que a linguagem assume, no acontecimento interlocutivo, um estatuto próprio, diferente daquele usado pelas teorias de comunicação de acidente de uso da expressão verbal, como nos testes que se constituem de meros fatos gramaticais, como sílabas, palavras e frases. Na interlocução, segundo GERALDI (1990), é que se localizarão as fontes fundamentais produtoras de linguagem, dos sujeitos e do próprio universo discursivo. Assim, propõem-se três fatos fundamentais na análise da linguagem: a historicidade; o sujeito e suas atividades lingüísticas; e o contexto social das interações verbais.

Nesse sentido, analisaremos a perseveração em duas perspectivas lingüísticas fundamentais a esse estudo. A primeira sob o viés da investigação de testes, subjazendo uma atividade de ordem metalingüística, e a segunda, a linguagem espontânea, obtida na relação dialógica entre a examinadora (E) e os sujeitos afásicos que participam desta pesquisa.

O teste tradicionalmente incide sobre a metalinguagem, a eleição de dois ambientes indica que tanto pode haver reflexão no teste, portanto de linguagem, como também na linguagem espontânea.



3- OBJETIVOS

3.1- OBJETIVO GERAL

Nossa pesquisa é um ensaio de análise segundo o conceito de perseveração proposto por SANDSON e ALBERT (1984) e por GOLDSTEIN (1948), pois entendemos serem complementares, o que permite diferenciar aspectos da perseveração patológica e a perseveração como expressão de um processo normal da atividade de linguagem; numa perspectiva teórica lingüística enunciativa, conferimos um estatuto neurolingüístico próprio da perseveração na afasia que não negligencia aspectos de uso pragmático e contextualizado da linguagem.

3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Descrever os dados obtidos no corpus lingüístico e a ocorrência de perseveração, conforme o conceito adotado para este estudo.
2. Analisar as respostas perseverativas nos contextos de: linguagem espontânea e teste lingüístico e analisá-los conjuntamente.
3. Analisar o corpus lingüístico sobre a perseveração segundo a classificação de afasia.
4. Discutir os resultados junto à literatura existente.
5. Propor um estatuto neurolingüística da perseveração com base numa teoria lingüística interacionista.



4- METODOLOGIA

4.1- MATERIAL

4.1.1- Sujeitos

Os sujeitos desta pesquisa foram avaliados pelo neurologista Prof. Dr. Benito Pereira Damasceno, da Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística do Departamento de Neurologia (FCM/UNICAMP), tendo sido diagnosticados neuropsicologicamente como afásicos (afasia motora eferente, amnésica, semântica e sensorial), sendo três do sexo masculino e um do sexo feminino, na faixa etária entre 51 a 73 anos, apresentando acometimento cerebral de natureza vascular e avaliados num período entre um a 12 anos após o acometimento cerebral.

4.1.2- Instrumentos

O protocolo neurolingüístico, aplicado nos sujeitos com afasia, baseia-se no “Montreal – Toulouse Exame de Afasia”, Módulo Standart Inicial, Versão Alpha. Projeto: Cabral, L. S. (Org.) e Parente, M. A. M. P. (Coord.), (1981) (Anexo 1). Foi aplicado o exame de apraxia buco-língua-facial (Anexo 2), segundo Cristensen (*apud* Fedosse, 2000). Para a obtenção do *corpus* lingüístico, registrou-se a atividade de fala dos sujeitos afásicos numa sessão num período máximo de 60 minutos, através de gravador marca Panassonic – Voice Activated System e fita microcassete, marca SONY, com duração de 60 minutos (MC-60). Transcrição do *corpus* lingüístico segundo MARCUSCHI, 1991. Os sujeitos são avaliados segundo as normas e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. (FCM) – UNICAMP.

4.1.3- Procedimentos

Os sujeitos foram encaminhados pelo Ambulatório de Neuropatologia da Linguagem, do Laboratório de Neurolingüística, onde funciona o Centro de Convivência de Afásicos no Instituto de Estudos da Linguagem, ligado à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, um dos locais em que foi realizada a avaliação

neurolingüística, sob a responsabilidade da examinadora desta pesquisa. Outro local é o Ambulatório de Fonoaudiologia em Neurologia I do Departamento de Neurologia, da Faculdade de Ciências Médicas -UNICAMP.

Dois sujeitos participam do grupo I, um do grupo II, do Centro de Convivência de Afásicos do Instituto de Estudos da Linguagem, e um do Ambulatório de Fonoaudiologia em Neurologia do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP.

Os sujeitos são avaliados na Unidade de Neuropsicologia e Neurolingüística do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP.

São diagnosticados neuropsicologicamente com afasia, segundo a classificação de LURIA (*apud* CHRISTENSEN, 1979), pelo Prof. Dr. Benito Pereira Damasceno, dois sujeitos com afasia motora eferente e semântica (grupo I), um sujeito com afasia amnésica (grupo II) e um sujeito com afasia sensorial, do ambulatório de Fonoaudiologia em Neurologia I.



5- RESULTADOS

Na presente sessão, passaremos, então, a descrever o *corpus* lingüístico da ocorrência de perseveração nos contextos dialógicos e no teste, os quais, acrescidos dos dados lesionais e histórico de vida dos pacientes, nos permitirão uma discussão posterior a respeito do fenômeno da perseveração.

5.1- DADOS DOS SUJEITOS

1.EF

EF é brasileiro, natural de Uauá (BA), casado e pai de três filhos. Nasceu em 10/6/1930. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é superior (Direito). Na época do episódio neurológico, era proprietário de uma pequena empresa de moldura de janela. Atualmente aposentado, chegou, depois do AVC, a fazer um curso e trabalhar como massagista. Quando do acidente, EF passava por dificuldades profissionais e vivia um período particularmente tenso de sua vida, trabalhando em São Paulo.

Em 21 de dezembro de 1988, EF teve um acidente cerebral vascular isquêmico embólico, em território da artéria cerebral média esquerda, com comprometimento da Cápsula Interna na região diencéfalo profunda (tálamo) e do VII par craniano à direita (nervo facial, apresentando hemiplegia à direita com predomínio em membro superior direito).

2.SL

Nascido em Cordeirópolis, em 7/4/1945, casado, pai de dois filhos, cursou o nível superior em administração de empresa, sendo administrador regional da prefeitura. Em suas atividades de vida diária, compunha poesia. Acometido por acidente vascular cerebral isquêmico em território da artéria cerebral média, em 3/8/2001, apresentou hemiparesia, afasia amnésica e disfagia sendo esta regredida.

3.SI

SI é brasileira, nissei, natural de Presidente Wenceslau (SP), casada e mãe de quatro filhos, nasceu em 9/11/1940. Reside já há muitos anos em Campinas. Seu grau de escolaridade é básico (até a 4ª Série do 1º Grau). Trabalhou e viveu grande parte de sua vida na zona rural. Por alguns anos, após o AVC, ajudou os filhos a cuidar de uma relojoaria, numa cidade próxima a Campinas.

Segundo SI, sua língua materna foi o Japonês, mas a partir dos seis anos, quando passou a freqüentar a escola no sítio em que vivia, o Português passou a ser a língua do seu cotidiano. SI relata que os pais falavam Japonês, mas os irmãos (numerosos) falavam Português. Com o marido japonês, sempre falou Português. Sempre que possível, canta-nos algumas canções no idioma Japonês e também “Asa branca” de Luiz Gonzaga.

Em 1988, SI sofreu em AVC hemorrágico. Na avaliação neuropsicológica inicial, SI apresentou discreta paresia à direita, afasia semântica e síndrome piramidal à esquerda. Sua linguagem oral apresentava iteração, acompanhada de dificuldade de encontrar palavras, parafasias semânticas e fonológicas, além de paragrafias, apraxia buco-facial e construcional, discalculias abundantes, paralexias (leitura assemântica). Antes do AVC, segundo SI, entendia o Japonês e compreendia alguma coisa da escrita, mas, após o AVC, perdeu essa capacidade. SI freqüenta o CCA desde 1990.

4.AP

Nascido em Monte Mor em 14/12/1950, cursou o nível fundamental completo, casado, pai de dois filhos. Foi chofer particular por oito anos, aproximadamente, e exercia sua profissão, como autônomo, sendo condutor de perua escolar. Em suas atividades de vida diária, gostava de cuidar do jardim e horta. Foi submetido à clipagem de aneurisma duas vezes, em 1993 e 1995, sendo sofrendo neste último ano, um acidente vascular hemorrágico em território da artéria cerebral média em hemisfério esquerdo, em 10/4/2002, apresentando afasia sensorial, hemiparesia à direita e hemianopsia homônima contralateral. AP faz acompanhamento longitudinal individual em fonoaudiologia.

5.2- ANÁLISE DO CORPUS LINGÜÍSTICO

Análise de apraxia buco-língua-facial * Somente o sujeito 1 (E.F) apresenta dificuldade moderada, na realização de movimentos seqüenciais.

1. EF. AFASIA MOTORA EFERENTE

Ao analisarmos o *corpus* lingüístico de EF, apresentando afasia motora grave e apraxia buco-língua-facial leve, observamos que na linguagem espontânea, na qual se tratou de sua vida familiar, profissional e eventos sociais daquele momento, EF não apresentou perseverações em suas respostas monossilábicas acompanhadas de elementos dêiticos e alguns símbolos gráficos na escrita em toda a interlocução com a investigadora.

EF, ao realizar a prova de leitura de palavras, responde com repetições ao primeiro estímulo apresentado:

E: “pé”

EF: pé, pé, pé

Seguindo as figuras abaixo, observamos novamente a tentativa de aproximação à palavra alvo na segunda resposta:

E: “cruz”

EF: cois, cois

A repetição que se observa na primeira resposta diferencia-se de perseveração contínua, à medida que se observa o comportamento de EF de se fazer entender, repetindo corretamente. Isso é evidente também através da prosódia e reforçado na resposta seguinte *cois, cois*, dado também observado na linguagem espontânea, na qual a examinadora indaga:

E: ela tá morando onde” ((a esposa atualmente mora no Japão))

EF: Sanai, Sanai, Sanai ((o nome da esposa))

EF segue respondendo aos estímulos apresentados abaixo:

E: bola

EF: bala

E: colchão

EF: colchão

À quinta palavra apresentada, “cinema”, observa-se em sua resposta um contexto de perseverações de tipos diferentes:

E: cinema

EF: semona semona o: semana a: ((riso de EF.)) é semana NÃO ((risos)) semana

OH semana na não/ não/ não semana semamba se-mam-ba

Observa-se, então, no contexto acima, uma parafasia fonêmica: ‘cinema’, *semona, semona*, seguida de interrupção pelo comportamento de EF: OH.

A partir dessa parafasia fonêmica, “*semoma/semana*”, chega-se a uma parafasia verbal “cinema / *semana*”. Novamente, observa-se a autocrítica do paciente, EF – AH ((riso de EF.)), seguida de tentativa de acertar a palavra alvo: ‘cinema’. A perseveração contínua emerge: E – “*semana*”, seguida da consciência do erro por EF: NÃO ((riso de EF.)) e, novamente, EF. diz: “*semana*”, com autocrítica dizendo: OH *semana*”

Nessa seqüência podemos descrevê-la, também, como perseveração do tipo *stuck-in-set*, na qual parte da palavra anteriormente dita é retomada. Observa-se novamente a consciência do erro, quando EF diz: NÃO, NÃO, NÃO. Nesse seguimento de acesso lexical, a *perseveração recorrente* emerge em EF dizendo “*semana*”. Decorre, a partir daí, novamente, uma parafasia fonêmica na fala de EF: “semamba”. A examinadora, então, dá o *prompting* verbal à palavra, pois a *perseveração contínua* segue na fala de EF “se-mam-ba”, impedindo-o ao acesso lexical correto, isto é, a palavra alvo, cinema. No desdobramento do seu enunciado, a palavra alvo parece ser ainda ‘cinema’ e não ‘semana’ dada a compreensão e autocrítica de EF.

A examinadora intervém, após a resposta de EF:

E: a:

EF: AH ((riso de EF.))

E: agora leu né”

EF: AH

E: quer ler de novo”

EF: hum semeba OH Semamba e emamba UFA semana não OH

Observamos, acima, novamente uma co- ocorrência de perseveração do tipo *stuck-in-set*: e contínua “semeba, semamba, emamba” com autocrítica de EF. “OH” seguida de expressão de dificuldade e/ou fadiga. EF. em seguida produz novamente, uma perseveração recorrente na palavra:”semana”. Somente através do prompting “ci” que EF. consegue atingir a palavra alvo como vemos abaixo:

E: vou ajudar ci

EF. [nema AH: OH]

Na última prova (de nomeação), ao nomear “violão”, EF diz:

EF: bolarão balalaba é hum (incompreensível) ((E. tenta escrever))

E: não é pra escrever (+) esse teste é só pra falar o nome

EF: o: balalana é (incompreensível) bala valo lau

Temos no exemplo acima, perseverações neologisantes do tipo *stuck-in-set*: “bala”.

Vejamos a ocorrência de perseveração, quando EF. na figura final nomeia partes corporais do gato, dizendo:

E: agora (+) vamo lá (+) o que é essa parte aqui: ((E.mostra a figura do: “gato” e solicita a EF que nomeie, as partes corporais do gato, apontadas na figura.))

((E. mostra na figura do gato o: “rabo”.))

EF: rabo

((E. mostra a figura do gato as: “garras / unhas”))

EF: rao u:a

E: aqui: ((E.mostra na figura do gato o: “bigode”.))

EF: é: NOSSA SENHORA rabo rabo NOSSA SEN/ rabo não não rabo ((riso de

EF.)) é: NOSSA SENHORA RABO RABO.

Ao dizer “bigode”, observa-se em sua resposta, é: NOSSA SENHORA rabo rabo uma *perseveração contínua* precedida de pausa e de autocrítica, quando EF diz: NOSSA SEN marcada por expressão linguística (de forma cristalizada na atividade de linguagem), porém seguida de pausa que não afasta a ocorrência da *perseveração do tipo contínua*: “rabo, rabo” e *recorrente* :” NOSSA SENHORA e novamente recorrente e contínua: RABO RABO.

Esta palavra “rabo”, ao longo do enunciado de EF, aparece seis vezes na tentativa de acesso à palavra alvo ‘bigode’, configurando as perseverações acima citadas.

Observa-se, em EF, exaustão e autocrítica em suas respostas perseverativas, sendo que estas são marcadas por uma maior tentativa de acesso à palavra alvo. A fadiga é observada ao final do exame, assim como na última prova, a de nomeação de figuras. Embora seja uma prova que propicie a perseveração em EF, é também a que o paciente consegue, algumas vezes, nomear. Contudo, na prova de repetição, sua performance é melhor, marcada, porém, pela autocrítica do paciente através de risos, ao repetir uma frase complexa. A ocorrência maior de perseverações neste paciente é na palavra, seguida de perseverações silábicas e fonêmicas.

2. SL - AFASIA AMNÉSTICA

Os resultados do corpus lingüístico do sujeito 2 – SL, evidenciam na relação dialógica, como vemos a seguir: E: “é o que o senhor fazia antes de ter o problema”

SL: tinha três anos eu trabalei na prefeitura

E: o que o senhor fazia lá”

SL: a é admnistra de um a rejão

E: hum hum

SL: eu tinha o da leste

SL: então cruzava escolas de de de tudo mai mai mai de dos os a dos o na antetário antinuário (+) eu tuvo tava lan tabalhando na pré eu naquela região

Observam-se, nos dados acima, perseverações do tipo contínuo: mai mai mai e stuck-in-set: dos os dos. Segue, ainda, o diálogo abaixo:

E; hum hum

SL: eu tu tava ce ce ces na ma na ba é ((riso de SL.)) é dos é dos deles ele

Nesses dados, observa-se perseveração do tipo *stuck-in-set*: ce ce ces, em que o sujeito carrega a sílaba anterior modificando a mesma sílaba e perseveração do tipo *recorrente*: na ma na. Nota-se, nesse sujeito, SL, que a dificuldade de acesso lexical é norteadada por perseverações e com autocrítica ao seu desempenho, isto é, na impossibilidade de obter a palavra, SL ri de sua própria dificuldade.

O diálogo entre a examinadora e SL prossegue e observa-se a perseveração contínua delineando o acesso lexical:

SL: a: não o eu num queria aposentá eu num queria aposentá

E: hum hum

SL: fazê alguma coisa né”

E: certo

SL: o meu pré o meu meu ma meu ma mea ma meu irmão

E: hum

No exemplo acima, a perseveração *contínua e recorrente*: meu a ma , parece, contudo, tentativa de atingir a palavra alvo.

Os resultados obtidos do *corpus* lingüístico do sujeito SL, apresentando afasia amnésica, evidenciam na linguagem espontânea, perseveração do tipo *contínua, stuck-in-set*, recorrente e perseveração do tipo fonêmica *carry-over*, sendo que, nos testes lingüísticos, evidencia-se perseveração do tipo *contínua* e perseveração do tipo *stuck-in-set*.

A perseveração do tipo contínua pode ainda ser inserida no subtipo fonêmica *carry-over*, precedendo período de segmento incompreensível na resposta, SL, ao nomear “cachimbo”, diz: (incompreensível), *chão o cha o chabem*.

Em SL, com afasia amnésica, revelam-se perseverações do tipo contínua mais freqüente na linguagem espontânea do que nos testes lingüísticos. Algumas respostas perseverativas do tipo *contínua* neste sujeito, SL, também são precedidas de dificuldade de acesso lexical: SL: a, a, si, a, si, a, si, a, si, Campinas tem qua, tem, tem quatro setores. Na perseveração do tipo *stuck-in-set*, observa-se que ela emerge formando neologismo com marcada dificuldade de acesso fonêmico-lexical, após um segmento maior de produção de fala, como no exemplo anteriormente analisado: SL: então cruzava escolas, de, de, de tudo, mai, mai de, dos, *os a, dos, o*, na *antitário, antinuário*, eu tuvo, tava, lan, tabalhando, na pré, eu, naquela região.

É importante destacar, finalmente, que esse sujeito, SL, com afasia amnésica, apresenta, na atividade dialógica, um predomínio de repetições (fonemas e sílabas), apresentando também dificuldade apráxica.

3. AP – AFASIA SENSORIAL

Os resultados do *corpus* lingüísticos do sujeito AP, apresentando afasia de Wernicke, evidenciam ausência de perseveração na atividade dialógica, contrastando com perseverações freqüentes nos testes lingüísticos.

As provas lingüísticas, nas quais se observam mais perseverações, são: compreensão escrita de palavras, frases simples e complexas, sendo que a maior ocorrência de perseveração nestas provas é na palavra e do tipo perseveração *recorrente*, seguida de perseveração *contínua* e *stuck-in-set*.

Ao iniciar o exame lingüístico, é preciso que a examinadora intervenha para concentrar a atenção de AP, como vemos no seguimento abaixo: E: certo muito bem vamos fazer essa prova aqui sr. A.”

AP: pois não sim senhora

E: vamos ver como é que o senhor se sai né”

AP: (incompreensível)

E: ó têm umas figuras aí: tá enxergando bem” põe o óculos

AP: (incompreensível) aproveitei da da minha esposa ((AP. esqueceu os óculos e a esposa emprestou os seus, pois segundo ela, têm o mesmo grau.)

E: está vendo as figuras todas”

AP: eu

E: agora eu vou perguntar uma pro senhor ((E. solicita a AP. que mostre a figura mala))

AP: tá certo eu (incompreensível)

E: mostre pra mim a mala

AP: (incompreensível) da senhora ((AP. mostrou corretamente.))

E: certo muito bem vamos ver outra

E: olha outra

AP: (incompreensível)

E: agora aqui ó

AP: conheço muito

E: eu vou perguntar outra figura tá” mostre a espada

AP: (incompreensível) AH essa aqui

E: isso

AP: (incompreensível) da senhora

E: tá acertando

AP: [conheço esse aqui/

E: calma (+) eu vou perguntar mostre a mão

(folha panela pão

abridor pé mão)

de

lata

AP: pão pão televi não toda gente que (incompreensível)

E: eu vou perguntar outra vez

AP: (incompreensível)

E: eu vou perguntar outra vez

AP: eu conheço ele come come a me a Xuxa

E: não não mostre a mão

AP: (incompreensível) ai eu eu eu gos (incompreensível) necessidade desse aqui: aqui e do
pão/ pão/ do pão tão eu conheço ele

Observa-se, na resposta de AP, ao responder “pão”, diz: “come come”. É importante evidenciar a gestualidade da mão de AP, em sua boca com gestos de mastigar. Isso denota a ação de “comer o pão”, inserindo-se uma relação em torno de “mão” e “pão” (a mão no pão), lembrando que o contexto de disposição do desenho “pão” em cima na coluna e “mão” embaixo configurou melhor a associação do que com a “panela”, ao lado de “mão” (segurar a panela). AP, apresentando afasia sensorial, responde “pão” ao ouvir “mão”.

Não obstante no contexto anterior, AP inicia a palavra “pão” em resposta a “mão”. Depreende-se, então, que a parafasia fonêmica é menos relevante, quando AP diz: “televi não toda gente que (incompreensível)”. Interrompido duas vezes seguidas pela examinadora, AP segue em sua elaboração: “eu conheço ele come come a me a Xuxa”. Sua resposta, a priori, com algumas relações semânticas entre “pão e comer”, parecem descontextualizadas. Numa análise mais detalhada, observa-se que há uma referência a “pão”, quando AP diz “conheço ele”, não mais na impossibilidade de acessar a sua palavra alvo, “pão”, mas para superar a sua dificuldade, mostrando à examinadora o quanto ele sabe que é “pão”.

A frase final de AP: come come a me a Xuxa remete a algo veiculado pela televisão em que Xuxa, animadora de programa nacional de televisão, possivelmente faz referência a pão (propaganda ou em seu programa ou algo nesse sentido).

Observam-se repetições de “pão” na intervenção da examinadora, a qual, ao solicitar novamente “mão”, AP diz: [(incompreensível) aí, eu, eu, eu gos (incompreensível) necessidade desse aqui, aqui] e do pão/ pão/ do pão tão eu conheço ele. Essa análise minuciosa deste contexto permite separar repetições de perseveração contínua. Entretanto, a palavra “pão” reaparece em contexto posterior, como vemos abaixo: AP: eu conheço mas num dá pra falá

E: tá bom vamos ver olha todas

pente	ancinho	cenoura
cabelo	ponte	chave AP:

AP: (incompreensível)

E: viu todas” viu todas”

AP: ((AP. não respondeu.))

E: já viu”

AP: nossa (incompreensível)

E: senhor. A.

AP: /s/ (+) conheço mas não dá

E: agora eu vou falar mostre o pente

AP: AH esse aqui esse mesmo ((AP. mostra corretamente.))

E: certo acertou olha tudo

AP: esse aqui

E: eu vou falar agora (+) pode falar”

AP: (incompreensível)

E: pode falar”

AP: esse (incompreensível)

E: pode falar sr. A.”

AP: pode/ pode fala

E: mostre a faca

cama	pá	faca
prato	vaca	colher

AP: esse aqui: do pão/ esse aqui

Observa-se uma perseveração recorrente, à medida que a expressão “do pão” reaparece. Poder-se-ia pensar, também, em uma perífrase, quando AP diz: do pão, tem-se: “faca de pão/faca para cortar o pão”. É preciso mostrar o desdobramento textual do desempenho de AP no exame detalhadamente, para que se possam analisar as

circunstâncias das ocorrências e os tipos de perseverações produzidas por AP. O exame prossegue com E. dizendo a AP:

E: isso

AP: ACERTEI

E: isso acertou (+) está acertando bem hein”

AP: é

E: vamos continuar (+) olha todos (+) mostre a figura onde o homem come

AP: esse aqui ((AP. mostrou errado: “O homem bebe”.)

E: não

AP: então foi esse esse aqui ((AP. não mostra corretamente.))

E: vamos ver agora (+) mostre a figura onde (+) a menina anda (+) anda

AP: menina: esse aqui

E: isso põe o óculos E: isso acertou (+) está acertando bem hein”

AP: é

E: vamos continuar (+) olha todos (+) mostre a figura onde o homem come

AP: esse aqui ((AP. mostrou errado: “O homem bebe”.)

E: não

AP: então foi esse esse aqui ((AP. não mostra corretamente.))

E: vamos ver agora (+) mostre a figura onde (+) a menina anda (+) anda

AP: menina: esse aqui

E: isso põe o óculos

AP: (incompreensível) E: não” tá melhor sem o óculos” mostre a figura (+) onde o cachorro dorme

Gato brincando com a bola.

Cachorro brincando com a bola.

Cachorro dormindo.

Gato dormindo

AP: menina (+) com esse aqui (+) (incompreensível)

Neste seguimento, observa-se uma perseveração do tipo recorrente ao estímulo:

“O cachorro dorme”; AP responde: menina com esse aqui. A palavra “menina” foi corretamente aplicada à figura anterior, onde AP deveria mostrar: “A menina anda”. No entanto, não é possível descontextualizar a partir do sintagma, quando AP diz: menina com esse aqui (incompreensível). A relação “menina com o gato/menina com o cachorro” é perfeitamente aceitável nesse contexto e reforçada, quando a examinadora diz: E: tá

AP: num dá pra mim falá palavra ich: meu filho queria falar direito conheço da menina (incompreensível) do dele

Tem-se, então: “gato/cachorro da menina” ou “menina do cachorro/gato”. A seguir, um outro exemplo de repetição mostra a satisfação de AP, ao acessar a palavra alvo, mesmo que incorretamente, como vemos abaixo:

E: mostre a figura espera aí olha tudo

AP: é

E: mostre a figura onde o cavalo puxa o menino

Menino seguindo o cavalo.

Cavalo puxando o menino.

Menino puxando o cavalo.

Cavalo seguindo o menino.

AP: ESSE AQUI TÁ aqui tá/ esse aqui: também o cavalo e ele puxando o cavalo puxando ca mão cavão/ cavão/ já tô aprendendo muita coisa eu tentei QUERO APRENDÊ Muito aprendi sempre palavras.

E: mostre a figura onde

AP: [MENINA

E: calma ((E. solicita a AP. que mostre na seqüência descrita abaixo, a primeira figura de ação apresentada entre quatro figuras: O cachorro segue a mulher e o carro”).)).

Nessa contaminação entre “cavalo” e “mão” / “cavão”, vê-se uma perífrase cavão /pega com a mão/, (advinda de uma figura de ação anteriormente apresentada a AP: O menino segura com a rédea (mão / o cavalo) e uma perseveração *contínua*, a partir da perseveração do tipo *stuck-in-set*. Pode-se pensar também que a repetição é um processo normal, dada à ênfase expressa por AP. Destaca-se, também, uma perseveração do tipo *recorrente* na palavra “menina”, quando do estímulo: O cachorro segue a mulher e o carro. Poder-se-ia pensar se tal perseveração não traduz também parafasia semântica: “menina/mulher”. O exame prossegue abaixo, quando a examinadora diz: “Calma” e solicita que AP mostre a figura onde “o cachorro segue a mulher e o carro”:

Cachorro e mulher seguem o carro.

Cachorro segue a mulher e o carro.

Mulher e cachorro seguem o carro.

Carro segue a mulher e o cachorro.

AP: tá passando o carro e mais um pequeno

E: essa aí”

AP: é

E: hum hum

AP: ele de carro e o camin

[muito bem

AP: certo”

E: certo(+) OH (+) agora outra

O grande empurra o pequeno na cadeira.

O grande com a cadeira
empurra o pequeno.

O pequeno com a cadeira empurra o grande.

O pequeno empurra o grande na
cadeira.

AP: pode ser que nem tenha (+) pode

E: tá cansado sr. A.”

AP: seja

E: não”

AP: aprende

E: então vamos ver mostre a figura onde o menino empurra o grande na cadeira

AP: pequeno esse aqui: tá (incompreensível)”

E: o pequeno empurra o grande na cadeira

AP: é e ele tá comendo e ele gostava do menina

Nesse contexto, observa-se perseveração *recorrente*. A primeira, “tá comendo”, ocorre numa frase. No início do exame, AP se refere a “pão” dizendo: “come, come” e “da menina”, “menina” palavra anteriormente citada e perseverada por AP. Assim, encontramos uma relação entre “ ele *o pequeno* gostava da menina”, mas não há referência explícita a “ele tá comendo”. Estaria a palavra “correndo” expressando a ação da figura “o menino ‘vem correndo’ e empurra o grande na cadeira”? Essa perseveração recorrente nos parece remeter à interpretação de perseveração ideatória ou associativa, segundo Jasper (1931).

Perseveração descontextualizada e respostas descontextualizadas parecem refletir sinal de fadiga em AP, como veremos a seguir:

E: hum hum.

AP: ele gosta dela os treis jeito DIFÍCIL AQUILO ALI é mais jeito mesmo

A idéia reaparece, quando AP diz: gosta dela. Perguntamos, então, a que se refere “treis jeito difícil”; seriam as quatro figuras apresentadas para escolha de uma?

A avaliação prossegue e E. solicita que AP. associe a palavra: “lata” entre as figuras descritas abaixo:

gato lata barril

caixa relógio barco

AP: gato/ gato (incompreensível)

E: ó onde o senhor vai pôr isso”

AP: gato eu já falei

E: põe o óculos para ver melhor

AP: é

E: põe o óculos pra ver melhor

AP: esse aqui

AP: gato, ah (+) go, gato (+) é outra gente

Observa-se, na resposta acima de AP, a perseveração *recorrente* na palavra gato, seguida de perseveração *contínua*. A referência de AP a “é outra gente” mostra que a perseveração em “gato” não é aqui, seguida em AP de acerto ou de autocrítica. “É outra gente” implica, ao longo do exame e das relações semânticas em AP, portador de afasia sensorial, que não é mais o gato pulando, o gato brincando, o gato da menina e do menino,

o menino gosta da menina, não é mais “gente”, agora é animal, contrapondo-se aos objetos lata, barril, caixa relógio, barco. Outro aspecto relevante é a relação semântica existente entre, as figuras: ”gato e “lata” (gato e lixo/lata) dispostas lado a lado, propiciando a produção da palavra gato.

No desenrolar da prova compreensão da escrita, observamos abaixo, novamente a ocorrência de perseverações:

E: onde o senhor vai pôr” vai pôr onde” em cima dessa (+) dessa (+) dessa (+) dessa ou dessa”

AP: esses dois ((AP. coloca corretamente em cima da lata.))

E: isso aqui ó ó ó

AP: (incompreensível) cavalo de carro/ carro do carro caminhão né” gato (incompreensível) então gato é do car nhão (incompreensível) gato

Observa-se, na resposta de AP acima, uma resposta impregnada de perseverações. Tem-se uma perseveração *recorrente* na palavra “cavalo” (estímulo anteriormente dado) e a emergência de uma palavra nova, “carro”, porém, já vista (a mulher/cachorro/o carro), seguida de perseveração *contínua*, na palavra “caminhão”, compondo uma parafasia semântica “carro/caminhão”. Há, também, uma perseveração *recorrente* na palavra caminhão, citado acima, no contexto de sua resposta ao estímulo: “O cachorro segue a mulher e o carro”, ao que AP responde: “Tá passando o carro e mais um pequeno”. A entrevistadora, então, indaga: “essa aí”; e AP diz: É. produzindo perseveração *recorrente* novamente na palavra gato e perseveração próxima ao tipo *stuck-in-set*; quando parte das palavras anteriormente perseveradas, reaparecem, car(+)nhão (incompreensível). Observa-se, porém aqui, pois, uma aglutinação perseverativa dada a breve pausa, entre carro e caminhão.

Nos segmentos incompreensíveis contidos no início e no fim dessa resposta perseverativa, resta a indagação se estes segmentos delineiam autocrítica de AP. Após o segmento incompreensível, AP termina na palavra gato, formando novamente uma

perseveração *recorrente*. O exame prossegue sob a observação da examinadora abaixo e comentários de AP:

E: hum hum

AP: é duro não queria sarar logo essa parte

Observa-se novamente a perseveração do tipo *stuck-in-set*, parte da palavra “nhão” (caminhão) seguida de autocrítica de sua dificuldade. Nesse momento, podemos novamente indagar se os segmentos incompreensíveis não são referências que AP faz sobre suas respostas incorretas, uma vez que se observam contextos autocríticos. AP segue produzindo perseveração do tipo *recorrente* na palavra gato, como descrevemos abaixo:

E: onde está escrito esta” ((E. mostra a AP a palavra: “bolo”))

rolo de mesa	pneu	sapato
bolo	sorvete	martelo

AP: esse aqui este

E: isso certo vamos passar pra outra ((E. mostra a palavra: “ovo”..))

bola de tênis	galo	osso
avião	cadeira	ovo

AP: (incompreensível)

E: isso agora.

E: isso agora vou ler primeiro né” (+) essa

AP: esse aqui (incompreensível) esse aqui

E: está enxergando bem aqui senhor A.”

AP: esse aqui

E: está enxergando” ((AP. está não está olhando para todas as figuras.))

AP: to/ gato AH ga: é du coisa esse aqui esse aí é é (incompreensível) também esse tá aberto também fechado

Observa-se, na resposta de AP acima, uma perseveração *recorrente* na palavra “gato”, seguida de evocação da palavra alvo, sendo que a palavra gato reaparece. Poder-se-ia pensar, também, numa perseveração *contínua* ou seria apenas repetição de uma resposta perseverativa. O exame prossegue e vemos um contexto de repetições necessárias para AP se fazer entender, como na seqüência abaixo precedendo respostas com perseveração posteriormente:

E: ta (+) pode ser esse (+) né” a: bom

botão de rosa ((fechado))	sino	tesoura
flor aberta	roda	poltrona

E: isso as duas flor né”

AP: é

E: tá certo

AP: vale aberto e fechado (incompreensível) eu tenho na minha casa muito

E: é

AP: planto (+) esses dias eu fui no médico pra arruma consertá pra arruma consertá sabe o serviço muito bom

E: AH

AP: eu peço isso pra aprendê

Nesse contexto acima, fica clara a relação que AP faz entre: plantar/arrumar, fazer o serviço direito e consertar, isto é, também “sara” e melhorar a atividade de fala, pois AP segue em terapia e, na aplicação desse teste, completa: “quero aprendê, quero melhorar”.

E: vamos ver, sr. A. (+) aqui, ó ((E. mostra as figuras descritas abaixo.))

peixe	chapéu	bola de futebol
novelo	mola	gol

AP: esse não (+) esse não (+) nesse não na na na na não/ não esse aqui

E: tá

AP: (incompreensível)

E: isso

AP: pode usar esse aqui e esse aqui (novelo/rolo de barbante)

E: tá certo

AP: é eu uso dos dois (incompreensível) um cavalo (+) um cavachorro é brincam (incompreensível)

Vemos, então, que, ao tentar explicar a diferença entre “rolo de barbante/novelo”, o desenho para AP remete à barbante. Quando este diz: “É, eu uso os dois”, o novelo pode ser “rolo de barbante”, uma vez que AP conserta tudo em casa, o que faz sentido em sua resposta. Entretanto, um segmento incompreensível interpõe-se entre a sua resposta e a perseveração. Estaria AP, aí, consciente de algum erro ou dificuldade de acessar a palavra alvo em sua explicação, ao dizer: é, eu uso os dois (incompreensível) um cavalo, palavra anteriormente citada no exame e falada por AP?. Nota-se a seguir uma aglutinação: cavalo/cachorro, ou, ainda, perseveração do tipo *stuck-in-set*, um cavachorro (cavalo/cachorro), ou, também, uma parafasia semântica: um cavachorro brincan (+) (incompreensível).

O contexto “cavalo/menino/mulher/carro/ônibus” e “cachorro/menina brincando/correndo e menina andando” foi apresentado anteriormente. Novamente, após uma resposta perseverativa, observa-se um segmento de fala incompreensível. Seria este segmento de natureza de autocrítica de AP? AP segue produzindo perseveração e num contexto de parafasia semântica descrito abaixo:

Trem subindo.

Trem descendo.

Caminhão descendo.

Caminhão descendo.

E: hum hum

AP: é AH AH o carro/ do carro (+) sento/ sento é esse aqui: não esse daqui: não pestei atenção

Observa-se na resposta de AP acima uma perseveração *recorrente* em AP ao ler: “O caminhão desce”. A emergência de caminhão aproximou AP à palavra carro. O acesso lexical nesse exemplo perseverativo é a palavra carro, pois há uma frequência maior de sua ocorrência anteriormente citada do que a palavra caminhão que culminou em perseveração, também citada e decorrente de parafasia semântica “carro/caminhão”. AP perseverou em palavras semanticamente relacionadas, mas contextualizadas: A mulher/o carro/e o cachorro. Curiosamente, ônibus/cavalo/menino não desencadeia perseveração, assim como “trem descendo” e “trem subindo”. A emergência de carro pode ser atribuída ao uso que AP fez ao longo de sua vida de motorista (de carro e perua escolar), assunto tratado na linguagem espontânea precedendo a aplicação das provas linguísticas. Tendo AP uma afasia sensorial, não houve possibilidade de realizar o ditado, pois

AP achou muito difícil. Prosseguindo então com a prova de leitura abaixo:

E: leia senhor A. o que está escrito aí”

AP: pode falar o nome”

E: o que está escrito” é: pode falar ((AP. está lendo a palavra :” pé”..))

AP: é que o cavalo (+) aqui o nome dele (incompreensível)

Como vemos acima, novamente temos a ocorrência de perseveração recorrente na palavra “cavalo”. A prova de leitura prossegue abaixo:

E: não esse não (+) tá enxergando” ta enxergando” tá enxergando bem”

AP: hum

E: vamos ver leia essa palavra ((E. mostra a AP. a palavra: “cruz ”.))

AP: (incompreensível) eu não sei o nome dele d a o d

E: isso

AP: (incompreensível) eu queria aprendê a falá

E: o que está escrito aí” ((E. mostra a AP. a palavra :”bola”))

AP: ta: ta: to: cachorro hum hum é é dos dois dois tá lá

E: isso

Nota-se a perseveração *recorrente* na palavra:“cachorro”. Seria também uma perseveração ideatória, à medida que apresentou na prova anterior às figuras do cachorro dormindo/cachorro brincando com a bola; AP diz logo a seguir: é é dos dois dois lá. A prova prossegue abaixo:

AP: eu falo o nome

E: e agora” ((E. mostra a AP. a palavra: “colchão”.))

AP: ga: nhão eu sei o nome dele mas não dá pra falá

E: vamos ver esse ((E. mostra a AP. a palavra: “cinema”.))

AP: ka – te - go - to zero (incompreensível) eu conheço ele aqui mas não dá pra fala

Indagamos se a resposta acima não se enquadra à perseveração do tipo *stuck-in-set* “ga” (gato) e “nhão” (caminhão / colchão). Ao ler a frase, ”Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada”, AP diz::

AP: fran za um gosto

E: aqui começa aqui ó

AP: a ala ga to tro to e gato gato gato

E: gato isso e depois”

AP: (incompreensível) gato gato (incompreensível) apresento-lhe eu conheço ele

E: tá

AP: AH lá eu conheço

Observamos, novamente, a perseveração *recorrente* a partir de uma resposta incorreta. No contexto abaixo, AP parece produzir uma paralexia dentre as unidades lingüísticas automatizadas, letras e números, como vemos, no enunciado de AP, a palavra “zero”:

E: aqui ó ((E. mostra a AP. a palavra: “gasolina”..))

AP: ga gla

E: quase

AP: gla – ter – ter zero

E: e essa aqui” essa é difícil ó” ((E. mostra a AP. a palavra:” complicação”..))

AP: a da grã coisa te (incompreensível) zero quase leio certo

E: quase certa

AP: eu conheço

E: conhece né”.

/.../

E: isso, (+) e essa aqui” ((E. mostra a AP. a frase: “Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada”..))

AP: fran za um gosto

E: aqui começa aqui ó

AP: a ala ga to tro to e gato gato gato

E: gato isso e depois”

AP: (incompreensível) gato gato (incompreensível) apresento-lhe eu conheço ele

AP: a senhora deixou (incompreensível) qué que eu vou noutra cidade noutro Monte Mor noutro Campinas noutro caminhão (incompreensível) frente

Seria a resposta acima referente a viagens que AP realizou em sua vida profissional? A avaliação prossegue abaixo:

E : O céu está azul (+) fale (+) o céu está azul

AP: (incompreensível) é duro fale pra senhora

E: mas (+) é difícil (+) né”

AP: eu conheço tudo (+) eu guardo eu guardo tudo eu queria sabê

E: pode falar mais uma (+) senhor A. (+) pode”

E: ((E. solicita a AP. que repita a frase: “Nós lhe daremos desde que ela reclame”..))

AP: a senhora gostra

E: muito comprida né”

AP: é falá pra mim: eu conheço aqui

E: agora

AP: AH (incompreensível)

E: agora é só pra repetir (+) espera aí senhor A.(+) pode falá”

AP: pode falá

E: o cachorro grande (+) da vizinha (+) mordeu o menino

AP: o cachorro grande (+) homem

Em sua resposta, surpreendentemente, o sr. AP consegue repetir a frase, mas, no contexto e no âmbito da perseveração ocorrida anteriormente (“O cachorro grande” associado a homem), ocorre uma intrusão que remete a quatro figuras de dois homens: um gordo e alto e um magro e alto se alternando, quando um empurra o outro na e com a cadeira. O exame prossegue e questionamos se a fadiga produz a perseveração na seqüência abaixo:

E: não tá ouvindo” (+) não (+) ouve (+) depois o senhor repete (+) o cachorro grande da vizinha mordeu o menino

AP: eu (incompreensível) (+) ((AP. apontou sua orelha.)).

Seria para AP dizer que não entendeu como faz às vezes em terapia?

E: não não o senhor ouve bem (+) o cachorro grande da vizinha

AP: da menina brincando (+) com o menino tá brigando (+) gritando com outro

A resposta acima, “menina brincando”, pode indicar uma perseveração *ideatória*, em que, anteriormente, no início do teste, apresentou-se uma “menina correndo”. Observa-se aqui uma perseveração *recorrente* precedendo um enunciado descontextualizado. Pode-se pensar em fadiga na penúltima prova a ser aplicada? Ou, a fadiga norteia tarefas que impossibilitam a boa performance de AP?

Em dado momento, o exame parece mais extenuante a AP, à medida que se observa a intervenção da examinadora, como na descrição abaixo:

E: tá muito bem (+) agora eu vou mostrar umas figuras pro senhor (+) estamos quase acabando (+) viu”

AP: pode fala/ se tiver certo se tiver errado quero aprendê/

E: então vamos lá (+) o que é isso” ((E. mostra a AP. a figura: “pente”))

AP: ((AP faz o gesto de pentear))

E: isso pra pentear o cabelo (+) o que é isso” ((E. mostra a AP. a figura: “sino”.))

AP: sino

E: isso (+) sino e aqui (+) sr. A ((E. mostra a AP. a figura: “orelha”.))

AP: (incompreensível) cachorro cachorro (incompreensível)

É preciso lembrar que a perseveração *recorrente* neste exemplo, na palavra cachorro, provavelmente ocorre dada a distinção que AP fez entre o gato e o cachorro a partir da orelha, pois as figuras: “gato e cachorro saltando” são bem semelhantes. É uma perseveração que remete a um *frame* semântico “orelha do cachorro”. Observamos segmentos incompreensíveis antes e depois da resposta perseverativa. Seriam, na impossibilidade de acessar a palavra corretamente, tais segmentos, mais uma vez, observados no desenrolar das provas, uma autocrítica de AP ?

O exame prossegue com perseveração *recorrente* na palavra “mulher”, mostrada anteriormente: (mulher/cachorro/carro; mulher escrevendo.).

E: e agora” ((E. Mostra a figura: “violão”.))

AP: esse aqui (incompreensível) diu diu (dium ((AP. faz o gesto de tocar violão))

E: MUITO BEM

AP: É duro falá

E: difícil falá mas o senhor sabe (+) ((E. mostra a AP. a figura: "cachimbo".))

AP: Ó (+) esse aqui (+) pôr ele aqui ((AP. faz o gesto de fumar.))

E: vamos ver outra" está acabando senhor A

AP: (incompreensível)

E: aqui. ((E. mostra a AP. a figura: "banana".))

AP: esse aqui tem (incompreensível). Como chama" a:

E: chama chama

AP: (incompreensível)

E: isso fala

AP: eu gosto dele chupa /S/ até inclusive eu vi na televisão (+) aqui numa televisão (incompreensível) que não pode tá cortada tá (incompreensível) de monte (+) a senhora lê lá que tá (incompreensível) vão cortar

E: a exportação"

AP: é

E: tá com problema"

AP: é tá com problema vai outro e outro (incompreensível)

E: entendi

AP: entendeu". leu"

E: não

AP: tá dando sim eu leio esse negócio li (incompreensível)

E: como chama” ((E. mostra a AP. a figura: ”faca”.)

AP: eu gosto eu gosto (incompreensível)

E: isso

AP: eu gosto conhe

E: [e aqui” ((E. mostra a figura: “gato”.)

AP: Gato gato/ eu lembrei o nome dele GATO/ GATO/ GATO/

É interessante notar que a palavra gato é a que mais contabilizou respostas perseverativas e, finalmente, é produzida corretamente por AP que reconhece seu surgimento no momento correto. Isso denota o quanto a perseveração em gato teve a autocrítica de AP como a resposta inadequada.

E: e agora aqui ó aqui ((E. apresenta a AP. na figura do gato o : “rabo”) como é que chama”

AP: gato (incompreensível)

E: e agora aqui ó (+) aqui como é que chama” ((E. apresenta a AP. na figura do gato: “garras”.)

AP: gato não é bota que pega ele

E: aqui ó ((E. apresenta a AP. na figura do gato: “olhos”.)

AP: mulher gato dois gato

E: aqui ó o que é” como chama” ((E. apresenta a AP. na figura do gato: “bigode”.)

AP: ele ó os dois

AP: gato (+) não é bota que pega ele

Observa-se, então, a perseveração *recorrente* na palavra gato implicada num contexto semântico, as garras do gato: garras/ patas/pé/bota:

E: aqu i(+) Ó ((E. mostra na figura do gato:”olhos”.)

AP: mulher (+) gato (+) dois gato

A perseveração *recorrente* na palavra mulher está implicada em “olhos de gata”, e a perseveração *recorrente* em gato/dois gato, em: “dois olhos do gato ou olhos de gato”, configurando parafasias semânticas. Dado que a perseveração ocorreu ao longo do teste, é interessante evidenciar o diálogo abaixo:

E: PRONTO (+) acabou senhor A (+) o senhor achou difícil”

AP: é tá bom num sei muita coisa sabe o que eu quero’

E : sei (+) o senhor acertou bastante

AP: (incompreensível) num tá muito mau não”

E: não (+) o senhor foi muito bem principalmente aqui no começo o senhor acertou bastante (+) aqui ó ((E. mostra a AP. parte do teste))

AP: (incompreensível) até chega nisso

E: vai melhorar viu “ senhor A alguns testes foram difíceis pro senhor mas muitos outros o senhor acertou bastante

AP: outra coisa será que vamos estudar”

E: vai melhorar viu”

Na resposta acima, resta a reflexão após um longo teste sobre as palavras de AP: “Outra coisa será que vamos estudar?”. Denotaria AP a idéia de seguir em terapia diferentemente desse dia de exame? Interessante observar que AP acha que há algo difícil. Nesse sentido, podemos refletir sobre a fadiga e sua relação com a dificuldade da tarefa relacionadas a produções de fala descontextualizadas, nas quais observam-se perseverações do tipo *recorrente* e *ideatória*.

SI – AFASIA SEMÂNTICA

Os resultados da avaliação neurolingüística de SI, apresentando afasia semântica, não evidenciam, na linguagem espontânea, perseveração. Contudo, é preciso evidenciar as repetições possibilitando o acesso lexical. São repetições caracterizadas por duas, três e/ou a quatro seqüências de sílabas. Não nos parece perseveração contínua, pois tais repetições são constitutivas da atividade de fala de SI e não impedem o acesso lexical à palavra alvo.

Na análise do exame neurolingüístico aplicado, SI não apresenta perseveração nas provas seqüencialmente apresentadas de: compreensão oral de palavras e frases simples e complexas; compreensão escrita de palavras e frases simples e complexas; cópia de uma frase. Na prova seguinte, ditado, não foi possível obter resultados dada a dificuldade apresentada por SI.

A ocorrência de perseveração evidencia-se na prova de leitura descrita abaixo:

E: vou mostrar algumas palavras pra senhora(+) leia isso: ((E. mostra a palavra escrita; “pé”))

SI: pé

E: cruz

SI: cruís

E: bola

SI – [bola]

E – “Colchão”

SI – é (+) é (+) cachorro (+) CACHORRO (incompreensível)

Observa-se, então, a perseveração *recorrente* na palavra “cachorro”, na prova de compreensão da escrita, ao associar a frase à figura (“o cachorro brinca”), conforme abaixo:

Cachorro saltando. Cachorro dormindo.

Gato saltando. Gato dormindo.

SI: O (+) o (+) ca (+) cachorro late (+) NÃO BRILHA

E: isso agora acertou

SI: ((risos))

A partir da relação entre saltar e brincar decorre “brilha”. Na frase seguinte apresentada a SI, “O caminhão desce”, nas figuras abaixo descritas

Trem sobe. Trem desce.

Caminhão sobe. Caminhão desce.

Observamos a perseveração *recorrente* na referida frase e notadamente na palavra ‘brilha’, quando SI diz: o (+) ca (+) chorro é BRILHA (+)NÃO/ é late (+) não é (+) agora não sei

Vemos, então, a autocrítica de SI diante das figuras acima, ao dizer: não (+) agora não sei. Ao que parece, a atenção dirigida à figura anterior, propiciou essa perseveração na frase, se isso procede, a perseveração parece ocorrer somente na palavra ‘brilha’.

Continuando o teste, a examinadora solicita a SI para ler:

E: cinema

SI: é (+) (+) é(+) trovão(+) eu não sei essa

A palavra “trovão” foi anteriormente dada na prova de ditado, na qual SI repetiu, mas não escreveu, dado ser-lhe difícil tal prova. A palavra trovão, pois, vem preencher, agora, como perseveração *recorrente*, na impossibilidade de ler a palavra alvo “cinema”. O teste prossegue abaixo:

E : construção

SI: é: não sei também(+) VICHÍ ((riso))

E: e essa” (+) dona SI (+) gasolina

SI: é, esse eu sei (+) col (+) ai ((risos)) ai, é (+) aquele que, que, monta no, no, no GASOLINA]

Observa-se, nessa resposta correta, a perseveração *recorrente* seguida do tipo *stuck-in-set*, norteando o acesso lexical, quando SI diz: [É, eu sei, col, ai, col]. SI interrompe a palavra “colchão” e se autocritica: [ai]. Nesse sentido, a perseveração, em SI, apresentando afasia semântica, dificulta o acesso à palavra alvo, mas não impediu a ocorrência da resposta alvo corretamente.

Novamente, tem-se perseveração no transcorrer do exame descrito abaixo:

E: viu, só” (+) eu não posso fala (+) tá

SI: a::

E: a senhora tá conseguindo aî” (+) ((E. mostra a palavra “complicação”))

SI: é(+), é(+), pê (+) não pê (+) eu não sei também ((risos))]

E: ta ((E. mostra a frase: “O avião foi embora”..))

SI – [O (+) avião é monta, é (incompreensível) é monta, ah caramba, passageiro]

Não parece uma ocorrência de perseveração *recorrente* entre pares fonêmicos semelhantes: pé/pê na resposta acima de SI: [É, é pê, não pê (+)], mas tentativa de leitura da palavra “complicação”. É interessante descrever o contexto da prova de leitura para que se possa discutir mais profundamente a ocorrência e a natureza da perseveração.

Observa-se na frase de SI uma resposta delineada por relações de conteúdo semântico: “O avião foi embora/SI – O avião monta passageiro”, isto é, “o passageiro monta no avião (sobe)” ou “o avião monta (sobe)”.

Parece, então, que a leitura de SI está vinculada a preencher a performance solicitada: ler com sua interpretação, isto é, com a sua referência, com o sentido que ela atribui ao contexto. O teste prossegue abaixo:

E: hum (+) hum(+) aqui(+) aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada ((E. mostra a frase: Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada))

SI: não (+) não (+) o gato (+) é(+) ai (+) num sei(+) o (+) num sei também ((risos)) o (+) o

E: tá difícil essa” ta (+) e essa aqui” ((E. mostra a frase: “Nós vamos vê-la se você permiti”))

SI: é: o ca + chorro ((fala sussurrando)) não(+) não é(+) o cachorro pré (+) não (+)ai não sei

Nota-se a perseveração *recorrente* na palavra “cachorro”, evidenciada anteriormente (o cachorro dormindo/o cachorro pulando/o cachorro puxando a menina/o cachorro, a mulher e o carro) e suas figuras com disposição variada.

O teste prossegue com o término da prova de repetição sem ocorrência de perseveração de palavras e frases simples e complexas.

Na prova final, denominação (figuras), observa-se a perseveração de um modo particular: SI, ao nomear “rabo” do gato, diz: “orelha”. Numa primeira análise, identifica-se uma parafasia semântica. Resta a dúvida se orelha se insere como intrusão, à medida que a figura da “orelha” não foi reconhecida por SI, que disse: [pa, pássaro], na prova de nomeação de figuras apresentada anteriormente. Contudo, temos o mesmo frame semântico:orelha do pássaro.

Assim, resta a questão: SI falaria “orelha” para a figura da “orelha” apresentada anteriormente após ter dito “orelha” para “gato”? Se isso se confirmar não se configura perseveração recorrente e sim uma parafasia semântica. Nesse sentido, vimos como a perseveração e a parafasia semântica são respostas imbricadas na produção de fala do sujeito.

Parece ser mais fácil para SI perseverar numa atividade anteriormente falada/ouvida do que operar lingüisticamente, por exemplo, na prova de leitura oral. Observamos em SI que a perseveração recorrente preenche lacunas no seu desempenho incompleto. Isto é, na impossibilidade de ler corretamente e/ou escrever, SI busca uma resposta possível já apresentada. Assim, a perseveração *recorrente* emerge como uma estratégia de reconstrução da linguagem para que SI possa corresponder ao sujeito ideal previsto pelo teste. À medida que SI se sente desempenhando entre a resposta errada e a correta, prefere falar “perseverando” a ter que se silenciar. Ao longo do exame, SI assume a sua dificuldade espontaneamente: é, não sei também.

A questão do riso, mediante as tentativas e fracassos para acessar a palavra correta, remete à auto-imagem como um fator individual. Nesta paciente, o riso é espontâneo, ocorrendo ao longo do exame. É importante destacar que a examinadora já trabalhou em terapia temporariamente com SI, sendo o seu comportamento risonho um aspecto de seu temperamento.

Na análise da linguagem escrita, vemos na prova de cópia perseveração “*stuck-in-set*” e recorrente num contexto jargonográfico (anexo I).

As tabelas e quadros nas páginas seguintes sintetizam os resultados dos sujeitos analisados.

Tabela 1 – Frequência dos tipos de perseveração*

Sujeito	Afasia	Recorrente	Stuck - in-Set	Contínua	Total
E F	motora eferente	2	2	2	6
S L	amnésica	4	4	4	12
S I	semântica	6	2		8
A P	sensorial	18	6	4	28

* Segundo a classificação de SANDSON e ALBERT (1984)

Tabela 2 – Frequência dos tipos co-ocorrência de perseveração*

Sujeito	Afasia	Recorrente	Stuck- in-Set	Contínua	Total
E F	motora eferente		2	2	
		2		2	4
S L	amnésica	1		1	1
S I	semântica				
A P	sensorial	5	2		7

* Segundo a classificação de SANDSON e ALBERT (1984)

Tabela 3 – Ocorrência de perseveração entre linguagem espontânea e teste

Sujeito	Afasia	Tipo de perseveração	Linguagem espontânea	Teste
E F	motora eferente	recorrente		x
		stuck-in-set		x
		contínua		x
S L	amnésica	recorrente	x	x
		stuck-in-set	x	x
		contínua	x	x
S I	semântica	recorrente		x
		stuck-in-set		x
		contínua		
A P	sensorial	recorrente		x
		stuck-in-set		x
		contínua		x

Tabela 4 – Ocorrência de perseveração entre linguagem espontânea e provas lingüísticas

Sujeito	Afasia	Linguagem espontânea	Provas lingüísticas
E F	motora eferente		leitura oral repetição de palavras nomeação de figuras
S L	amnésica	x	nomeação de figuras
3	semântica		leitura nomeação de figuras linguagem escrita
4	sensorial		compreensão oral leitura oral repetição de palavras e frases nomeação de figuras

Tabela 5 - Tipo de perseveração e base neuroanatômica*

Sujeito	Afasia	Lesões Anteriores	Lesões Posteriores	Tipos de Perseveração
1	motora eferente	x	x	recorrente stuck-in-set contínua
2	amnésica		x	contínua stuck-in-set
3	semântica		x	recorrente stuck-in-set
4	sensorial	x	x	recorrente stuck-in-set continua

*Segundo SANDSON e ALBERT (1984)

Quadro 1- Tipos de perseveração segundo a classificação de SANDSON e ALBERT (1984)

<p>Recorrente</p>	<p>S: 'bola', R : bola S: 'mesa' R : mesa S: 'carro' R: <i>mesa</i></p>
<p>Contínua</p>	<p>S: cão R: cão, cão, cão...</p>
<p>Stuck-in-set</p>	<p>S : "lista de vegetais" R: "pimentão, tomate, cenoura..." S: lista de animais :R: banana, laranja, maçã...</p>

Quadro 2- Ocorrência de perseveração - sujeito 1

Sujeito	Afasia motora eferente	Provas Lingüísticas	Ocorrência da Perseveração	Tipos de Perseveração
		leitura oral	palavra	
			(cinema)	contínua
			[semona,	recorrente
			semona]	contínua
			[semamba,	stucck-in-set
			semamba]	
			[semana,	
			emana]	
			[semeba,	
			ememba,	
			semamba]	
			palavra	
			(bigode)	recorrente e
			[rabo]	contínua
			[nossa sen]	recorrente
			[rabo]	recorrente
			[rabo]	recorrente
			[nossa senhora]	recorrente
			[rabo, rabo]	contínua

			palavra	stuck-in-set
			(violão)	stuck-in-set
			[bolorão]	stuck-in-set
			[balalaba]	stuck-in-set
			[balalana]	
			[bala]	
			palavra	stuck-in-set
			(garra/unha)	
			[rao...ua]	

Quadro 3- Ocorrência de perseveração - sujeito 2 (SL)

Sujeito	Afasia	Avaliação Neurolinguística	Ocorrência de Perseveração	Tipos de Perseveração
2	amnésica	Linguagem espontânea	Sílaba [mai]	contínua
			sílaba [dos]	stuck-in-set
			palavra / neologismo (antinuário) [anti], [ário]	stuck-in- set
			sílaba [ce]	contínua
			sílaba [na]	recorrente
			fonema /a/	contínua
			sílaba [si]	
			palavra [meu, ma] [chão] [cha] [chabem]	Contínua Fonêmica carry-over

Quadro 3- Ocorrência de perseveração - sujeito 2 (SL)

Sujeito	Afasia	Avaliação Neurolinguística	Ocorrência de Perseveração	Tipos de Perseveração
2	amnésica	leitura oral	sílaba (cinema) [enta], [ci]	stuck-in-set
			palavra (gato) /o/ [ca]	contínua
		nomeação de figuras	sílaba [chan] [cha]	fonêmica carry-over

Quadro 4- Ocorrência de perseveração - sujeito 3 (SI)

Sujeito	Afasia	Provas Linguísticas	Ocorrência da Perseveração	Tipos de Perseveração
3	semântica	compreensão da escrita	palavra (caminhão) [ca (+) chorro]	recorrente
			palavra (brinca) [brilha]	recorrente
			palavra [late]	recorrente
			[late]	recorrente
			palavra [trovão]	recorrente

Quadro 5- Ocorrência de perseveração - sujeito 4 (AP)

Sujeito	Afasia	Avaliação Neurolingüística	Ocorrência da Perseveração	Tipos de Perseveração
4	sensorial	Linguagem espontânea	-	-
Compreensão oral		palavra (pão / mão) [pão]		
		do pão		recorrente e contínua
		palavra [menina]		recorrente
		frase [do pão]		recorrente
		palavra (gato brincando com a bola/cachorro dormindo)/ (cachorro brincando com a bola/gato dormindo) [menina]		recorrente
		palavra (O cavalo puxa o menino) [cavão, cavão]		recorrente e stuck in set
		palavra [comendo]		recorrente
		palavra (Cachorro e mulher seguem o carro.) / (Mulher e cachorro seguem o carro.) (Cachorro segue a mulher e o carro.) / (Carro segue a mulher e o cachorro.) [menina]		recorrente
		palavra [comendo]		recorrente
		palavra [menina]		recorrente

Compreensão da escrita		palavra (gato-lata-barril) (caixa-relógio-barco) [gato, gato]		recorrente e contínua
		[gato]		recorrente
		palavra [cavalo]		recorrente
		palavra (Trem subindo./ Caminhão descendo.) (Trem descendo. / Caminhão subindo) (Trem e caminhão)		recorrente
		palavra [carro]		recorrente
		palavra [gato]		recorrente
		palavra [caminhão] [car + nhão]		stuck-in-set
		palavra [gato]		recorrente
		palavra [durohão]		stuck-in-set
		palavra [gato, gato]		recorrente / contínua
		palavra [brincam]		stuck-in-set
		palavra [gato, gato]		recorrente / contínua
Leitura oral de palavras e frases		palavra [cavalo]		recorrente
		palavra (pé) [cavalo]		recorrente

		palavra (bola) [cachorro]		recorrente
		palavra (gato, caminhão) [ganhão]		recorrente/stuck-in-set
		palavra (zero) [zero]		recorrente
		palavra [gato, gato, gato]		recorrente/ contínua
		frase (Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada.) [ga, to,tro] [gato, gato, gato]		contínua
		frase (O cachorro grande da vizinha mordeu o menino.) [menina, brincando, menino]		recorrente
Repetição de palavras e frases		palavra (homem) [homem]		recorrente
Nomeação de figuras		palavra (orelhas, garras, gato) [cachorro, cachorro]		contínua
Denominação de figuras		palavra (orelhas, garras, gato) [mulher]		recorrente
		palavra (Cachorro e mulher seguem o carro.) / (Mulher e cachorro seguem o carro.) (Cachorro segue a mulher e o carro.) / (Carro segue a mulher e o cachorro.) [menina]		recorrente

		palavra [comendo]		recorrente
		palavra [menina]		recorrente
Compreensão da escrita		palavra (gato-lata-barril) (caixa-relógio-barco) [gato, gato]		recorrente e contínua
		[gato]		recorrente
		palavra [cavalo]		recorrente
		palavra (Trem subindo./Caminhão descendo.) Trem descendo./ Caminhão descendo.)		recorrente
		palavra [carro]		recorrente
		palavra [gato]		recorrente
		palavra [caminhão] car + nhão]		stuck-in-set
		palavra [gato]		recorrente
		palavra [durohão]		stuck-in-set

		palavra [gato, gato]		recorrente e contínua
		palavra [brincam]		stuck-in-set
		palavra [gato, gato]		recorrente e contínua
Leitura oral de palavras e frases		palavra [cavalo]		recorrente
		palavra (pé) [cavalo]		recorrente
		palavra (bola) [cachorro]		recorrente
		palavra (gato, caminhão) [ganhão]		recorrente/ stuck-in-set
		palavra (zero) [zero]		recorrente
		palavra [gato, gato, gato]		recorrente e contínua
		frase (Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada.) [ga, to, tro] [gato, gato, gato]		contínua
		frase (O cachorro grande da vizinha mordeu o menino.) [menina, brincando, menino]		recorrente

Repetição de palavras e frases		palavra (homem) [homem]		recorrente
Nomeação de figuras		palavra (orelhas, garras, gato) [cachorro, cachorro]		contínua
Denominação de figuras		palavra (orelhas, garras, gato) [mulher]		recorrente



6- DISCUSSÃO

Nesta sessão, procuraremos inserir a questão da perseveração na afasia numa perspectiva dialógica de linguagem, adotada para este estudo (GERALDI, 1990; COUDRY e MORATO, 1988), a qual aponta o espaço interlocutivo como produtor de linguagem e delimitado pelo contexto social, histórico e constitutivo do sujeito.

Assim, GERALDI (1991) propõe três atividades que podem ser produzidas com a língua: atividades lingüísticas, epilingüísticas e metalingüísticas. 1) As atividades lingüísticas referem-se ao uso da língua nos processos interlocutivos. 2) As atividades epilingüísticas evidenciam a exercitação reflexiva sobre o funcionamento da língua. 3) As atividades metalingüísticas referem-se à sistematização e à descrição da língua através de um conjunto de elementos lingüísticos próprios para se falar sobre a língua.

Segundo COUDRY e MORATO (1988), “a interlocução tem-se mostrado o lugar apropriado para a emergência de operações epilingüísticas (hesitações, autocorreções, reelaborações, rasuras, pausas longas, repetições, antecipações, lapsos, etc.)”. Assim, para as autoras, “[...] tais operações estão implicadas no processo de aquisição de linguagem pela criança quando da gradual tomada de consciência do objeto lingüístico, encontrando-se também no processo de reconstrução da linguagem no sujeito afásico” (COUDRY e MORATO, 1988, p. 119).

Nas atividades discursivas, como o diálogo, imbricam-se linguagem, metalinguagem e epilinguagem, e elas salientam de algum modo a função reguladora. Assim, essa concepção de linguagem se opõe aos achados na literatura tradicional, nos quais, em sua maioria, a perseveração é interpretada num contexto de ordem metalingüística centrado em provas lingüísticas que permeiam um sujeito empírico (COUDRY, 2001) e que delineiam o déficit lingüístico dirigido à concepção de língua/linguagem.

Na concepção acima citada, segundo COUDRY e MORATO (1988):

[...] a língua, tomada como um objeto em si é o resultado de recursos expressivos próprios de cada língua natural, organizados segundo critérios de uso. Esta dimensão sintática da linguagem. Tais recursos são interpretados em sistemas de referência onde

categorias e relações são construídas culturalmente [...] é na própria linguagem que se selecionam as coordenadas dêiticas que orientam a interpretação para determinados aspectos da situação discursiva. Nesse aspecto, constitui-se um suporte para as relações pragmáticas da linguagem que se estendem além do estritamente dito (p. 119).

Em acordo com BUCKINGHAM *et al* (1979), os quais estudam a perseveração em contextos de linguagem espontânea e teste, são poucas as análises lingüísticas nas quais a perseveração é vista para além de testes metalingüísticos. RAMAGE *et al* (1999) afirmam que não há um estudo sistemático da perseveração em sujeitos normais, sendo que os estudos de perseveração nesses sujeitos vêm de pesquisas comparadas a sujeitos com acometimento cerebral.

COHEN e DEHAENE (1998) partem do princípio de que a perseveração, para ter uma descrição completa, exige uma análise quantitativa neuropsicológica, embora afirmem que a perseveração tem sido analisada mais qualitativamente.

É importante destacar que, em muitos estudos publicados em afasia, a complexidade de tarefas lingüísticas, na maioria das vezes, não corresponde ao nível de escolaridade dos sujeitos afásicos. Observa-se, ainda, que a maioria dessas pesquisas é realizada em hospitais públicos, cujo atendimento, predominantemente, é dirigido para a população mais carente e com pouco acesso à formação escolar superior. Vejamos alguns exemplos do teste M1 Alpha aplicado nesse estudo e adaptado para os estudos em sujeitos afásicos no Brasil, isto é, frases longas e complexas, tais como: “Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada”; ou: “Nós lhe daremos desde que ela reclame”; ou ainda: “Nós vamos vê-la se você permitir”. Coloquialmente, não falamos assim, e, para um sujeito com afasia nas condições explicitadas acima, torna-se bastante complexa.

O fato de não encontrarmos um número maior de perseverações na prova de repetição de frases talvez possa parcialmente ser explicado pela estrutura da frase. No entanto, a perseveração é fortemente atribuída à tarefa de nomeação, como, por exemplo, a nomeação, interpretada em algumas pesquisas (PENFIELD E ROBERTS *apud*

BUCKINGHAM *et al*, 1979; SANTO-PIETRO e RIGRODSKY, 1982, 1986; COEHN e DEHAENE, 1998; Martin *et al*, 1998; GOTTS *et al*, 2000).

Os estudos de JAKOBSON (1981) explicitam a questão metalingüística na afasia, quando avaliada em ambientes de provas lingüísticas, e o fato de o sujeito não nomear parece ser a condição propriamente metalingüística, pois, certos afásicos, segundo JAKOBSON (1981) precisam fortemente do contexto.

Nesse sentido, a perseveração, ainda assim, não pode ser atribuída à proposta da prova lingüística em si. A relevância parece estar mais na natureza da tarefa de ordem metalingüística que norteia os testes de avaliação de linguagem (LEBRUN, 1983), cujo objetivo é salientar e diagnosticar o distúrbio afásico. Assim, o fenômeno da perseveração vincula-se inadvertidamente apenas ao contexto patológico e recebe um tratamento apenas metalingüístico.

A questão da perseveração, segundo as afasias descritas nesta pesquisa (afasia motora eferente, amnésica, semântica e sensorial), delinea a semiologia neurolingüística do tipo de afasia. Observa-se, nesses sujeitos com afasia, que a perseveração se evidencia enquanto déficit lingüístico, por exemplo, numa dificuldade de acesso lexical (como na afasia amnésica), observando aí a perseveração do tipo contínua.

Não podemos estabelecer uma relação entre o período recente ao acometimento cerebral e a ocorrência de perseveração, conforme a literatura (HELMICK e BERG, 1976). Nossos pacientes foram avaliados a partir de um ano e seis meses após o acometimento cerebral. Entretanto, é importante destacar que observamos perseveração num período de 12 anos após o referido acometimento no sujeito EF e períodos longos associados à ocorrência de perseveração são pouco citados na literatura. Este sujeito (EF), apresentando afasia motora eferente grave, não persevera na linguagem espontânea. A perseveração ocorrida no ambiente de provas lingüísticas parece ser mediada pela questão metalingüística, fortemente imbricada nesse contexto que norteia classicamente a investigação de perseveração na afasia.

Na afasia sensorial (sujeito AP), tem-se a perseveração do tipo contínua, *stuck-in-set*, sendo que a perseveração do tipo recorrente ocorre ao longo do teste delineando parafasias fonêmicas e semânticas decorrentes da dificuldade relativa à compreensão da linguagem. Na afasia motora eferente (EF), observa-se a perseveração dos tipos contínua, recorrente e *stuck-in-set* em produção léxico-fonêmica e léxico-semântica. Na afasia semântica (SI), observam-se perseverações do tipo recorrente, originárias de dificuldades léxico-semânticas.

Observamos, também, que a perseveração delinea algumas vezes parafasias fonêmicas, constituindo, predominantemente, parafasias semânticas. Encontramos co-ocorrência dos três tipos de perseveração: contínua e *stuck-in-set*; contínua e recorrente; e *stuck-in-set* e recorrente. Há menor ocorrência de perseveração do tipo fonêmica “*carry-over*” (EF).

Nessa vertente metalingüística, proliferam as taxonomias para a perseveração nos estudos em afasia, até mesmo com programa de linguagem próprio para perseveração (ESTABROOKS (1987). Os estudos de SANTO-PIETRO E RIGROSDSKY (1986), propõem tipos de perseveração (combinada, total e parcial), partindo da produção lexical para a produção de perseveração no plano do fonema de um modo singular, que classificam como perseveração “fonêmica *carry-over*”. Embora essas autoras ressaltem, por um lado, que sua pesquisa se restringe à análise lexical/nomeação de figuras, propõem, por outro, uma taxonomia lingüística para perseveração, em termos gerais.

Nessa mesma perspectiva, os pesquisadores SANDSON e ALBERT (1983) propõem uma base neuroanatômica e neurofisiológica correlata aos tipos de perseveração, configurando uma visão dicotômica entre uma base orgânica/cérebro e uma base lingüística e sintomatológica. Os referidos autores encontram alta porcentagem de respostas significativas do tipo *stuck-in-set* em sujeitos com afasia e decorrente de lesões frontais.

Nossos achados aproximam-se dos de SANDSON e ALBERT (1984), que evidenciam perseveração do tipo *stuck-in-set* para o sujeito com afasia motora eferente, acompanhando lesões anteriores e, com maior frequência, perseveração do tipo recorrente para as afasias sensorial, amnésica e semântica decorrentes de lesões posteriores. Já a

perseveração do tipo recorrente nos sujeitos afásicos é própria de lesões têmporo/parietais, e está associada a uma base neurofisiológica, como a diminuição da acetilcolina. A perseveração contínua decorre a partir de lesões no hemisfério direito.

De acordo com SANDSON e ALBERT (1987), bem como VILKKI (1989), em 62 sujeitos submetidos à intervenção neurocirúrgica há alto número de respostas perseverativas do tipo recorrente nos sujeitos com lesões posteriores, enquanto as perseverações do tipo *stuck-in-set* delineiam lesões anteriores. Contudo, SANTO-PIETRO e RIGRODSKY (1986) e GOLDBERG e TUCKER (1986) não encontram tal correlação. Conforme nossa pesquisa, em concordância com SANDSON e ALBERT (1984), a perseveração do tipo “retardada” é encontrada na afasia de BROCA e de WERNICKE, assim como, na Anomia, não configura perseveração “imediate” de YAMADORI (1981), pois esta ocorre tanto num contexto como em outros, configurando perseveração recorrente.

SANTO-PIETRO e RIGRODSKY (1986) distinguem as perseverações dos erros lexicais primariamente semânticos “ca” (gato) / “raoon” (gambá).

Conforme a explanação lingüística de JAKOBSON (1964), a perseveração fonêmica *carry-over*, segundo a classificação dessas pesquisadoras, pode ser analisada no contexto lingüístico proposto pelo autor, por exemplo, o que ocorre na afasia motora eferente (LURIA, 1978). No plano fonêmico, isto significa dificuldade em usar fonemas oclusivos, dificuldades em construção de sílabas e impedimento de realizar transição de um fonema a outro, de uma sílaba a outra, como vimos no caso do sujeito EF.

Segundo JAKOBSON (1964), “[...] aspectos prosódicos, por exemplo, *stress*, na língua russa, tom, na língua norueguesa, e quantidade de vogal estão afetados porque estes aspectos prosódicos envolvem contextos silábicos. Há contrastes nas seqüências, refletidos na compulsão para fazer assimilações fonêmicas”. Para ele, Fry (1959) descreve um exemplo típico: “[...] um paciente que, ao ler uma seqüência de palavras como: wood, kick, wear, e feet, substitui todas as consoantes por /w/”, (p. 27). Para JAKOBSON (1964), LURIA (1978) confere a explicação “à inércia patológica do programa de ações, na qual o sujeito repete a resposta prévia iniciada pelo mesmo fonema, sílaba, palavra ou ações”

(p. 27). Apenas um dos sujeitos da presente pesquisa comete em menor frequência perseveração fonêmica *carry-over*, o sujeito EF.

KELLER (1927, *apud* BUCKINGHAM, 1979) descreve a perseveração devida à repetição de resposta previamente correta e reforçada e perseveração controlada por padrões de estímulos irrelevantes. Os dados desse estudo evidenciam que os estímulos perseverativos não são irrelevantes e apresentam relações contextuais. A análise dos dados focaliza a ocorrência da perseveração ao longo do exame, tanto na linguagem espontânea como nas provas lingüísticas. Muitos estudos na literatura referem-se a parâmetros de perseveração isolados norteando somente as tarefas propostas. O referido autor afirma: “Há, provavelmente, um número de processos diferentes pelos quais a perseveração é produzida” (p. 154).

Seus achados evidenciam maior ocorrência de perseverações do tipo *stuck-in-set* (73%) e somente no teste de WISCONSIN (que propõe mudanças na apresentação de cartas variadas entre formas, números e cores), há 2% de ocorrência de perseveração contínua, sendo que 24% são de perseveração “recorrente”, observada em todas as tarefas (nomeação, geração de nomes, de animais e palavras iniciando com a letra “s” e uma prova grafomotora), sendo estas somente 1% do total de respostas. A perseveração contínua não é freqüente.

No estudo de RAMAGE *et al* (1999), a média de idade para os sujeitos mais velhos é de 67,9 (60-75) anos, e para os mais novos é 25,4 (20-35) anos. Sendo esta pesquisa de ordem qualitativa, pode-se apenas constatar que dois dos nossos sujeitos idosos, EF e SI, produzem perseverações. ALLISON (1967) observa que a perseveração apresenta uma curva, sendo mais freqüente na infância, tornando-se estável na fase adulta e ascendendo na terceira idade. Contudo, os estudos em afasia, em sua maioria, são decorrentes de sujeitos idosos e adultos, sendo que nestes não se incluem os jovens adultos.

SERON (1983) observa que, nos estudos em afasia no adulto e afasia infantil adquirida, resta uma faixa etária entre 12 a 20 anos, que deve ressaltar, num exame mais profundo, eventuais “semiologias intermediárias”. Nesse sentido, questionamos se haveria particularidades para a ocorrência de perseveração no jovem adulto.

SANTO-PIETRO e RIGRODSKY (1986) propõem uma taxonomia de subtipos de perseveração advindos de uma análise neurolingüística de teste de nomeação de figuras. Dada a quantidade de figuras (80) divididas em dois grupos; focalizando 80 respostas, controladas temporalmente entre um, 5 e 10 segundos e de natureza semanticamente fácil, ambos extraídos dos primeiros mil nomes mais freqüentes da língua, segundo THORNDIKE e LORGE, 1944) a serem nomeadas, evidencia-se, nessa pesquisa, uma preocupação sobre a freqüência da perseveração num paradigma de figuras focalizando categorias. Embora as autoras afirmem que seus resultados não podem ser “respaldo” para outros testes, parece haver aí um paradoxo, pois, através destes, se propõe uma classificação de perseveração inserida num eixo paradigmático de palavras.

PAPAGNO e BASSO (1996) afirmam que muitas das respostas perseverativas encontradas nos pacientes afásicos de SANTO-PIETRO e RIGRODSKY (1986) podem ser parafasias semânticas. Em acordo com essas pesquisas, em nossos achados, algumas vezes há perseverações que incidem sobre um *frame* semântico, podendo também caracterizar parafasias (EF, SI, AP).

Encontramos, num de nossos sujeitos (AP), perseveração produzida de um modo particular, isto é, na realização da prova de mostrar a figura. Ao observarmos como ele persevera ao retomar (“perseverar”) na palavra menina, ele contextualiza: [a menina brincando, (+) ele gosta dela]. O que teria propiciado isso? As figuras próximas “menino e menina brincando?” O “ele gosta dela” é uma relação do jogo, marcada no desenvolvimento da linguagem, crianças brincam, se gostam, brigam, etc. Mais uma vez, observa-se a perseveração no processo de produção contextualizada da linguagem como parte integrante e não excludente da atividade lingüística.

Segundo MORATO (1966), a função reguladora da linguagem, conforme VYGOTSKY (1934, 1987) apresenta “diferenças estruturais e funcionais” entre linguagem externa e interna. MORATO (1996) afirma que “esta é uma caracterização inadvertida se considerarmos que sua argumentação mais aponta instâncias discursivas a diferenciá-las do que propriamente ‘estruturais’” (p. 35). Para a autora, há dois aspectos fundamentais considerados na função reguladora por VYGOTSKY (1934; 1987): “[...] o modo **como** o sujeito age com a linguagem, e como ele pensa **sobre** a linguagem”. Como esquema

explicativo, afirma MORATO (1996), há dois movimentos integrantes dessa “progressiva atividade epilingüística”, conforme afirma FRANCHI (1977): “[...] esse aspecto fundamental da linguagem a torna um instrumento dúctil e eficaz de contínua retificação de todo o anteriormente organizado, remanejando o que se poderia supor imanente, fixo, definitivo”. Mas seriam atividades lingüísticas e epilingüísticas (linguagem e epilinguagem) dois processos importantes da atividade de linguagem, uma tida como consciente e outra tida como mais inconsciente. Continuemos com FRANCHI (1977):

[...] por outro lado, a atividade lingüística supõe ela mesma esse retorno sobre si mesma [...] de modo a estabelecer uma ação entre esquemas de ação verbal seletiva e consciente na medida em que reflete sobre o processo mesmo de organização e estruturação verbal; justamente em virtude dessa façanha, operando sobre signos que se tornam objetos dessa reflexão, o homem ultrapassa os limites do observável e do perceptível (p. 35-36).

GERALDI (1991), em seu estudo sobre o “trabalho” lingüístico da linguagem dos sujeitos, discute relativamente à tomada de consciência dos objetos lingüísticos, ao distinguir as ações que se fazem **com**, **na** e **sobre** a linguagem. COUDRY e MORATO (1988) e GERALDI (1991) indicam a **interlocução**, bem como as atividades **epilingüística** e **metalingüística**, como o lugar mais evidente da ação reguladora da linguagem sobre outros processos cognitivos e sobre as relações de sentido. MORATO (1996) lembra, ainda, que não há possibilidade de um critério rígido que possa separar as ações com a linguagem e as ações sobre a linguagem. Ao falarmos, atuamos (pensamos) sobre a linguagem. Assim se pronuncia GERALDI (1991, *apud* MORATO, 1996): “[...] vão se produzindo as possibilidades de ultrapassagens destes limites (estabelecimento de formas de compreensão do mundo, a partir das ações da linguagem)”. Afinal, ao falarmos, já refletimos sobre a linguagem e seus usos. Prossegue o autor:

A metalinguagem estaria, pois, integrada às práticas lingüísticas. Não se reduz à evocação do sistema nocional ou de categorias metalingüísticas (definições, relações paradigmáticas entre palavras, etc.) modo que se repete aqui a oscilação entre a estabilidade e a mudança. Em ambas, o trabalho lingüístico que constrói uma e outra: as possibilidades de raciocínio

lógico-lingüístico e os sistemas de referências. E, obviamente não só o trabalho lingüístico (p. 86).

Nessa vertente, na atividade de linguagem observada em nossos sujeitos (EF, SL, SI, AP), permeada de segmentos de fala ininteligíveis e/ou atitudes de autocrítica e inferências práticas feitas no decurso da ação, observamos um percurso epilingüístico, auto-reflexivo, regulador, em que o sujeito age **com** o objeto lingüístico. A perseveração, nesse contexto, não está desnecessariamente desvinculada do sujeito que age sobre a linguagem, o que lhe permite se reconstituir como sujeito falante, comunicativo.

BUCKINGHAM *et al* (1979) lançam a hipótese de que a perseveração emerge involuntária e inconsciente, mas que pode ser monitorada. O sujeito, ao produzi-la, trata de suspendê-la, isto é, se autocorrige. Esta característica se confirma em nossos sujeitos, como: EF - [NÃO Nossa Senhora]; SL - [AH, lê outra]; SI - [Late, NÃO ((risos))]; e AP - [Gato, eu já falei].

Demonstramos, em nossas análises, que a perseveração, embora involuntária, não é necessariamente inconsciente, pois, em todas as instâncias observadas, a perseveração está vinculada às atividades lingüísticas, sendo mais relevante/produtiva em contextos metalingüísticos do que epilingüísticos.

Um estudo mais detalhado de KELLER (1927), citado por BUCKINGHAM (1979), evidencia que os estímulos perseverativos não são irrelevantes e apresentam relações e implicações contextuais. A análise dos dados indica a ocorrência da perseveração ao longo do exame, tanto na linguagem espontânea como nas provas lingüísticas. BUCKINGHAM *et al* (1979) afirmam a respeito: “[...] muitos estudos na literatura se referem a parâmetros de perseveração isolados norteando somente as tarefas propostas. Há provavelmente um número de processos diferentes pelos quais a perseveração é produzida” (p. 154).

Segundo BUCKINGHAM *et al* (1980), LEICHESTER, SIDMAN, STODDART e MOHR (1971), discutindo apraxia motora, afirmam que, “[...] embora o déficit na área pré-frontal esquerda ou a interrupção na associação das fibras vindas dessa região, o paciente pode ter dificuldade voluntariamente ao iniciar a ação, a qual, uma vez

iniciada, é bem realizada ou ele pode ter problema na realização de uma forma de atividade para outra quando solicitado a fazê-lo. [...] Apraxia é definida como a perda na habilidade de desempenhar, voluntariamente, ações de tarefas objetivas em ausência de qualquer perda primária motora ou sensorial. [...] Uma das características do comportamento apráxico é a perseveração. Pacientes apráxicos não perseveram necessariamente, mas muitos o fazem” (p. 332-333).

Dada a presença importante de apraxia buco-língua-facial, encontrada num de nossos sujeitos (EF), pensamos que, em acordo com os autores acima citados, esse achado pode contribuir na ocorrência de perseveração.

Para CHRISTENSEN (*apud* FEDOSSE, 2000), em seu protocolo de avaliação da apraxia buco-língua-facial, quanto ao item *organização dinâmica*, a autora afirma que as provas que o compõe são eficazes para indicarem a presença de lesão do córtex motor anterior, que caracteriza a chamada inércia do sistema motor. As manifestações clínicas se apresentam basicamente como perseverações motoras; o sujeito executa rapidamente o primeiro movimento, mas se mostra incapaz de passar para o próximo.

Nossos achados confirmam a tese de BUCKINGHAM *et al* (1980), para a qual a perseveração também ocorre a partir de uma resposta errada e que várias respostas perseverativas iniciais podem ser semântica e/ou fonemicamente relacionados ao estímulo. HELMICK e BERG (1976) consideram como perseveração contínua uma resposta sucessiva constituída da mesma palavra a partir da primeira, por exemplo: “chapéu, chapéu” ou, “I seee a little car” (eu vejo um carro pequeno).

Nessa questão sobre a forma de ocorrência da perseveração contínua, é preciso considerar diferenças na produção da oralidade e da escrita pois, aquela sugere que a atitude do sujeito marca a diferença entre uma repetição normal e uma perseveração contínua. O que caracteriza a perseveração contínua não parece ser somente repetições, mas repetições sucessivas impedindo o acesso lexical, sendo fortemente marcadas pelo desejo do sujeito de atingir a resposta alvo mediante sua autocrítica.

BUCKINGHAM *et al* (1979) estudam dois sujeitos afásicos com acometimento no hemisfério esquerdo posterior. Em acordo com HELMICK e BERG (1976), BUCKINGHAM *et al* (1979) notam que a perseveração na sua ocorrência inicial não é necessariamente uma resposta correta. A paciente DL de BUCKINGHAM (1980), ao nomear a figura “mão”, diz: [drink]. Esta palavra não só é perseverada ao longo da sessão, como também na entrevista após três dias.

Nossos dados não indicam uma perseveração referente a períodos distantes de avaliação. Porém, os dados de BUCKINGHAM *et al* (1979) são interessantes para a nossa reflexão sobre perseveração. O referido autor, em 25/5/1974, solicitou à sua paciente que nomeasse a figura da “mão”; esta disse: “*more drink...drink*” (mais beber...beber). A palavra “drink/beber” foi perseverada durante a entrevista restante. Após três dias, quando lhe foi solicitado que enunciasse os dias da semana, DL disse: “*six, seven, eight*” (seis, sete, oito), e, após a realização de algumas tarefas, ela recitou os números. Em 17/5/1977, quando, então, DL foi solicitada a repetir a palavra “sing/cantar”, respondeu: “*dri... drink...drink*”.

BUCKINGHAM *et al* (1979) discutem o aspecto fonético no contexto desta prova, embora esses pesquisadores estudem a relação entre perseveração produzida no teste e na linguagem espontânea. Não nos parece que a perseveração, em nossos sujeitos, tenha sido produzida a partir de uma condição de descontextualização. Ao contrário, procuramos demonstrar que há um imbricamento no contexto de produção da perseveração em todas as instâncias de sua ocorrência: em situações de teste e em situações de linguagem espontânea. A questão na paciente de Buckingham *et al* (1979) leva-nos a refletir sobre dados de sua vida pessoal; por exemplo, haveria uma relação, para DL, entre beber e a perseveração produzida no contexto acima citado?

Em acordo com HIRSH (1998), nossos resultados indicam também dificuldade de acesso fonêmico-lexical em dois sujeitos (EF, SL), e fonêmico-semântico (AP) e léxico-semântico (AP e SI) nos demais. Isso reforça a idéia de que é preciso refletir junto a uma teoria lingüística que explique a natureza processual da perseveração, e não somente a classifique, descrevendo-a segundo um aspecto modular de representação lexical, fonêmico e/ou semântico. Os resultados evidenciam, em menor ocorrência, perseveração com a

unidade de neologismo (SL), conforme aponta HIRSH (1998). Encontramos, em um dos nossos sujeitos (AP), uma resposta com perseverações do tipo recorrente em todo o enunciado.

Segundo GOLDSTEIN (1948), “[...] o paciente pode perceber se o estímulo visual é suficientemente forte, mas após um tempo, ele pode cessar de ver o objeto independentemente da estimulação contínua; após um certo tempo, o estímulo pode aparecer novamente”. Nesse sentido, pensamos que a perseveração recorrente aparece a partir de um estímulo visual não processado verbalmente anteriormente, quando, na situação de realização da prova de nomear a figura da “orelha”. Ao término do teste, na última figura do gato, SI diz “orelha” para rabo. Num mesmo “*frame*” semântico a interpretação de perseveração se atenua, pois configura uma parafasia semântica, quando diz: [é orelha, não é patinha].

BUCKINGHAM *et al* (1979) encontram perseverações a partir de palavras que não foram processadas verbalmente. Contudo, pensamos que a perseveração ocorrida num de nossos sujeitos (SI) não assegura uma explicação somente de ordem orgânica. Pelo contexto lingüístico e situacional (teste/figura “difícil”), pode-se chegar a uma explanação diferente da perseveração, em que parafasias semânticas e perseveração em SI configuram processos epilingüísticos, nos quais sua atitude de inferência e autocorreção diz respeito também ao nível de escolaridade, colocando em questionamento respostas tidas como inadequadas apresentadas por SI, tais como paralexias, parafasias e perseverações, quando analisadas numa perspectiva que inclui na linguagem operações metalingüísticas e epilingüísticas.

Analisamos a relação entre fadiga e perseveração e constatamos, em acordo com GOLDSTEIN (1948), que a perseveração está diretamente ligada à dificuldade da tarefa. A perseveração não só é expressa com o sintoma de fadiga e tensão (quando o paciente EF apresentou sudorese na testa no desenrolar do exame), como também parece acentuar a fadiga objetiva (GOLDSTEIN, 1948).

No desenrolar do exame, pensamos que a perseveração associativa, conforme JASPER (1931) e NOTCUTT (1943), produzida por AP, parece ser sinalizadora de fadiga. Na impossibilidade de atingir a palavra alvo, o sujeito (EF) vai perseverando, extenuado

pela “condição de catástrofe”, nos termos de GOLDSTEIN (1948), que a dificuldade da tarefa lhe impõe. Observamos que a perseveração, por um aspecto, é uma resposta do sujeito para evitar uma reação catastrófica (GOLDSTEIN, 1948). Por outro lado, passa a ser sinalizadora de reação de catástrofe.

Segundo GOLDSTEIN (1948) ao romper o equilíbrio, sob tal condição de catástrofe, “o indivíduo passa a perseverar na tarefa seguinte considerada “fácil” nos termos de GOLDSTEIN (1948), ou menos difícil, considerando a questão metalingüística elucidada anteriormente à respeito das provas lingüísticas. Pensamos que um outro aspecto está imbricado no desempenho do paciente, a questão da auto-imagem, “acertar e / ou “errar” ao longo do teste.

Nesse sentido, pensamos, em acordo com BUCKINGHAM *et al* (1979), que a perseveração, em alguns sujeitos (EF), é a própria reação catastrófica ou uma “resposta catastrófica” (nos termos de BUCKINGHAM, 1979), à medida que o paciente vai tendo sudorese, expressando seu próprio espanto, mediante a sua impossibilidade de acessar a palavra alvo, como constatamos no sujeito EF. Ao nomear “bigode/(gato)”, EF diz: [É (+) Nossa Senhora, rabo, rabo (+) Nossa sem(+) (+) rabo, não, não, rabo, ((risos)) é (+) NOSSA SENHORA. Rabo, rabo].

Reações catastróficas como agressividade, raiva, choro e isolamento social, não foram observadas nos sujeitos analisados. A autocrítica, embora geralmente negativa sobre a palavra errada, passa ser de fato positiva, por implicar, muitas vezes, autocorreção em nossos sujeitos (EF, SL, SI, AP). Algumas vezes, contudo, a autocrítica não possibilita o rompimento da perseveração patológica, podendo sinalizar um percurso que poderia culminar em reação catastrófica, conforme a nossa explanação acima citada.

Conforme LIMA *et al* (1997), KAPLAN e SADOCK (1990) afirmam:

[...] a maioria dos médicos americanos acredita que há uma relação entre acontecimentos vitais estressantes e depressão desempenhando um papel primário ou principal como causa da depressão. Para esses pesquisadores, embora a maioria dos autores psicanalíticos admita um substrato neurofisiológico subjacente, poucos tentam conceitualizar o estado de depressão

em termos que não sejam psicológicos. Tal posição reacional contraria os mais conservadores, que limitam a importância dessa relação (p. 7).

Pensamos que entre as condições de catástrofe, fadiga e perseveração, que rompem com o equilíbrio do organismo, levando o doente a modificar o seu comportamento para adaptar-se, conforme afirma GOLDSTEIN (1933, 1948), há aspectos fundamentais imbricados no contexto da afasia: o plano orgânico, o simbólico e o afetivo próprios da constituição de sujeito. A complexidade desses aspectos implica uma relação de *perda* freqüentemente abrupta (a impossibilidade de falar, compreender, andar, ler, escrever...) instalada no sujeito com afasia.

Nesse sentido, pensamos conforme VERDIGLIONE (1977):

Por um lado, “a coisa” não é nominável e isto leva a descrever uma ampla elipse. Por outro, o caminho para dizer é abreviado, pelo que é medida como parte, resto, fragmento. Nenhum termo é de fato exato porque é ultrapassado precisamente por a “coisa” [na ênfase deste estudo, a perseveração] que lhe abre uma fenda, um intervalo, marca o seu caráter incompleto. [...] O falar não sabe de códigos nem de equações nem de sinônimos: eis a violência da afasia (p. 18-19).

BLEICHMAR (1982) trata a questão da perda no contexto de depressão. Assim, para esse autor, definir um estado de depressão significa dizer:

[...] todos os indivíduos deprimidos sentem que algo se perdeu. Assim, [...] FREUD (1817) define a reação de depressão como a perda do objeto libidinal, que em sua essência, é a impossibilidade de realização de um desejo. A relação de desejo (prazer/desprazer) está na gênese do psiquismo, isto é, nas relações entre a mãe e o bebê na primeira infância e primariamente registrada na formação psíquica pela obtenção do alimento, como desejo “movimento-processo, tendência que norteia o prazer e o desprezer” (LIMA et al, 1997).

Segundo BLEICHMAR (1982), tais relações evoluem e encontram-se no adulto com maior ou menor grau de capacidade de elaborar a perda do objeto libidinal (“desprazer” da ausência da mãe e a retomada do objeto libidinal, o prazer de reencontrar a mãe, de retomar o objeto perdido).

Ainda para este autor, conforme LIMA *et al* (1997):

[...] o verdadeiro objeto libidinal está no seu valor (isto é, a representação que este traz para o sujeito), e não no desejo do objeto em si. Assim, conforme a manifestação de perda do objeto libidinal, assistimos aos diferentes quadros depressivos: tristeza, inibição psicomotora, auto-reprovações, visão pessimista, perda da auto-estima. Tais sintomas não se apresentam simultaneamente e o fato de alguém estar triste ainda não significa que ele se encontra em estado de depressão. Uma perda não desencadeia necessariamente uma síndrome depressiva. Se a perda do objeto libidinal representar uma carga afetiva muito forte, um trauma súbito (por exemplo, a morte de um ente querido), o sintoma de tristeza pode tomar proporções maiores, surgindo a depressão. Entenda-se aqui que a depressão relacionada à perda de um ente amado representa uma manifestação natural da afetividade. Entretanto, o tipo de vínculo anteriormente estabelecido com o objeto determinará a possibilidade de se sair da depressão, ou seja, haverá outras motivações (filhos, netos, trabalho...) para ocupar o lugar do objeto perdido. A ausência de motivação pela busca trará a condição de perda total do objeto, fazendo com que o espaço mental se volte inteiramente para a perda, fixando, assim, o estado patológico de depressão (p. 8).

Nesse âmbito de desestruturação do sujeito, citado acima, parece “razoável entender as dificuldades do sujeito afásico” (nos termos de GOLDSTEIN, 1933, 1948) de uma forma mais abrangente. Assim, “em busca do objeto perdido”, conforme BLEICHMAR (1982), mediado pela terapia de linguagem com propostas enunciativo-discursivas (COUDRY E MORATO, 1988), o sujeito retoma o objeto perdido, a função reguladora da linguagem, (conforme MORATO, 1996).

No decorrer da prova de repetição de palavras e frases simples e complexas, tal como se observa no enunciado abaixo, AP parece cometer uma perseveração sensorial (JASPER, 1931), num contexto de fadiga anteriormente explanado, ao dizer: [A senhora deixou (incompreensível) (+) qué que eu vou (+) noutra cidade, noutra Monte Mor, noutra Campinas, noutra caminhão (+) (incompreensível), frente (+)], quando lhe foi solicitado que repetisse a palavra “embarcação”.

Observam-se, então, no enunciado de AP, os referenciais de história de vida: nasceu em Monte Mor, conforme narra à examinadora durante a relação dialógica, mudou-se para Campinas; seus pais são vivos e moram em Indaiatuba; visita-os com frequência; tendo sido chofer, AP conduziu, ao longo de sua vida, o patrão, sendo que nos últimos anos trabalhava como autônomo, condutor de perua escolar (ele conduzia e lamentou gestualmente não poder mais fazê-lo).

Nesse sentido, se existe perseveração de associação de idéias, conforme referem os pesquisadores (JASPER, 1931, NOTCUTT, 1943), questionamos se tal perseveração, interpretada, segundo a classificação de SANDSON E ALBERT (1984), como perseveração recorrente, não possa estar associada à fadiga, manifestando-se, assim, como sintomas reacionais, conforme propõe GOLDSTEIN (1948), mediante situação de estresse, tal como o teste. Ou ainda, se há perseveração associativa, constituiria esta uma estratégia de reconstrução da linguagem em AP?

Considerando que AP, tendo uma afasia sensorial, apresenta um certo comprometimento anosagnósico, a questão acima citada reporta a alguns afasiólogos (WERNICKE, 1874, BAY, 1964, LEISCHNER, 1979, *APUD* LEBRUN, 1983), que consideram os afásicos sensoriais como pouco conscientes de sua dificuldade de linguagem. LEBRUN (1983) cita autores tais como GAINOTTI (1972) e HUBERT (1975), contrários a tal posição. POECK (1972), segundo LEBRUN (1983), afirma que “os afásicos de WERNICKE (ou sensorial, conforme LURIA, *apud* CHRISTENSEN, 1979), são tão conscientes de seus problemas verbais que a anosognosia não os distingue dos outros tipos de afasia: os afásicos de WERNICKE manifestam seu desânimo e a sua incapacidade diante das provas psicométricas” (p. 28).

É importante considerar que todo conteúdo destas provas, quando lingüístico, em nada difere das provas metalingüísticas, como, por exemplo, a prova de fluência verbal: enumerar o maior número possível de palavras iniciando com a letra c, ou enunciar nomes de animais sob o controle do tempo/1 minuto. Conforme afirma COUDRY (1988), a idéia de fluência que compõe a semiologia clássica é considerada segundo medidas quantitativas, desvinculadas de significação de processos verbais.

Segundo LEBRUN (1983), para KINSBOURNE e WARRINGTON (1976), “o doente jargonafásico é um doente que prefere a fala mesmo aberrante ao silêncio. Na falta de outros meios, recorre a uma linguagem paragramática e cheia de parafasias e perseverações, aglutinações e neologismos; o doente quebra as restrições que a doença impõe à sua expressão verbal” (p. 29). Conforme SIES e BUTLER (1965, *apud* LEBRUN, 1983), uma hipótese bastante próxima desta seria que “o paciente é consciente de seus erros de linguagem, mas é incapaz de se autocorrigir. Assim, ele fala abundantemente para não ser interrompido por um pedido de explicitação e clarificação”. WEINSTEIN e KAHN (1966, *apud* LEBRUN, 1983) afirmam que “nos jargonafásicos, a anosognosia deve constituir um mecanismo de defesa, uma adaptação ao estresse da dificuldade” (p. 29).

Contudo, a perseveração em AP, que apresenta um quadro de afasia sensorial, não nos sugere uma incapacidade de autocorreção, conforme afirma LEBRUN (1983). Ao contrário, indica um percurso epilíngüístico (COUDRY E MORATO, 1989), no qual o sujeito reconstrói a linguagem, se autocorrigindo para permanecer na interação, apropriando-se da perseveração, com a finalidade de evitar uma reação de catástrofe (GOLDSTEIN, 1948), mediante a “impossibilidade de explicitação e clarificação” (nos termos de LEBRUN, 1983).

LEBRUN (1983) explica que “talvez alguns jargonafásicos inibam da mesma maneira as informações auditivas e visuais (ato de escrever) que demonstram sua impotência para se exprimir (não reconhecem os seus próprios erros quando confrontados). O comportamento do doente decorrerá de uma imperiosa, mas inconsciente, necessidade de integridade de si mesmo. Nesses jargonafásicos, a anosognosia deve constituir um mecanismo de defesa, uma “adaptação ao estresse da dificuldade”, na expressão de WEINSTEIN e KAHN (1966, p. 32).

Ao término da aplicação do exame lingüístico, após dialogar com a examinadora sobre o seu desempenho e somado ainda ao fato de uma fadiga objetiva, conforme afirma GOLDSTEIN (1948), mediante as dificuldades do exame proposto, AP surpreendentemente mostra-se motivado ao término do exame neurolingüístico. Tal motivação explica-se pelo seu segmento em terapia de linguagem na qual AP manifesta freqüentemente seu desejo de “quero aprender”, dizendo, então, à examinadora: [Outra coisa será que nós vamos estudar”]. A indagação de AP é mais reveladora do que o seu aparente entusiasmo. À propósito, segundo Foucault (1980):

[...] o comentário baseia-se no postulado de que a palavra é ato de “tradução”, tem o privilégio perigoso das imagens – o de mostrar ocultando – e pode ser por ela mesma substituída na série aberta de retomadas do discurso; baseia-se, em suma, em uma interpretação da linguagem que traz claramente a marca de sua origem histórica; o comentário interroga o discurso sobre o que ele diz e quis dizer, procura fazer surgir o duplo fundamento da palavra, onde ela se encontra em uma identidade consigo mesma que se supõe o mais próximo de sua verdade; trata-se de, enunciando o que foi dito, redizer o que nunca foi pronunciado (p. xv).

Assim, ao comentário de AP: [Outra coisa será que vamos estudar”], explicita-se o que está historicamente dito no “ensino formal”; libera-se, então, em AP, o que não se pode revelar: “Não gostei, é difícil, é desagradável...”, mediante a imagem idealizada da examinadora e sua colaboração espontânea nesta pesquisa. Há um ano e seis meses em terapia com a examinadora, seu comentário deixa implícito: “Quando é que vamos fazer aquele, isto é, diferente deste que se apresenta dúbio, e que não me revela como um sujeito falante normal?”. Conforme nos explica FOUCAULT (1980):

[...] nesta atividade de comentário, que procura transformar um discurso condensado, antigo e como que silencioso a si mesmo, em um outro mais loquaz, ao mesmo tempo mais arcaico e mais contemporâneo, oculta-se uma estranha atitude a respeito da linguagem: comentar é, por definição, admitir um excesso de significado sobre o significante, um resto necessariamente não formulado do pensamento que a linguagem deixou na sombra,

resíduo que é a sua própria essência impelida para fora de seu segredo; mas comentar também supõe que este não falado dorme na palavra e que, por uma superabundância própria do significante, pode-se, interrogando-o, fazer falar um conteúdo que não estava explicitamente significado (p. xv).

COUDRY (2001) afirma:

[...] as expressões lingüísticas não carregam em si todos os elementos necessários a sua interpretação. É, pois, enquanto discurso, envolvendo todos os demais fatores contextuais e intersubjetivos, que a significação é possível. Mesmo nas linguagens formais, que por uma exigência de explicitude se constroem de um modo determinado, completo e não ambíguo, há um discurso prévio geralmente posto entre parêntesis que garante essa determinação (p. 64).

Nesse sentido, o que está à margem de AP é a condição de que a avaliação da linguagem sob teste o remete à posição de conflito, isto é, o sujeito normal (não, porém, falante ideal, no sentido nocional do falante da língua).

Observa-se, então, a dicotomia tênue entre o normal e o patológico. Na atitude de AP, “é preciso ‘estudar’ para que eu possa melhorar/curar, sarar/ficar bom”, a fim de corresponder aos parâmetros da normalidade. À condição de propostas enunciativas em terapia, com todas as prerrogativas da linguagem como atividade constitutiva do sujeito (que integram processos meta e epilingüísticos), tem-se apenas a sinalização da “cura/normalidade”. Todos os *sintomas*, os quais FOUCAULT (1980) considera como o *significante*, imbricados na reconstrução da atividade lingüística do sujeito, passam a configurar, sob a proposição de teste, o lugar privilegiado do patológico, “o déficit lingüístico”, constituindo o *significado*: a doença, a afasia em questão. Para Foucault (1980):

[...] um significado sempre permanece, a que ainda é preciso conceder a palavra; quanto ao significante, este se apresenta com uma riqueza que, apesar de nós, nos interroga sobre o que ela “quer dizer”. Significante e significado adquirem uma autonomia

substancial que assegura a cada um deles isoladamente o tesouro de uma significação virtual; em última análise um poderia existir sem o outro e pôr-se a falar de si mesmo: o comentário se situa nesse suposto espaço (p. xv).

Nesse sentido, o comentário de AP, [Outra coisa será que vamos estudar’], evidencia a interface positiva, o espaço onde este se sente mais próximo do falante natural, opondo-se à interface negativa, que o impele ao fracasso/visão nocional de linguagem/língua, com conseqüências muitas vezes humilhantes para o sujeito afásico e constrangedora para o examinador. Assim, a questão que se impõe na análise da perseveração, a partir da pergunta de AP é se há um *significante* não patológico. Ao que parece o implícito passa a ser o sintoma, que FOUCAULT (1980) toma com *significante*.

Discutimos, até aqui, a questão do fenômeno da perseveração, conforme a literatura apresentada, propondo uma concepção dialógica/interativa de linguagem (COUDRY E MORATO, 1988), que permite trazer à perseveração um estatuto neurolingüístico característico.

Esta abordagem opõe-se à perspectiva teórica de língua enquanto código empregada na literatura, a qual considera tipos muito precisos e estanques de perseveração.

Tal posição estruturalista acima citada confere um estatuto lingüístico à perseveração. Contudo, conforme afirma MUSSALIM (2001):

Na conjuntura estruturalista, a autonomia relativa da linguagem é unanimemente reconhecida. Isso porque, devido ao recorte que as teorias estruturalistas da linguagem fazem de seu objeto de estudo – a língua –, torna-se possível estudá-la a partir de regularidades e, portanto, apreendê-la na sua totalidade (pelo menos é nisso que crê o estruturalismo), já que as influências externas, geradoras de irregularidade, não afetam o sistema por não serem consideradas como parte da estrutura. A língua não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo (p.102).

Consideramos, para fins de discussão nessa pesquisa, a classificação de SANDSON E ALBERT (1984), que lhe conferem um estatuto de categoria clínica, nos quais subjazem déficits de atenção seletiva, de processamento lexical/fonêmico, semântico e mnésico.

Esta classificação, citada acima, foi discutida com base em dois ambientes de análise de que nos servimos empiricamente: o do teste e o da linguagem espontânea. Dessa forma, o fenômeno da perseveração é muito mais complexo do que parece ser, é mais bem compreendido se nos detivermos no que acontece em um ambiente, bem como, em outro ambiente. Seguramente, questões teóricas e metodológicas como estas terão implicações terapêuticas.



7- CONCLUSÃO

Este estudo é um ensaio de análise do fenômeno da perseveração na afasia. Consideramos neste estudo uma concepção que tem se mostrado produtiva para os estudos neurolingüísticos (COUDRY,1988, COUDRY E MORATO,1988; MORATO, 1996, 2001). Dentre as teses que se depreendem de uma concepção dialógica e interativa de linguagem temos:

- “a linguagem como uma atividade constitutiva em que a emergência de categorias lingüísticas (sintáticas, semânticas e pragmáticas) não é concebida como determinada *a priori*” (FRANCHI, 1977);
- a perspectiva sócio-interacionista da aquisição da linguagem, considera que os processos de construções de objetos lingüísticos por crianças podem ser observados nos processos de reconstrução da linguagem pelo sujeito afásico;
- “uma teoria dialógica de linguagem que dissolve dicotomias clássicas e que visa a análise da linguagem em funcionamento, considerando fatores relevantes da situação” (COUDRY E MORATO, 1988).
- três atividades lingüísticas podem ser desenvolvidas com a língua: atividades lingüísticas, epilingüísticas e metalingüísticas. As atividades epilingüísticas referem-se ao uso da língua nos processos interlocutivos. As atividades epilingüísticas evidenciam a exercitação reflexiva sobre o funcionamento da língua. As atividades metalingüísticas referem-se à sistematização e à descrição da língua através de um conjunto de elementos lingüísticos próprios para se falar sobre a língua. GERALDI (1991).
- relacionadas entre si nas práticas de linguagem, as atividades epilingüística e metalingüística surgem como o lugar mais evidente da ação reguladora da linguagem sobre outros processos cognitivos e sobre as relações de sentido (MORATO, 1996).

Na concepção acima adotada, tratamos a questão da perseveração na afasia motora eferente, amnésica, semântica e sensorial conforme os nossos objetivos; descrevemos o *corpus* lingüístico, de todos os sujeitos, compreendendo a linguagem espontânea e provas lingüísticas. Descrevemos os tipos de perseveração, segundo a classificação adotada para esse estudo (SANDSON E ALBERT, 1984), perseveração do tipo contínua, *stuck-in-set* e recorrente, inserindo-as nos contexto situacional e no teste de linguagem. Analisamos a ocorrência de perseveração, em ambos os contextos, a linguagem espontânea e o teste de linguagem.

Na afasia motora eferente e amnésica, ocorrem perseverações contínua e *stuck-in-set* com predomínio da primeira. Encontramos perseveração contínua, *stuck-in-set* e recorrente na afasia sensorial, com predomínio da perseveração recorrente. Na afasia semântica, encontramos predomínio de perseveração recorrente, sendo uma vez observada a perseveração do tipo *stuck-in-set*.

Observamos a perseveração contínua, *stuck-in-set* e recorrente, segundo a classificação de Sandson e Albert (1984), junto à concepção de Goldstein (1948) para perseveração, conferindo-lhe um sintoma não patológico, implicado na condição de fadiga do sujeito e relacionado à dificuldade da tarefa. Analisamos a perseveração, inserindo-a no contexto de toda a avaliação, isto é, não a consideramos isoladamente, segundo a prova aplicada, assim como não a analisamos somente no interior da relação da linguagem espontânea, mas sim na relação entre ambos os contextos.

Discutimos a ocorrência de perseveração na afasia motora eferente, amnésica, semântica e sensorial, segundo a classificação adotada neste estudo (LURIA *apud* CHRISTENSEN, 1973), assim como discutimos a classificação de perseveração de SANDSON e ALBERT (1984), segundo os achados na literatura apontados para este estudo conforme o tipo de afasia.

Observamos que a perseveração compreende uma dificuldade de atenção seletiva em certos casos, para outros configura um déficit amnésico e, ainda, para outros, uma dificuldade de acesso lexical.

Na afasia motora eferente e amnésica, a questão da perseveração sugere uma dificuldade predominantemente de acesso fonêmico-lexical; na afasia semântica, a dificuldade é de acesso semântico-lexical; e na afasia sensorial a dificuldade é de ordem fonêmico-lexical e predominantemente semântico-lexical.

Apontamos, neste estudo, a perseveração mediada por processos lingüísticos: metalingüístico (teste lingüístico) e epilingüístico (hesitação, pausas longas, reelaborações, antecipações, lapsos, repetições, etc.), que permitiram observar o fenômeno, em todas as suas instâncias dos contextos acima, permeando freqüentemente respostas perseverativas nem sempre patológicas.

Considerando a menor ocorrência de perseveração na linguagem espontânea, bem como a maneira como ela é produzida neste contexto, podemos concluir neste estudo que a perseveração nem sempre configura uma resposta patológica permeando uma categoria clínica constitutiva da semiologia neurolingüística. Assim, propomos um estatuto neurolingüístico próprio para a perseveração, fundamentado numa perspectiva teórica enunciativa que privilegia a interação dialógica para a análise. Desse modo, o fenômeno da perseveração pode ser diferentemente compreendido dos contextos metalingüísticos classicamente apontados na literatura da afasia e ser inserido no âmbito da atividade de linguagem como uma resposta nem sempre patológica.

Esta pesquisa é importante, na medida em que a perspectiva teórica interacionista considerada neste estudo permitiu questionar a condição patológica para a perseveração, freqüentemente analisada somente sob a atividade metalingüística. Desse olhar, podemos redirecionar a interpretação de processos não patológicos, como, por exemplo, a questão das parafasias que apontamos, ora configurando perseveração, ora a perseveração configurando parafasia, enfraquecendo a perspectiva patológica para ambas, quando analisadas no contexto de linguagem espontânea e provas lingüísticas. A mesma reflexão, se aplica à perseveração do tipo contínua delineando o processo de repetição, nem sempre patológico.

A contribuição desta pesquisa aponta para o processo terapêutico, uma concepção, na qual a perseveração deve ser tratada com propostas que considerem o funcionamento da linguagem na interação, colocando o sujeito afásico numa condição de “falante”, evitando terapias que suspendem a atividade enunciativa, assim como situações de estresse que fortemente permeiam contextos metalingüísticos.

Esta pesquisa pode trazer também uma contribuição para o processo terapêutico, pois aborda uma concepção na qual a perseveração deve ser tratada com propostas que considerem o funcionamento da linguagem na interação, colocando o sujeito afásico numa condição de “falante”, evitando terapias que suspendam a atividade dialógica e acentuem situações de estresse, tal como a avaliação de linguagem quando fortemente permeada por contextos metalingüísticos.



8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, C. L.; SANDSON, J. Perseveration in aphasia. **Cortex**, 22 (1):103-15,1986.
- ALLISON, R. S. Perseveration as a sign of difuse and focal brain damage **Brit Med. J**, 2 :1027-1032, 1966.
- ALLISON, R. S.; HURWITZ, L. .J. On perseveration in aphasics. **Brain**, 90:429-48,1967.
- BUCKINGHAM, H. W.; Whitaker, H.; Whitaker, H. A. **On linguistic perseveration**. In: Whitaker, H. A. ; Whitaker, H. (Eds.) Studies of neurolinguistics. New York: Academic Press, 1979. p.329 – 352. v. 4
- BUCKINGHAM, H. W. Perseveration in Y2K. **Brain-Lang**, 71(1):36-38,2000.
- CHRISTENSEN, A. L; LURIA, A.R. **Neuropsychological investigation**. 2ed. Copenhagen: Munsesgaard, 1979.
- COHEN, L. ; DEHAENE, S. Competition between past and present: Assessment and interpretation of verbal perseverations. **Brain**, 121(pt9):1641-59.
- COUDRY, M.I.H. ; MORATO, E.M. A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticos sobre objetos lingüísticos. **Cad Est Ling Campinas**, (15):117-135,1988.
- COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso discurso e afasia**: análise discursiva de interlocuções com afásicos.São Paulo: Martins Fontes, 1986/88. 205p.
- COUDRY, M.I.H. e MORATO, E. M. Aspectos discursivos da afasia. **Cad Est Ling Campinas**, (19):127-145,1990.
- FEDOSSE, E. **Da relação linguagem de um caso de afasia**. Campinas, 2000 (Dissertação - Mestrado - Universidade Estadual de Campinas)
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. 5ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 214p.
- FREUD, S. **A interpretação das afasias**.São Paulo: Ed.70, 1979. 92p.

- GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 252p.
- GERALDI, J.W. **Linguagem, interação e ensino**. Campinas, 1990. (Tese-Doutorado - Universidade Estadual de Campinas).
- GOLDSTEIN, K. L'Analyse de l'aphasie et l'étude de l' essence du langage. **Journal de Psychologie normale et Pathologique**,30:430-96.
- GOLDSTEIN, K. **Language and language disturbances: aphasic symptom complexes and their significance for medicine and theory of language**. New York: Grune & Stratton, 1948. 374p.
- GOTTS, S. J., ROCCHETA, I. A. , CIPOLOTTI,L. Mechanisms underlying perseveration in aphasia: evidence form a single case. *Neuropsychologia*, 40: 1930-1947,2002
- HELMICK, J.W. ; BERG, C.B. Perseveration in brain -injured adults. **J Commun Disord**, 9(2):143-56, 1976.
- HELM-ESTABROOKS, N. ; HOTZ, G. Perseveration Part 1: a rewiew. **Brain Inj**, 9 (2): 151-159, 1995.
- HELM-ESTABROKS, N. Treatment of aphasic perseveration (TAP) program. A new approach to aphasia therapy. **Arch Neurol**, 44:1253 – 1255.
- HIRSH, K.W. Perseveration and activation in aphasic speech production. **Cogn Neuropsychol**, 15(4):377-88,1998.
- HUDSON, A.J. Perseveration. **Brain**, 91(3):571-82, 1968.
- JAKOBSON, R. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia : Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix,1981, 162p.
- JAKOBSON, R. Towards a linguistic tipology of aphasic impairments. In: **Studies on child language and aphasia**. Paris: Mouton,1963, p.21-46.

JASPER, H. N. Is perseveration a functional unity participating in all behavior process? **J Sol Psychol**, 2:28-52,1931.

LEBRUN, Y. ; LELEUX, C. **Précis d' Aphasiologie** . 1979, p.2-7.

LEBRUN, Y. **Tratado de afasia**. São Paulo: Panamed,1983,123p.

LIMA, S.S.P.; QUAGLIATO, E.M.A.B. ; CAGLIARI, L.C. ; SOUZA E.A..P. Linguagem e isolamento social no mal de Parkinson. **Rev Soc Bras Fonoaudiologia**, 1:5-13, 1997.

LURIA, A.R. **Les fonctions corticales supérieures de l'homme**. Paris: Presse Universitaires de France, 1978, 570p. (Psychologie D'aujourd'hui).

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conservação**. São Paulo: Ática,1991. p.63.

MARTÍN, N.; ROACH, A.; BRECHER, A. LOWERY, J. Lexical retrieval mechanisms underlying whole-word perseveration errors in anomic aphasia. **Aphasiology**, 12,319-33, 1998.

MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Orgs.) **Introdução à linguística domínios e fronteiras**, São Paulo: Cortez, 2001.270p.

NEISSER, P. **Krankenvorstellung (Fall von "Asymbolie")**. **Allg. Z. Psychiat**, 51:1021, 1895.

NOTCUTT, B. Perseveration and fluency. **Brit J Psychol**, 33 :200-208,1943.

PAPAGNO, C. ; BASSO, A. Perseveration in two aphasic patients. **Córtex**, 3 2(1):67-82, 1996.

RAMAGE, A.; BAYLES, K.; HELM-ESTABROOKS, N.; CRUZ, R. Frequency of perseveration in normal subjects. **Brain-Lang**. 66(3):329-40, 1999.

SANDSON, J.; ALBERT, M.L.Varieties of perseveration. **Neuropsychologia**, 22:715-32, 1984.

SANDSON, J.; ALBERT, M.L. Perseveration in behavioral neurology. **Neurol**, 37:1736-1741.

SANTO-PIETRO, M.J. ; RIGRODSKY, S. Patterns of oral-verbal perseveration in adults aphasics. **Brain-Lang**, 29(1):1-17, 1986.

SANTO-PIETRO, M.J.; RIGRODSKY, S. The effects of temporal and semantic conditions on the occurrence of the error response of perseveration in adults aphasic. **J Speech Lang Hear Res**, 25(2):184-92, 1982.

VAN HOUT, A. ; SERON, X. Définitions et remarques générales.In: Van Hout, A. ; Seron, X. **L'Aphasie de l'enfant**: et les bases biologiques du langage.Bruxelles: Pierre Mardaga, sd, p.14-22.

VILKKI, J. Differential perseverations in verbal retrieval related to anterior and posterior left hemisphere lesions. **Brain-Lang**, 36(4):543-54, 1989.

YAMADORI, A. Verbal perseveration in aphasia. **Neuropsychologia**, 19:591-94,1981.



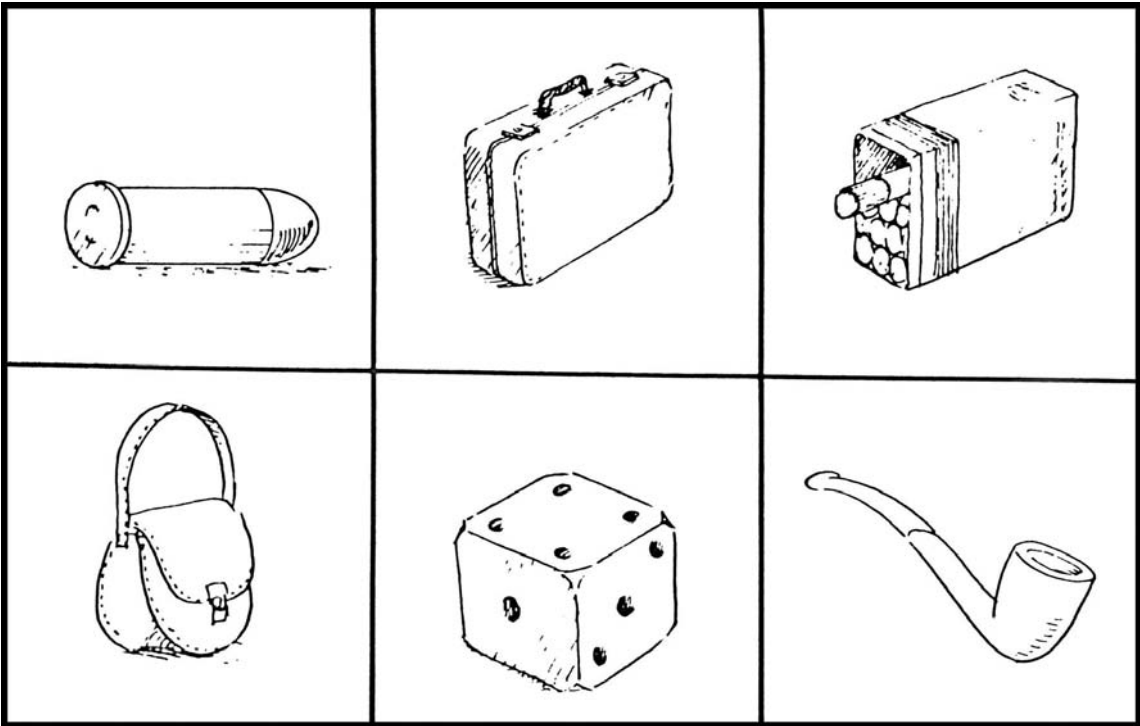
9- ANEXOS

TESTE – M₁ – ALPHA

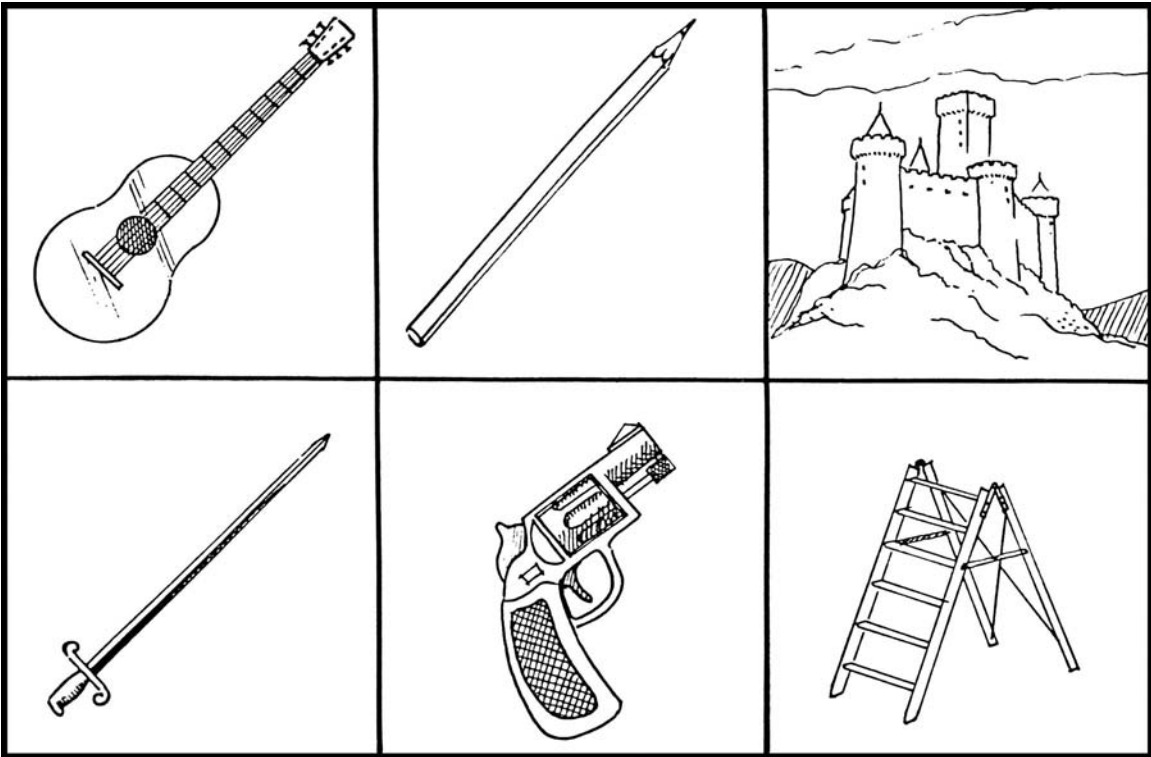
1- LINGUAGEM ESPONTÂNEA – A examinadora trata de questões relacionadas à história de vida dos sujeitos: profissão, local onde nasceu, onde mora, família.

1.1 - PALAVRA

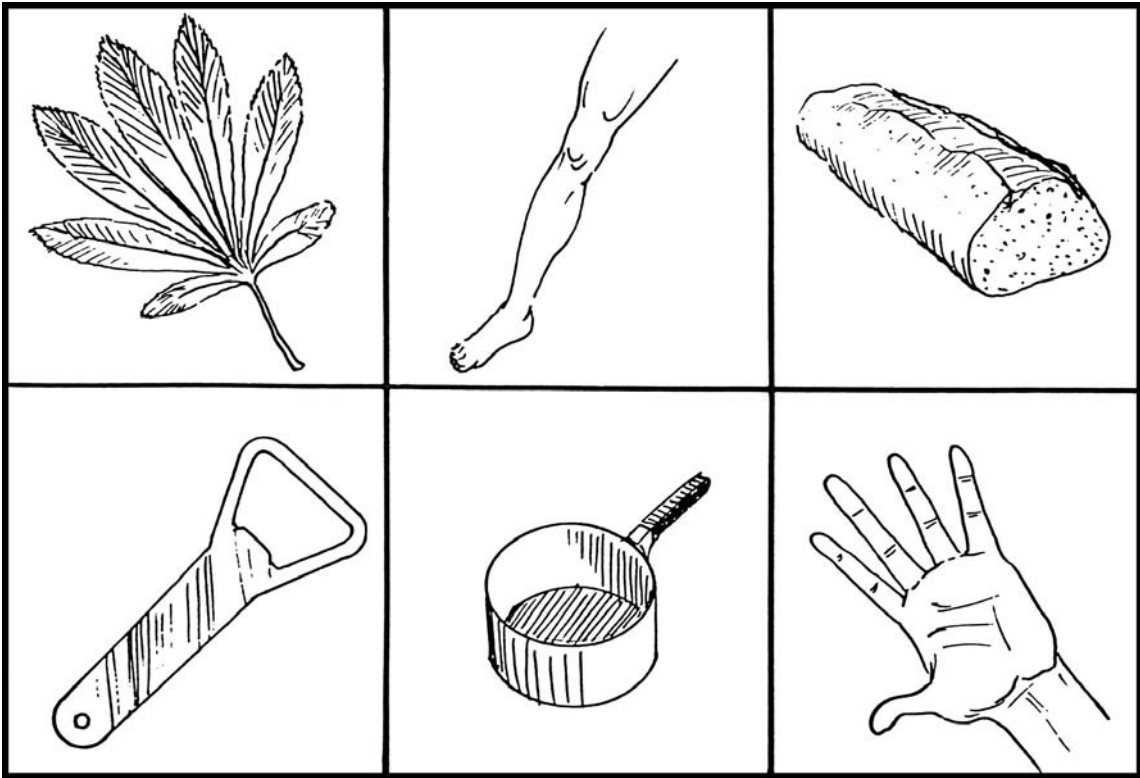
MALA



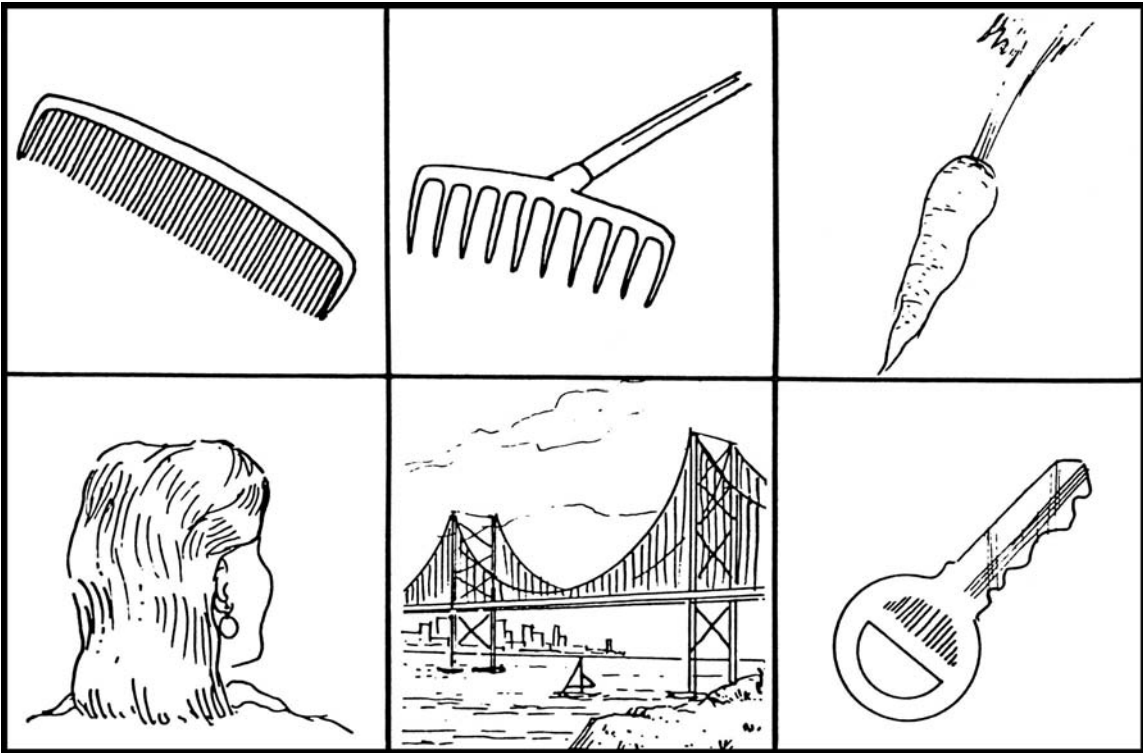
ESPADA



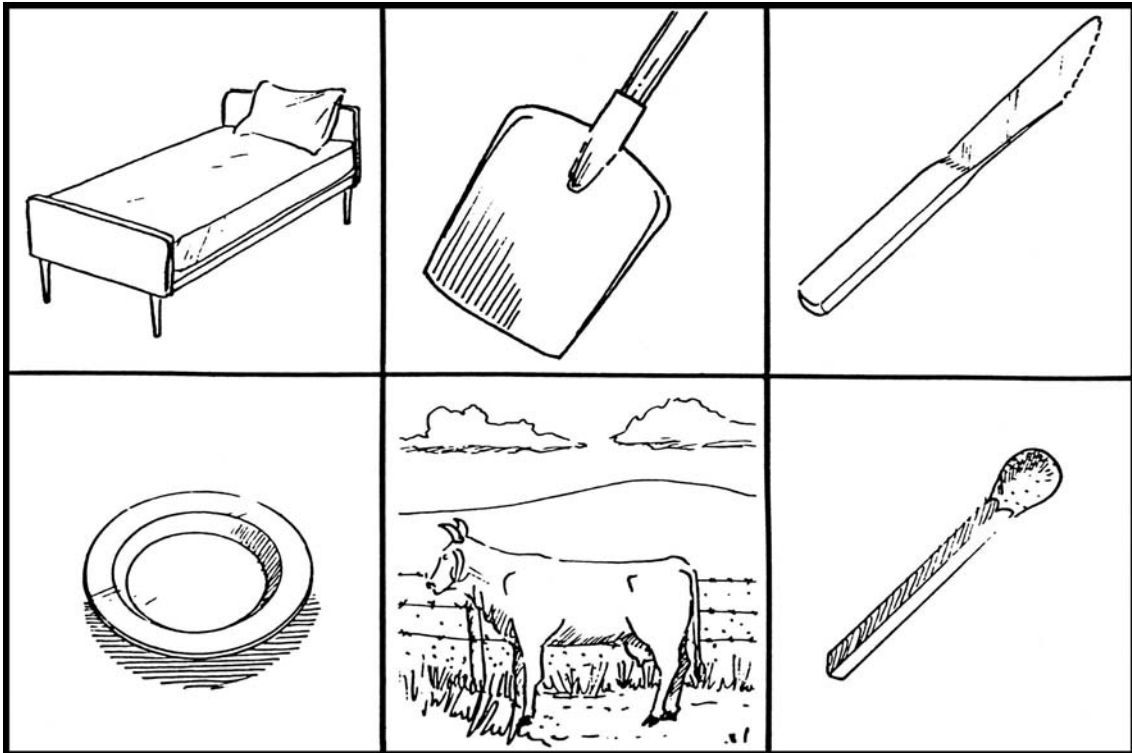
MÃO



PENTE

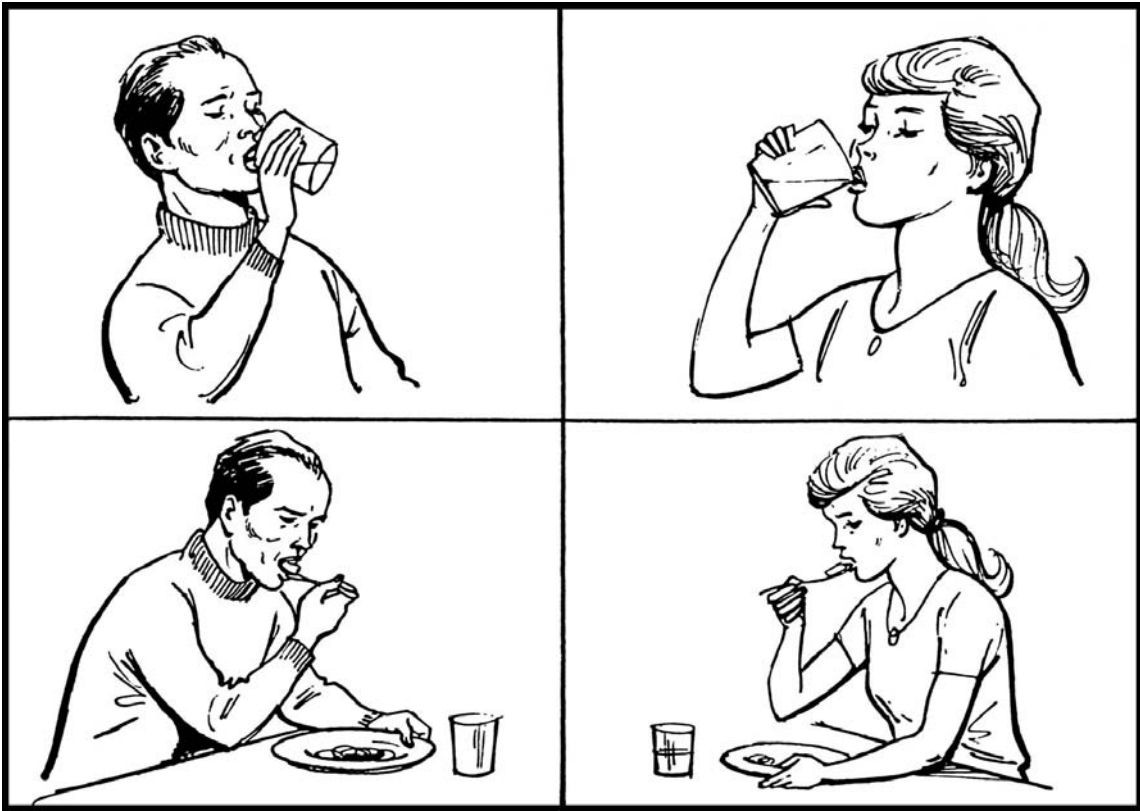


FACA

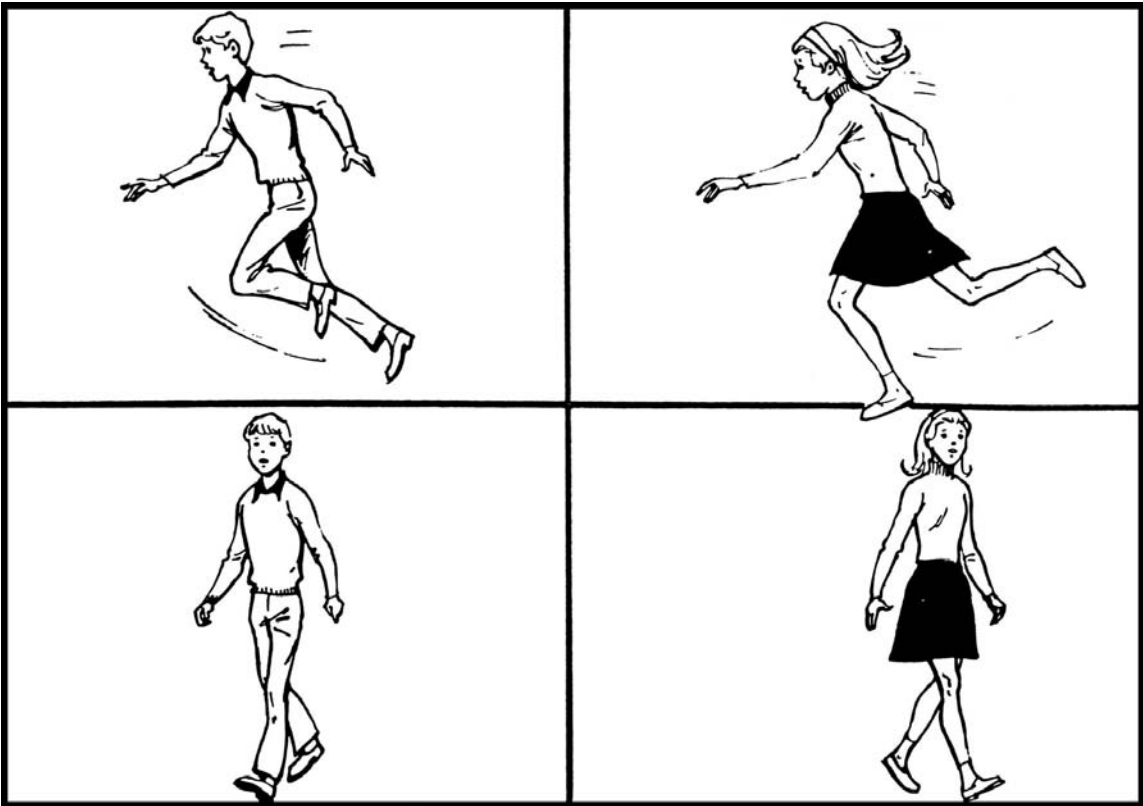


1.2- FRASES SIMPLES SOLICITADAS:

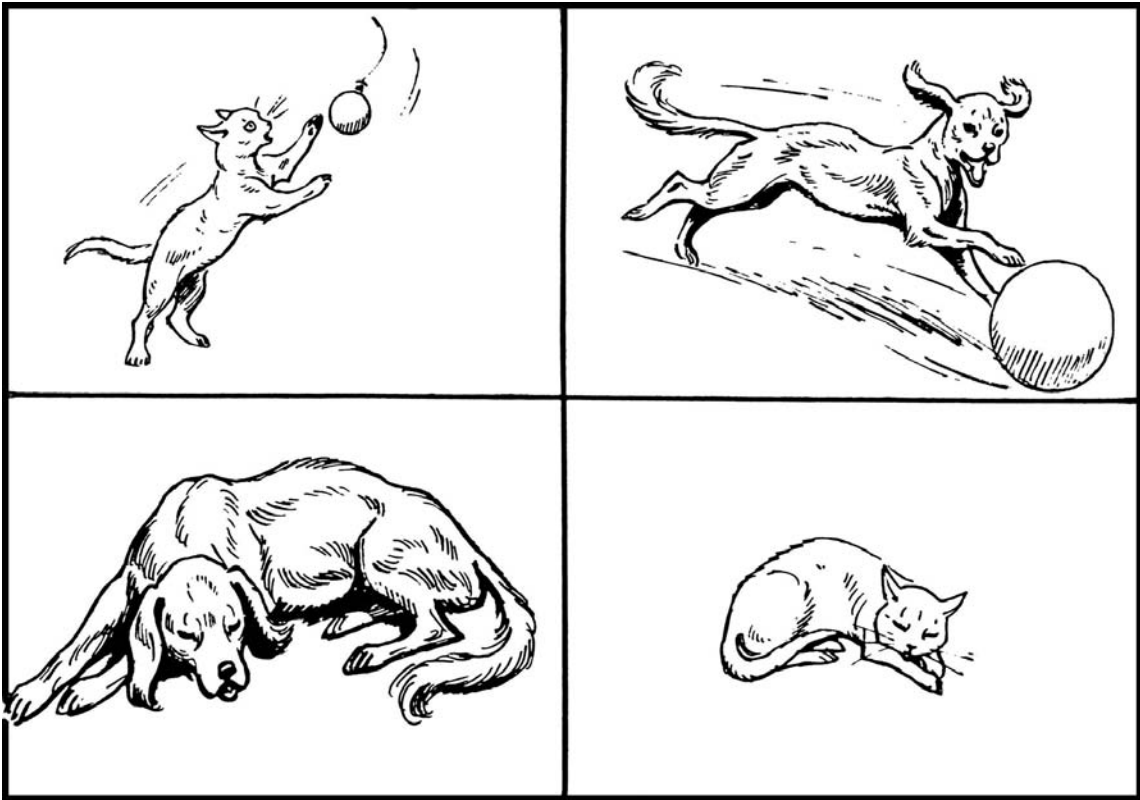
O HOMEM COME



A MENINA ANDA

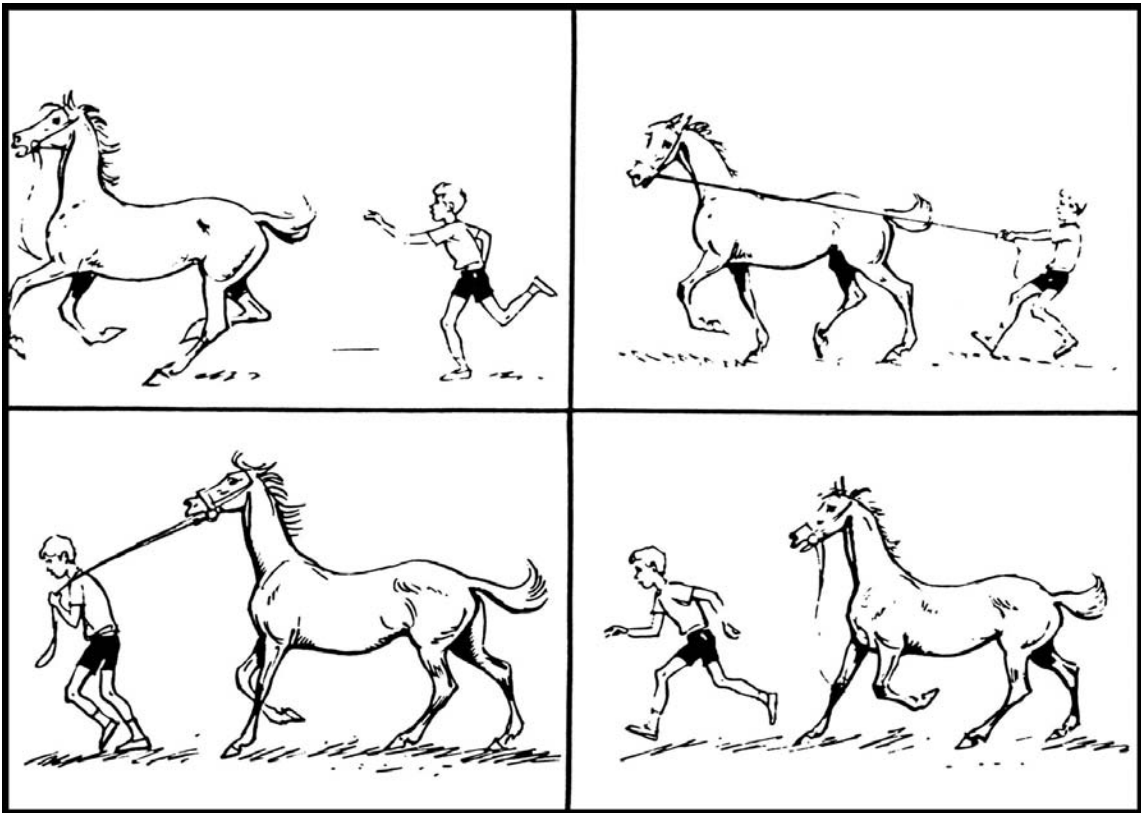


O CACHORRO DORME

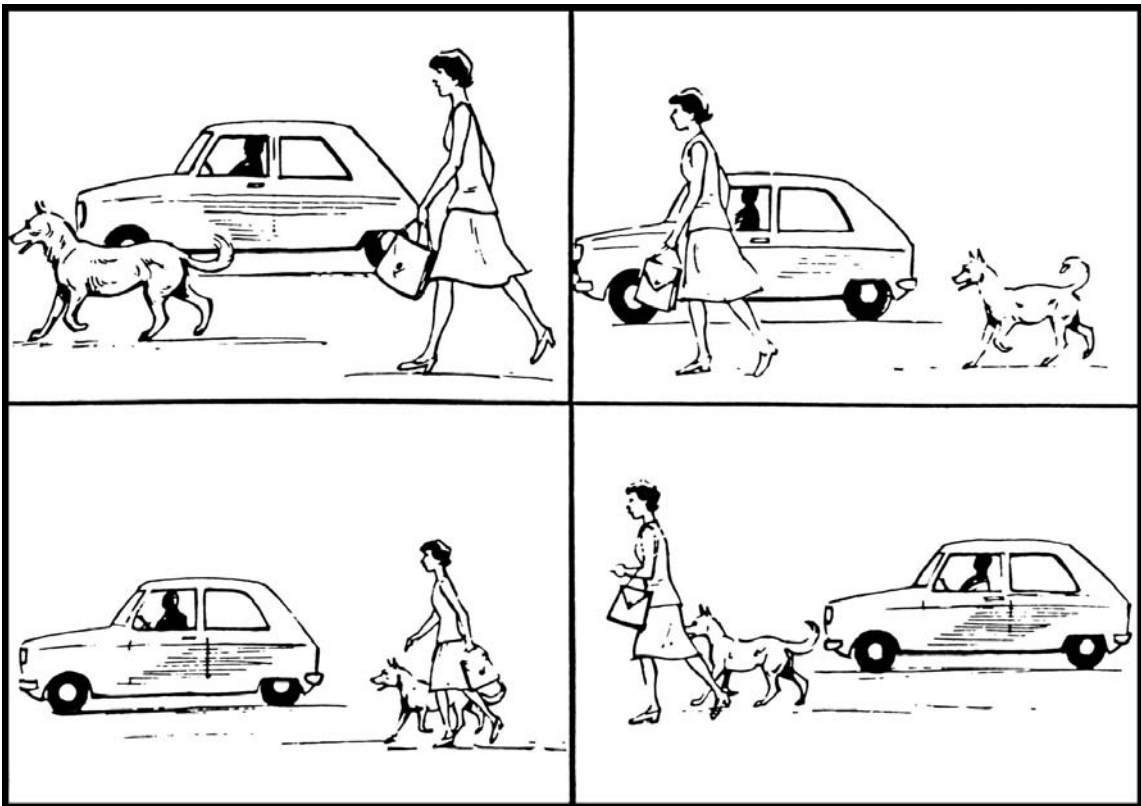


1.3- FRASES COMPLEXAS SOLICITADAS:

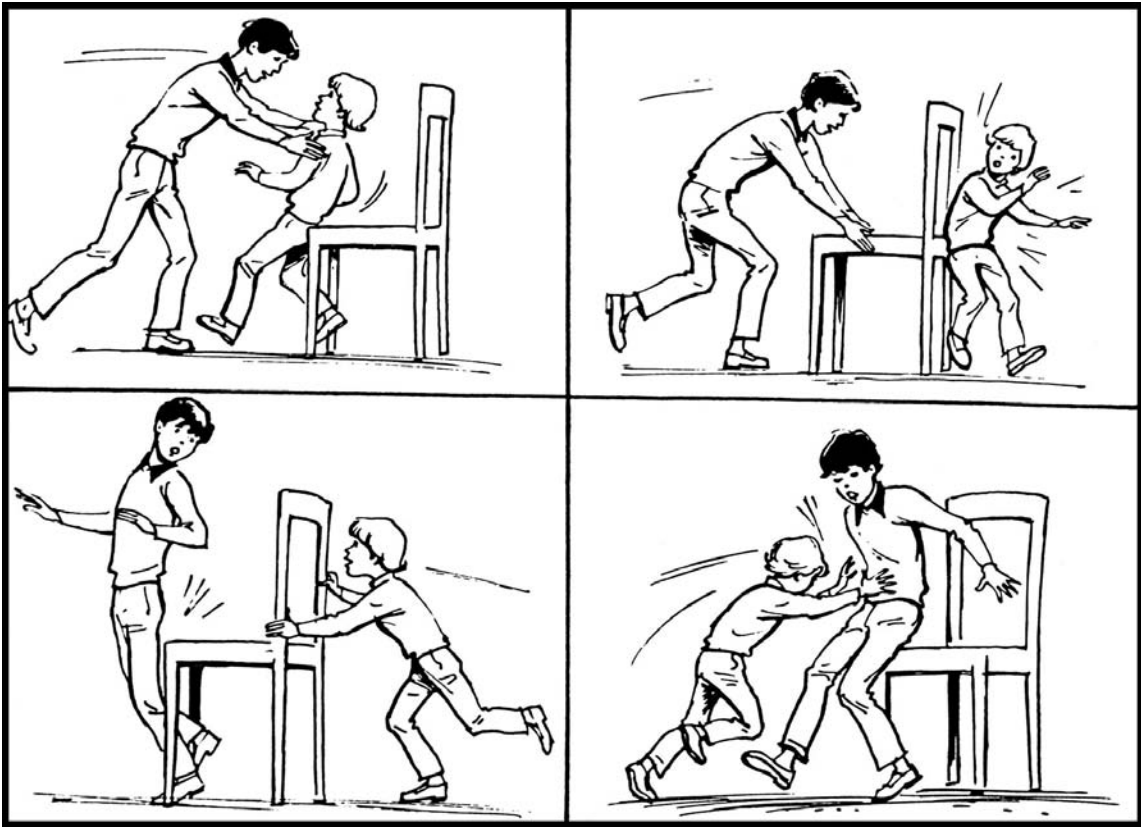
O CAVALO PUXA O MENINO



O CACHORRO SEGUE A MULHER E O CARRO



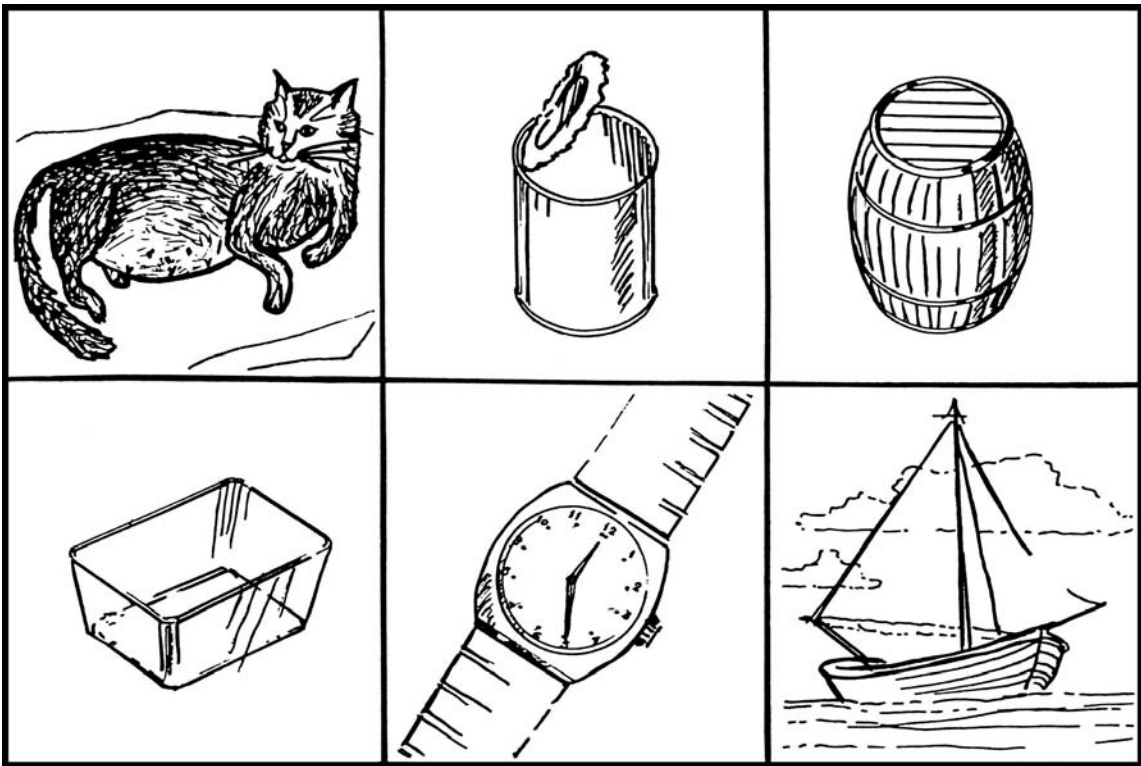
O PEQUENO EMPURRA O GRANDE NA CADEIRA



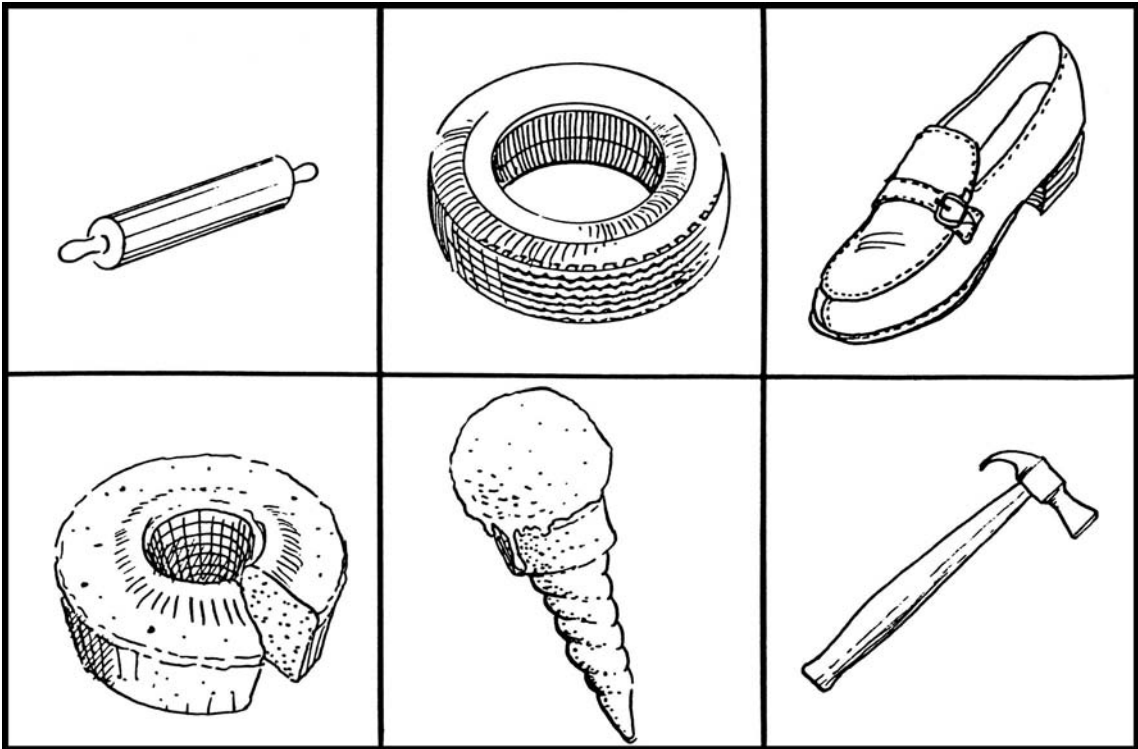
2- COMPREENSÃO DA ESCRITA

2.1 – PALAVRAS:

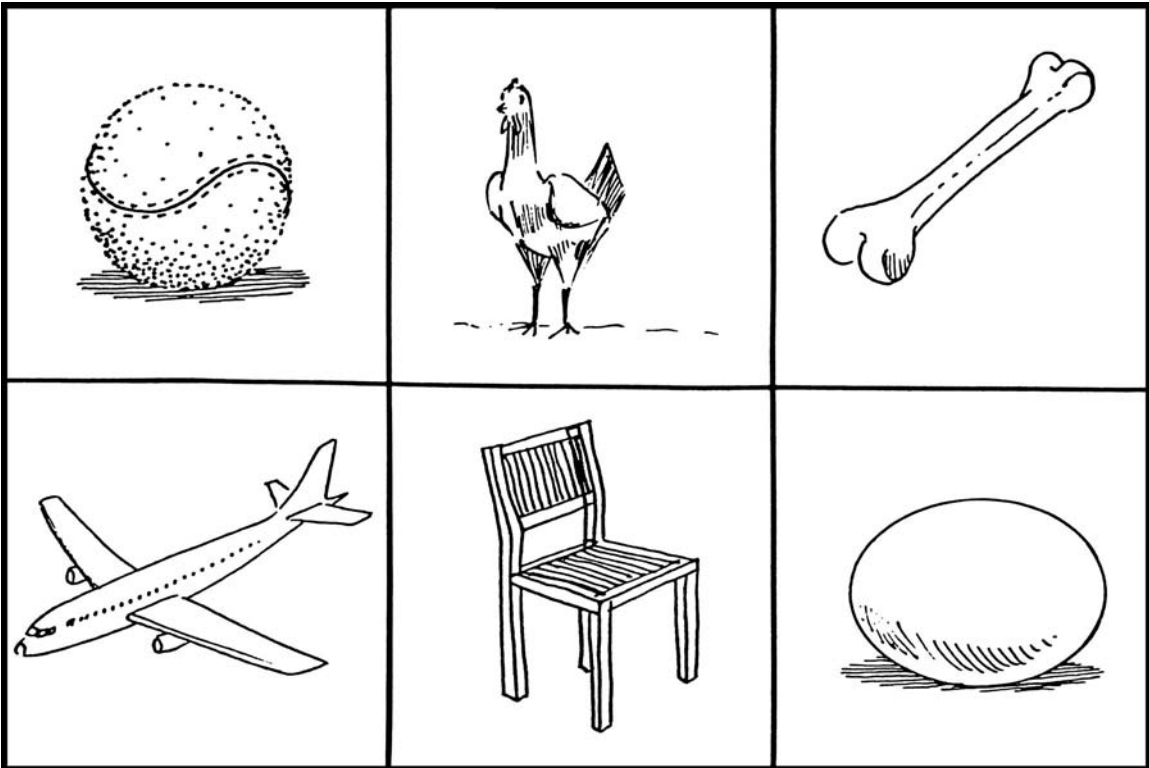
LATA



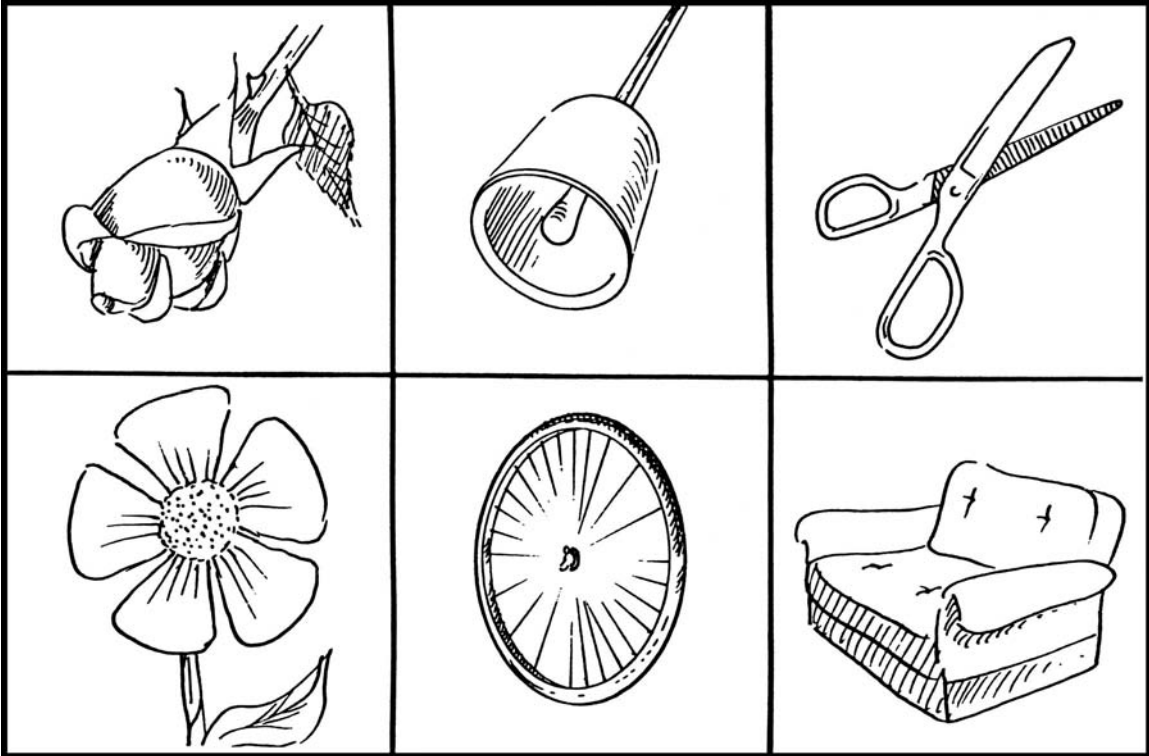
BOLO



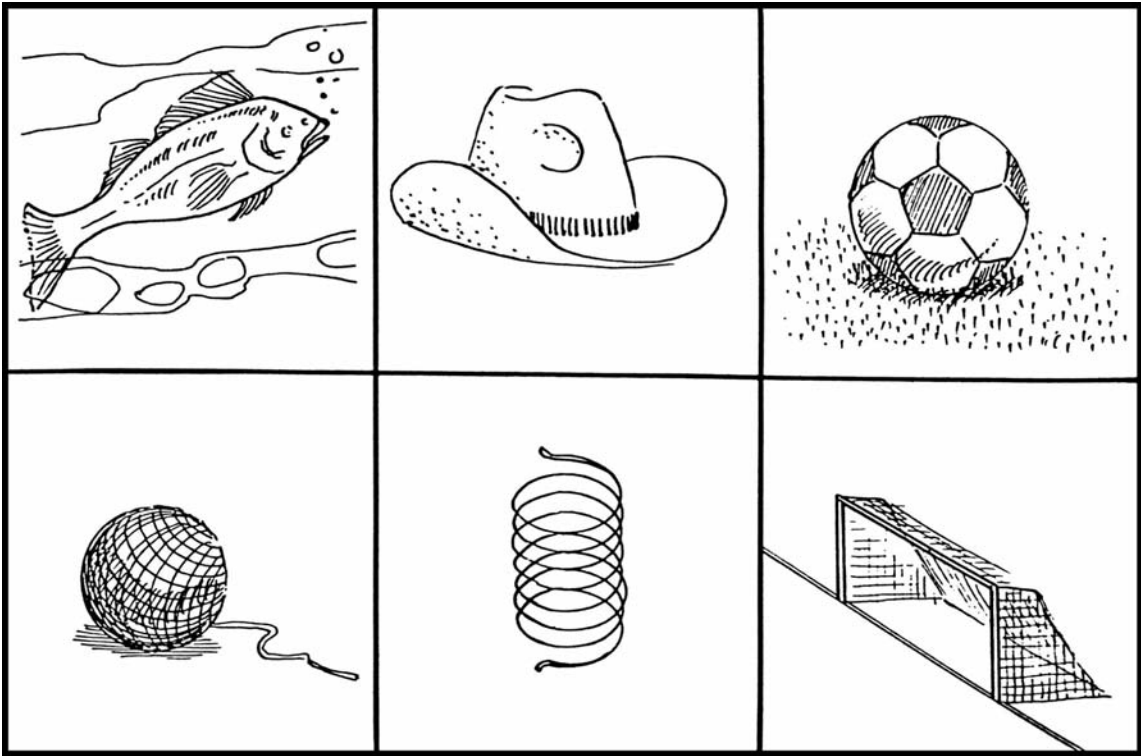
OVO



ROSA



BOLA

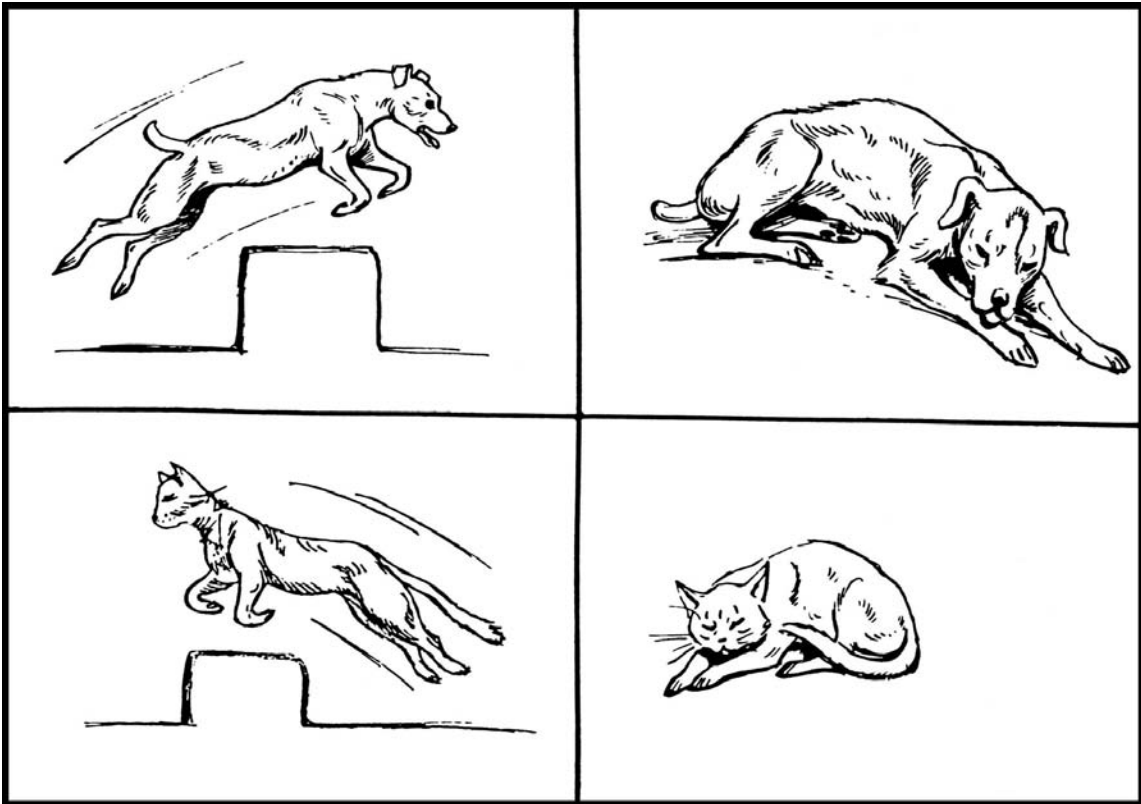


2.2 – FRASES SIMPLES SOLICITADAS:

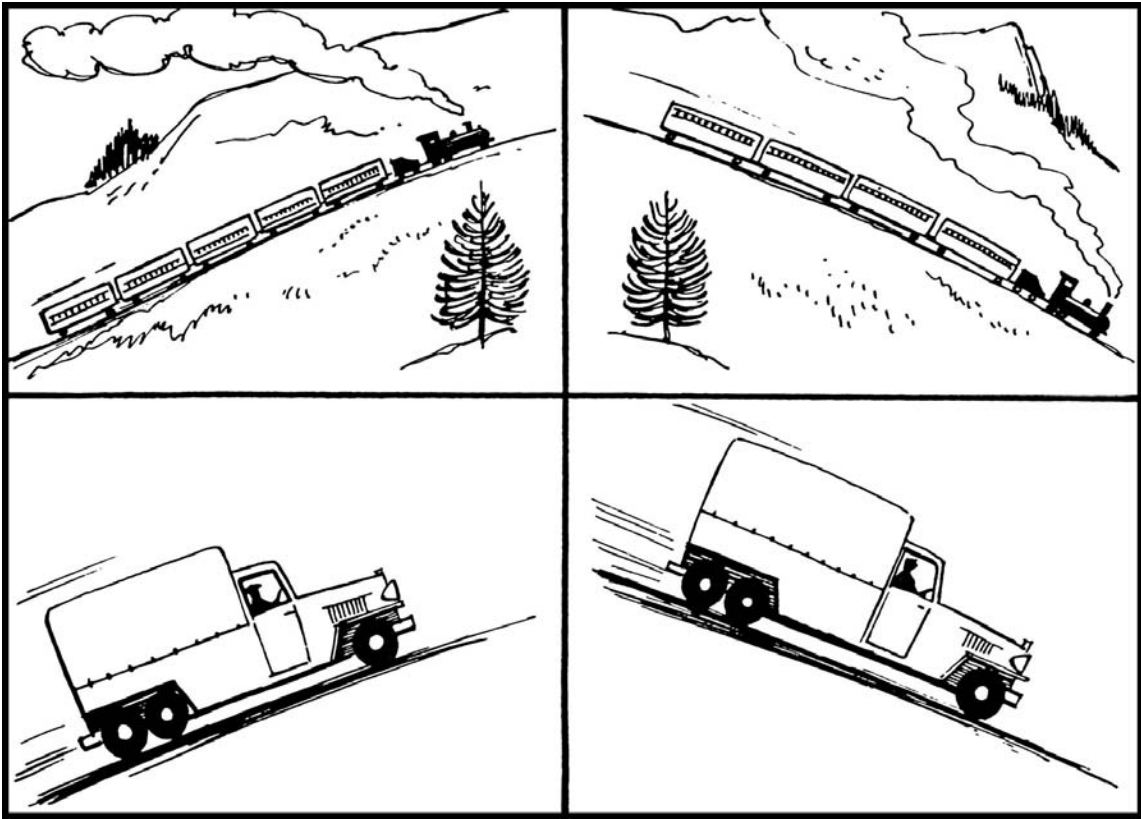
A MULHER ESCREVE



O CACHORRO BRINCA

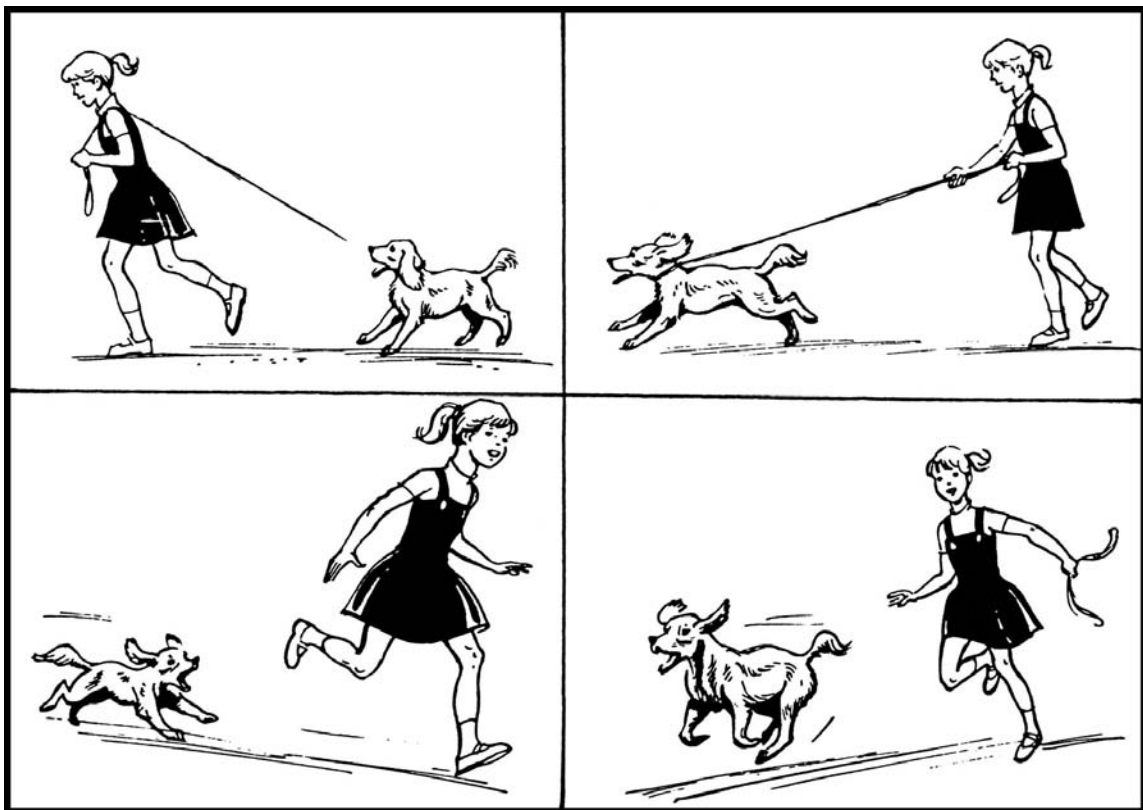


O CAMINHÃO DESCE

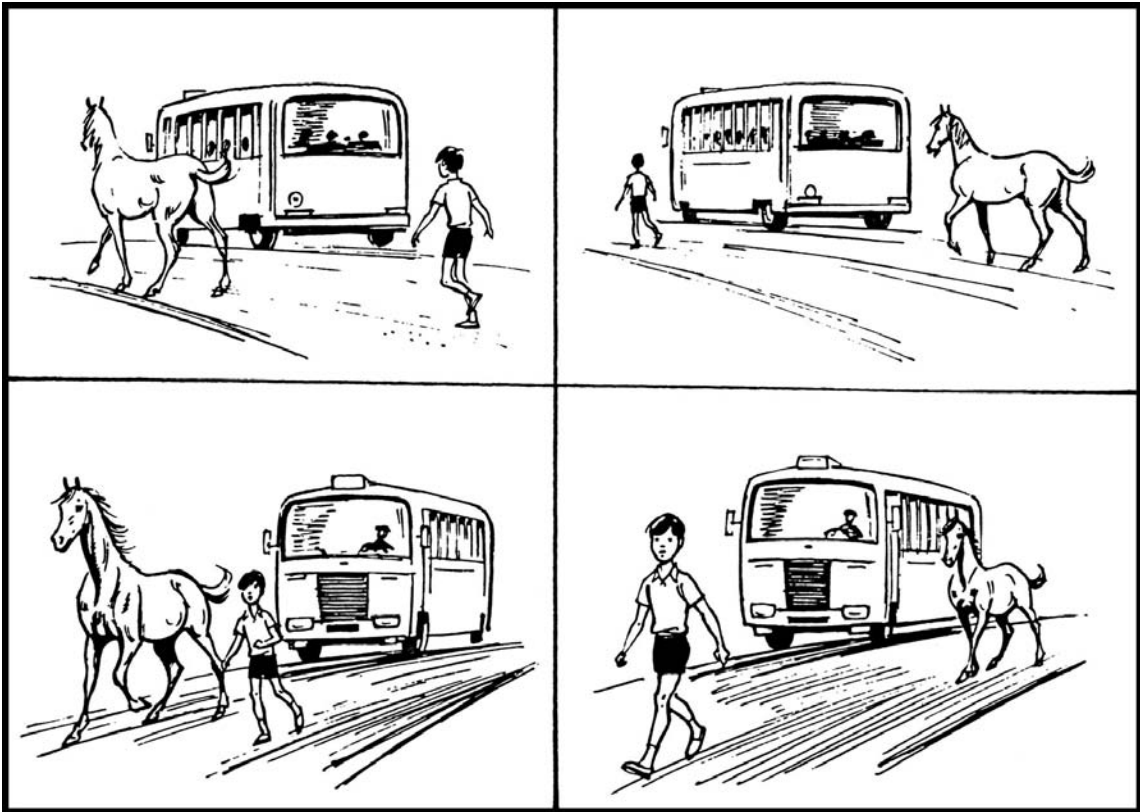


2.3 – FRASES COMPLEXAS SOLICITADAS:

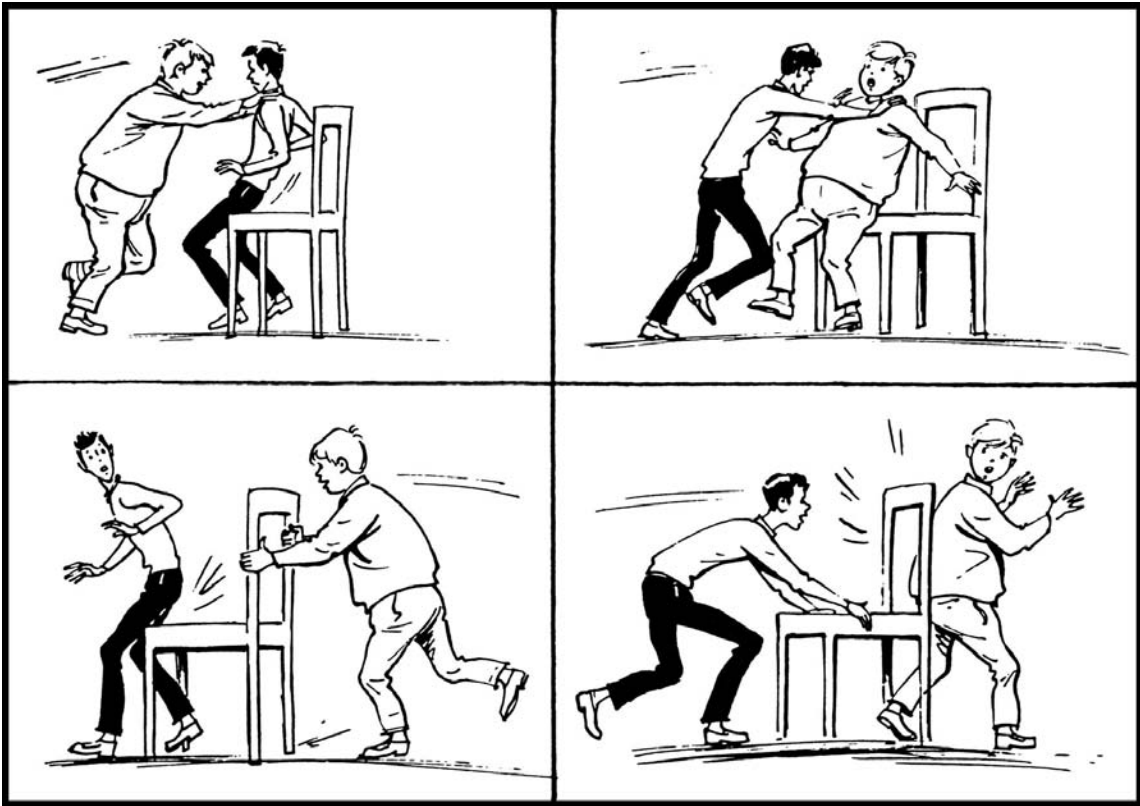
O CACHORRO PUXA A MENINA



O ÔNIBUS SEGUE O MENINO E O CAVALO



O GORDO EMPURRA O MAGRO NA CADEIRA



3- CÓPIA

3.1 – FRASE SIMPLES:

O TREM É VELOZ

4- DITADO:

4.1 – PALAVRAS:

QUINTAL

TROVÃO

MANCHA

4.2 – FRASE SIMPLES:

AS PÊRAS SÃO VERDES

5- LEITURA

5.1 – PALAVRAS:

PÉ
CRUZ
BOLA
COLCHÃO
CINEMA
CONSTRUÇÃO
GASOLINA
COMPLICAÇÃO

5.2 – FRASE SIMPLES SOLICITADA:

O AVIÃO FOI EMBORA.

5.3 – FRASES COMPLEXAS SOLICITADAS:

AQUELE GATO BRANCO DO MOINHO QUEBROU A LÂMPADA.
NÓS VAMOS VÊ-LA SE VOCÊ PERMITIR.

6- REPETIÇÃO

6.1 – PALAVRAS:

PÁ

TREM

PATO

PRATOS

CAVALO

CRUZEIROS

SABONETE

EMBARCAÇÃO

6.2 – FRASE SIMPLES:

O CÉU ESTÁ AZUL.

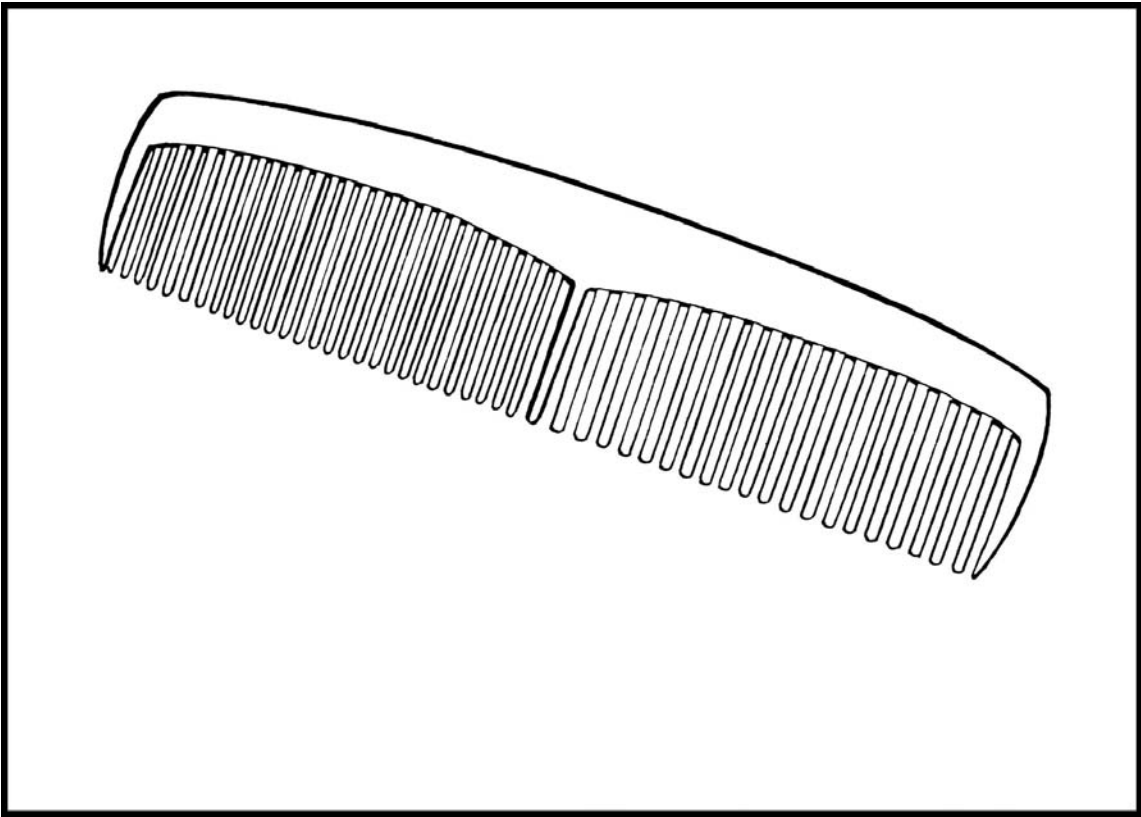
6.3 – FRASES COMPLEXAS:

- O CACHORRO PRETO GRANDE DA VIZINHA MORDEU O MENINO
- NÓS LHE DAREMOS DESDE QUE ELA RECLAME

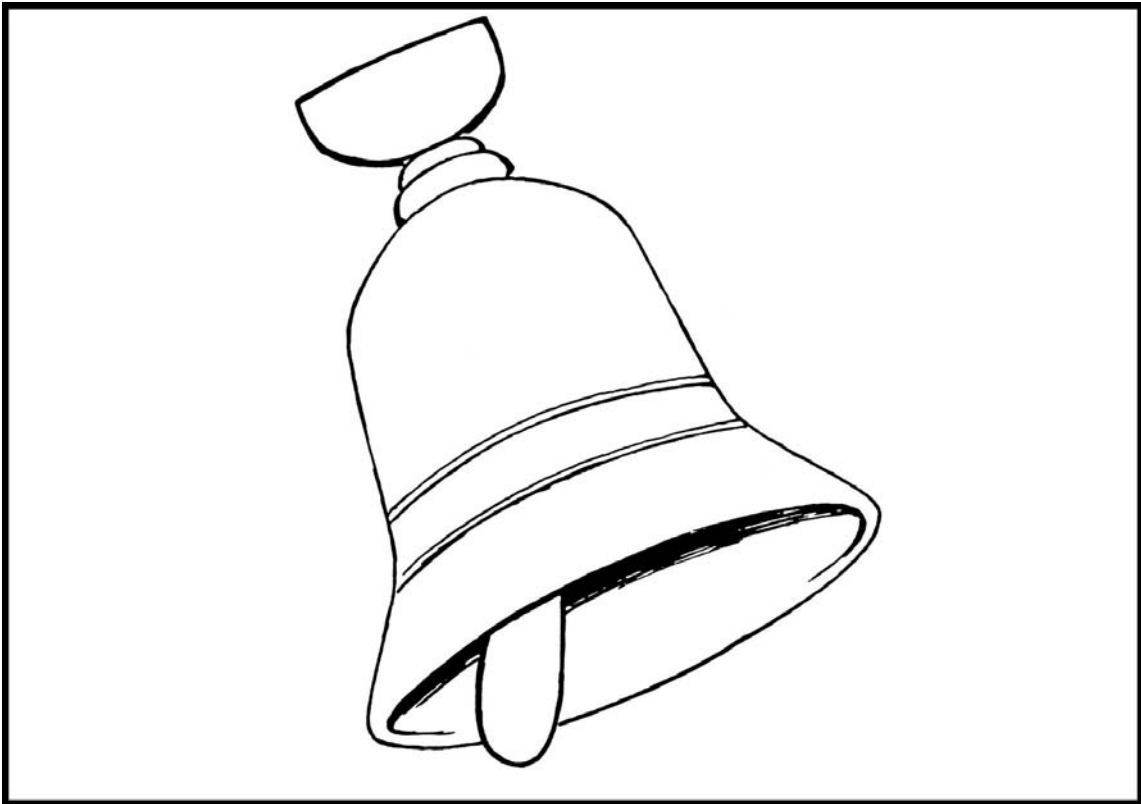
7- FIGURAS: (A examinadora mostra as figuras para que o sujeito diga o que é)

7.1 – SIMPLES:

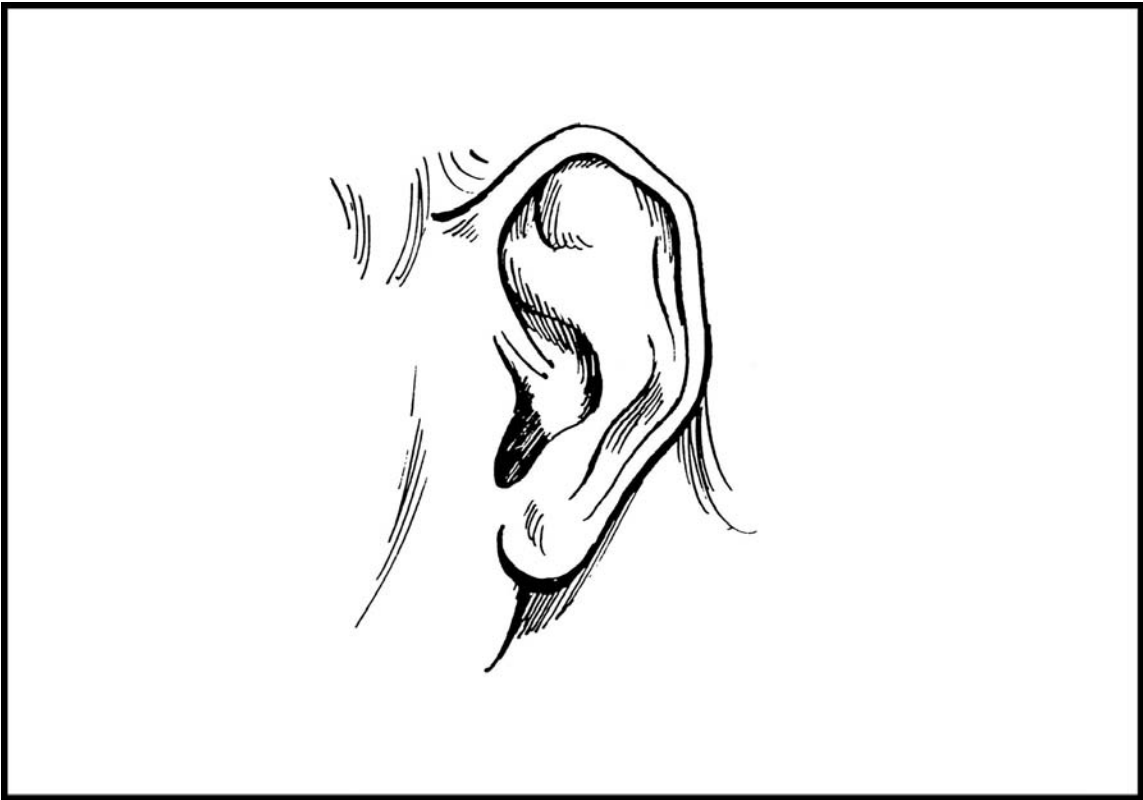
PENTE



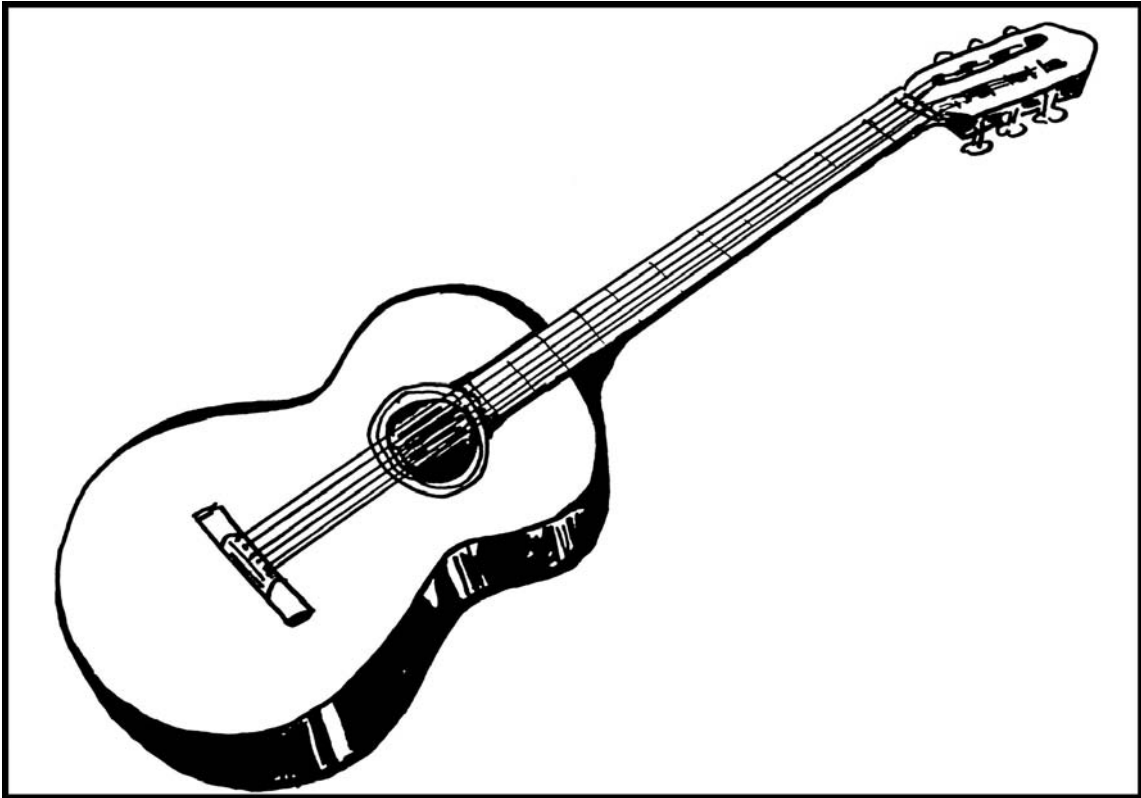
SINO



ORELHA



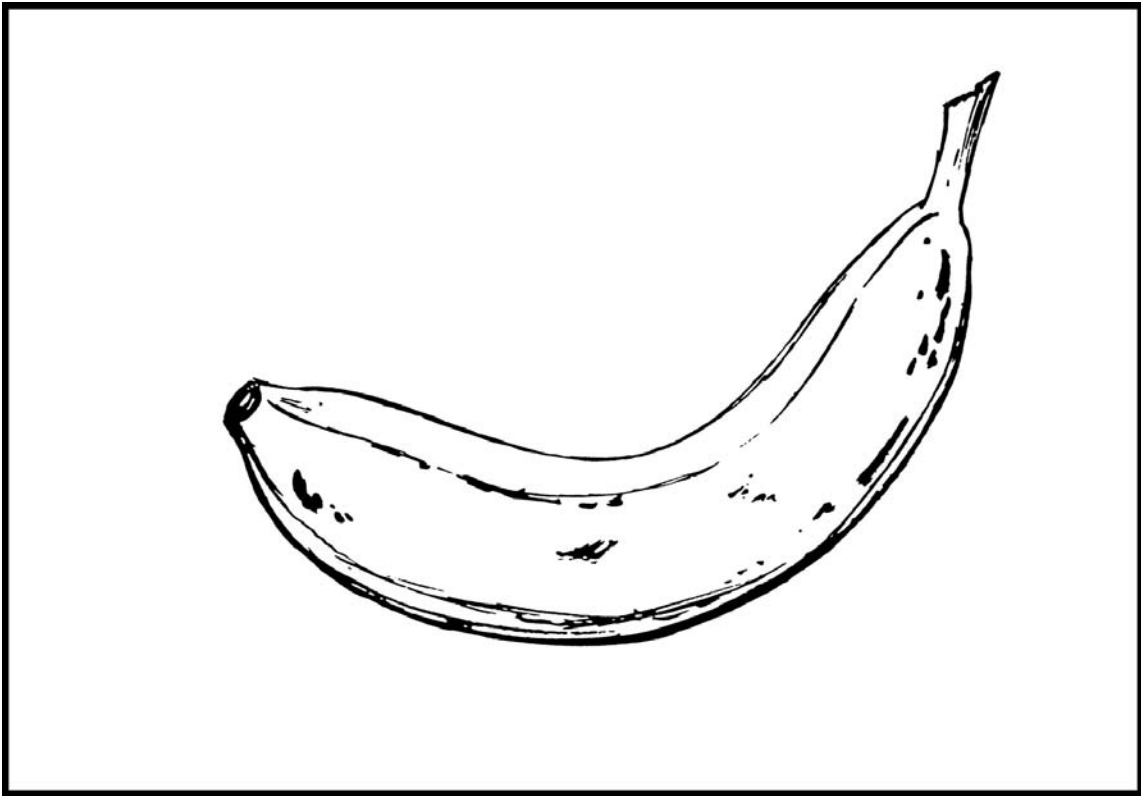
VIOLÃO



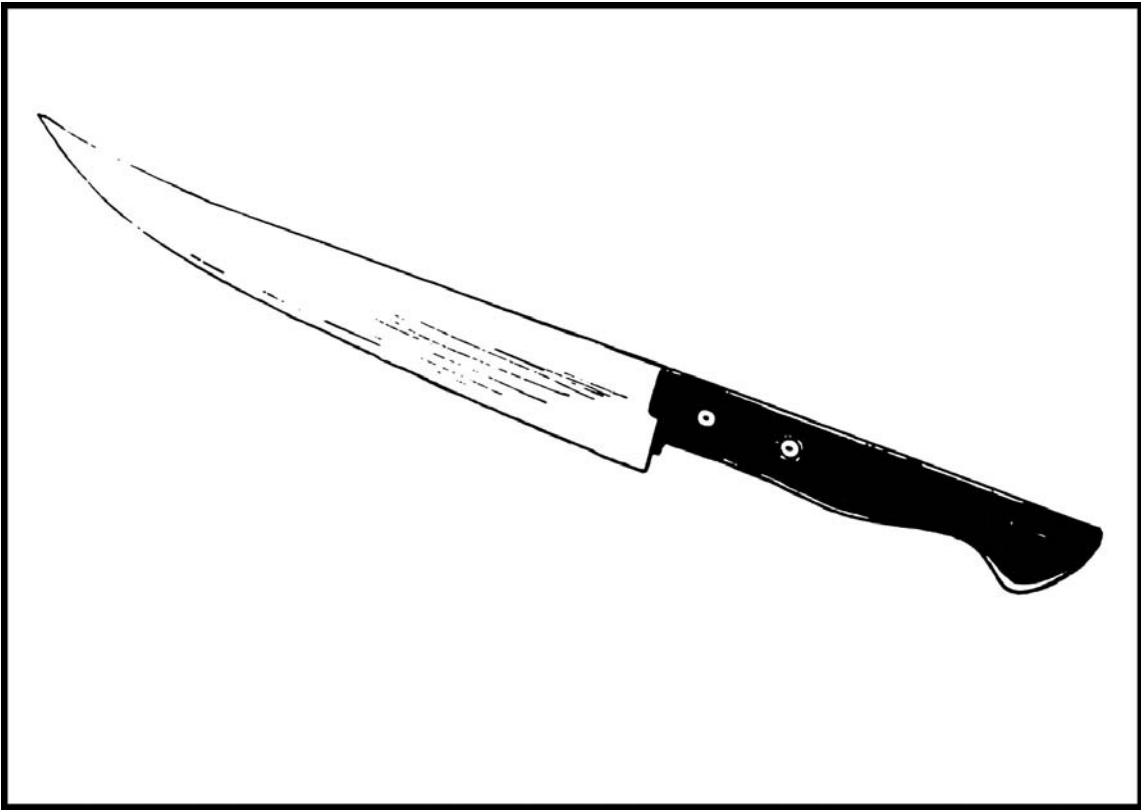
CACHIMBO



BANANA



FACA



7.2 – COMPLEXAS:

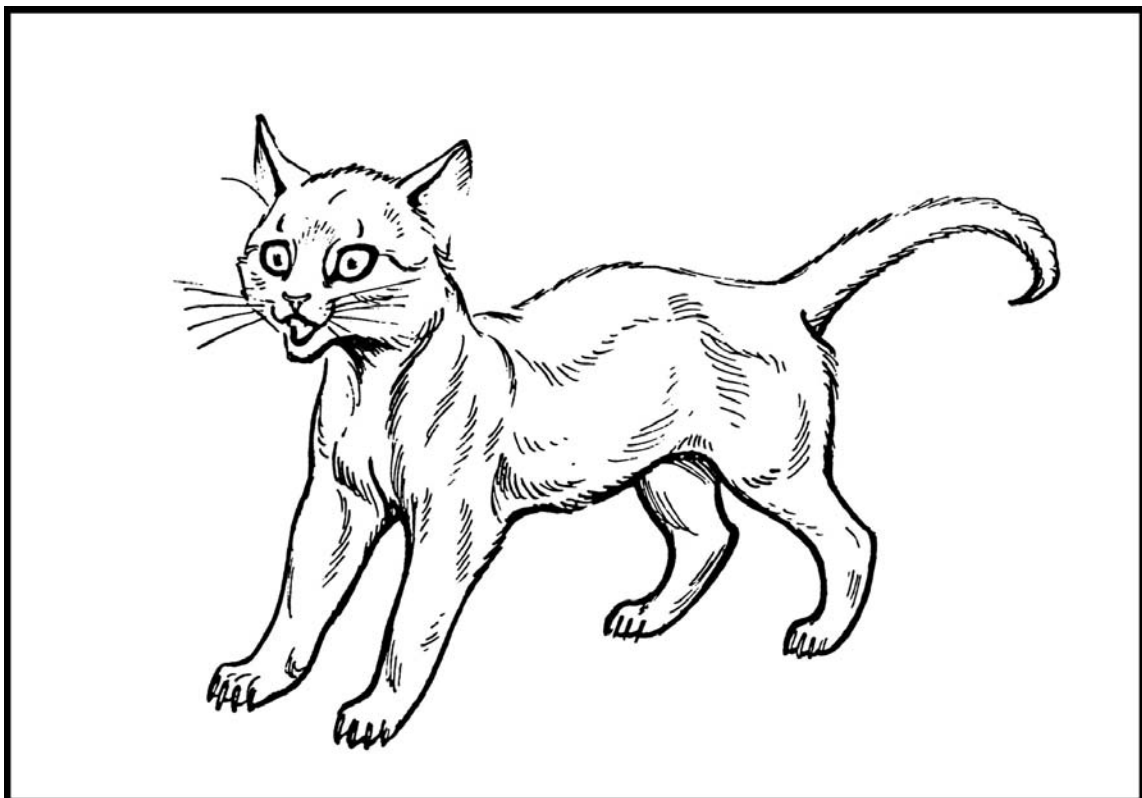
GATO

RABO

GARRAS

BIGODE

OLHOS



**Protocolo de avaliação de apraxia-buco-facial de Christensen
(1973, apud Fedosse, 2000)**

Realização de *movimentos simples*. O examinador, através de comando oral e/ou imitação, requisita ao paciente movimentos como:

- a) Mostrar os dentes, inflar as bochechas e soprar, enrugar a testa.
- b) Colocar a língua para fora, o máximo que puder, e mantê-la nessa posição por algum tempo.

Após a realização dos movimentos acima, avaliam-se as condições de o paciente realizar *movimentos cinestésicos*. Requisita-se, também, através de comando oral e/ou imitação, que o paciente:

- a) Coloque a língua para fora na horizontal.
- b) Coloque a língua para fora voltada para cima.
- c) Coloque a língua entre os dentes e o lábio superior.⁵

A *organização dinâmica* de movimentos é avaliada através de repetição de uma seqüência de movimentos e da variação de velocidade. O examinador pede para o paciente:

- a) Repetir duas (ou três) vezes a seguinte seqüência: mostrar os dentes, colocar a língua bruscamente para fora da boca e depois colocá-la entre os dentes e o lábio superior.
- b) Repetir a seqüência de movimentos acima, várias vezes rapidamente.
- Mímica.
- Mastigar e assobiar.

O examinador, através de comando oral e/ou imitação, requisita ao paciente movimentos como:

- c) Mostrar os dentes, inflar as bochechas e soprar, enrugando a testa.
- d) Colocar a língua para fora, o máximo que puder, e mantê-la nessa posição por algum tempo.

Após a realização dos movimentos acima, avaliam-se as condições de o paciente realizar *movimentos cinestésicos*. Requisita-se, também, através de comando oral e/ou imitação, que o paciente:

- d) Coloque a língua para fora na horizontal.
- e) Coloque a língua para fora voltada para cima.
- f) Coloque a língua entre os dentes e o lábio superior.⁵

A *organização dinâmica* de movimentos é avaliada através de repetição de uma seqüência de movimentos e da variação de velocidade. O examinador pede para o paciente:

c) Repetir duas (ou três) vezes a seguinte seqüência: mostrar os dentes, colocar a língua bruscamente para fora da boca e depois colocá-la entre os dentes e o lábio superior.

- d) Repetir a seqüência de movimentos acima, várias vezes rapidamente.
 - Mímica.
 - Mastigar e assobiar.

Avaliação de praxia buco-língua-facial

EF – AFASIA MOTORA EFERENTE

A examinadora, através de comando oral e/ou imitação, requisita ao paciente movimentos como:

- a) Mostrar os dentes, inflar as bochechas e soprar, enrugando a testa.

Respondeu adequadamente.

b) Colocar a língua para fora, o máximo que puder, e mantê-la nessa posição por algum tempo.

Respondeu adequadamente.

c) Coloque a língua para fora na horizontal.

Respondeu adequadamente.

d) Coloque a língua para fora voltada para cima.

Respondeu adequadamente.

e) Coloque a língua entre os dentes e o lábio superior.

Respondeu adequadamente.

A examinadora solicita ao sujeito para:

f) Repetir duas (ou três) vezes a seguinte seqüência: mostrar os dentes, colocar a língua bruscamente para fora da boca e depois colocá-la entre os dentes e o lábio superior.

Apresentou dificuldade severa na realização dos movimentos seqüenciais.

g) Repetir a seqüência de movimentos acima, várias vezes rapidamente.

Apresentou dificuldade severa na realização dos movimentos seqüenciais rápidos.

h) Mímica.

Realizou adequadamente.

i) Mastigar e assobiar.

Realizou adequadamente.

SL – AFASIA AMNÉSICA

A examinadora, através de comando oral e/ou imitação, requisita ao paciente movimentos como:

a) Mostrar os dentes, inflar as bochechas e soprar, enrugar a testa.

Respondeu adequadamente.

b) Colocar a língua para fora, o máximo que puder, e mantê-la nessa posição por algum tempo.

Respondeu adequadamente.

c) Coloque a língua para fora na horizontal.

Respondeu adequadamente.

d) Coloque a língua para fora voltada para cima.

Respondeu adequadamente.

e) Coloque a língua entre os dentes e o lábio superior.

Respondeu adequadamente.

A examinadora solicita ao sujeito para:

f) Repetir duas (ou três) vezes a seguinte seqüência: mostrar os dentes, colocar a língua bruscamente para fora da boca e depois colocá-la entre os dentes e o lábio superior.

Realizou adequadamente.

g) Repetir a seqüência de movimentos acima, várias vezes rapidamente.

Realizou adequadamente

h) Mímica.

Realizou adequadamente.

i) Mastigar e assobiar.

Realizou adequadamente.

SI – AFASIA SEMÂNTICA

A examinadora, através de comando oral e/ou imitação, requisita ao paciente movimentos como:

a) Mostrar os dentes, inflar as bochechas e soprar, enrugar a testa.

Respondeu adequadamente.

b) Colocar a língua para fora, o máximo que puder, e mantê-la nessa posição por algum tempo.

Respondeu adequadamente.

c) Coloque a língua para fora na horizontal.

Respondeu adequadamente.

d) Coloque a língua para fora voltada para cima.

Respondeu adequadamente.

e) Coloque a língua entre os dentes e o lábio superior.

Respondeu adequadamente.

A examinadora solicita ao sujeito para:

f) Repetir duas (ou três) vezes a seguinte seqüência: mostrar os dentes, colocar a língua bruscamente para fora da boca e depois colocá-la entre os dentes e o lábio superior.

Apresentou dificuldade severa na realização dos movimentos seqüenciais.

g) Repetir a seqüência de movimentos acima, várias vezes rapidamente.

Apresentou dificuldade severa na realização dos movimentos seqüenciais rápidos.

h) Mímica.

Realizou adequadamente.

i) Mastigar e assobiar.

Realizou adequadamente.

AP- AFASIA SENSORIAL

A examinadora, através de comando oral e/ou imitação, requisita ao paciente movimentos como:

a) Mostrar os dentes, inflar as bochechas e soprar, enrugar a testa.

Respondeu adequadamente.

b) Colocar a língua para fora, o máximo que puder, e mantê-la nessa posição por algum tempo.

Respondeu adequadamente.

c) Coloque a língua para fora na horizontal.

Respondeu adequadamente.

d) Coloque a língua para fora voltada para cima.

Respondeu adequadamente.

e) Coloque a língua entre os dentes e o lábio superior.

Realizou adequadamente.

A examinadora solicita ao sujeito para:

f) Repetir duas (ou três) vezes a seguinte seqüência: mostrar os dentes, colocar a língua bruscamente para fora da boca e depois colocá-la entre os dentes e o lábio superior.

Realizou adequadamente.

g) Repetir a seqüência de movimentos acima, várias vezes rapidamente.

Realizou adequadamente.

h) Mímica.

Realizou adequadamente.

i) Mastigar e assobiar.

Realizou adequadamente.

Corpus Lingüístico dos Sujeitos

EF - AFASIA MOTORA EFERENTE

A avaliação neurolingüística foi realizada em 24 de março de 2003.

LINGUAGEM ESPONTÂNEA

E: sr. E. o senhor estava a: que o senhor tem computador na sua casa

EF: A:

E: e: o senhor entra na internet”

EF: AH o: o:

E: E o senhor conversa com a sua esposa”

EF: não não

E: não dá”

EF: a: lonzi

E: muito longe

EF: lonzi

E: ela tá morando onde”

EF: a: (+) sanai sanai sanai

E: é o nome da cidade”

EF: a: (+) não não é :

E: (+) Japão”

EF: a : é:

E: que cidade do Japão”

EF: a: sul sul

E: sul a e o senhor já foi ao Japão”

EF: não não não

E: não pretende ir”

EF: (incompreensível)

E: não tem vontade”

EF: AH ((riso de EF.))

E: agora com essa gripe que tá dando lá hein’

EF: AH NÃO

E: agora o senhor não vai mesmo

EF não/ não/

E: no Japão não tem”

EF: não

E: só na China né” não entrou nenhum caso no Japão ainda”

EF: não não

E: que bom hein’ tá bem controlado porque entrou em Cingapura entrou parece que no Vietnã

EF: AH ((EF. ri))

E: no Canadá

EF: AH

E: uma: foi uma uma canadense foi pra Hong Kong

EF: hum

E: e: ela pegou a gripe

EF: hum

E: e: e: trouxe pro Canadá

EF: a:

E: em Toronto

EF: a:

E: “aí” disseminou

EF: hum:

E: Toronto ficou em estado de alerta

EF: hum

E: várias pessoas tiveram essa gripe

EF: a:

E: algumas morreram né” então tá todo o mundo em estado de alerta nos aeroportos né”

EF: hum ta

E: tomara que isso já/ ontem eu ouvi uma notícia que parece que Cingapura já está sob controle

EF: AH: hum

E: eles não tão tendo mais casos né” isso é bom (+) senhor E. (+) conta pra mim o que o senhor fazia na sua profissão”

EF: é: Direito

E: AH: Direito (+) o senhor tem filho que fez Direito?

EF: AH NÃO

E: Direito em São Paulo

EF: Direto em São Paulo

E: AH o senhor me falou né” no centro”

EF: hum não ((EF. traça duas paralelas pequenas))

E: o que seria isso não tô entendendo

EF: AH hum:

E: dois riscos

EF: AH

E: qual a universidade mesmo”

EF: é::

E: São Francisco”

EF: AH

E: foi né”

EF: hum é duto é : não ((EF. tenta escrever))

E: vamo tentar falá (+) sabe por que” essa folha aqui: a gente vai usar (+) espera aí (+) vamos tentar falá (+) senhor fez Direito em São Paulo”

EF: dois dois

E: dois o quê” quatro”

EF: NÃO NÃO

E: Direito

EF: é é hum hum:

E: não tô entendendo esse sinal ((duas barras paralelas traçadas na folha por EF.))

EF: hum o Dereto

E: de igualdade” ((E. referindo-se às barras))

EF: não

E: de repetição”

EF: É

E: não tô conseguindo entender

EF: Dereto (incompreensível) São Francisco

E: na São Francisco AH

EF: a: a:

E: na Faculdade de Direito na São Francisco

EF: hum a:

E: era isso que o senhor estava querendo escrever”

EF: não não Dereto ((EF. puxa o papel e escreve soje))

E: soje o que é soje” o senhor escreveu soje

EF: a: hum: a: ((EF. escreve São Paulo))

E: em São Paulo o senhor fez Direito na São Francisco”

EF: AH DO

E: dois o quê”

EF: DO

E: quatro”

EF: NÃO NÃO

E: não dá para perceber senhor E.

EF: ((riso de EF.))

E: não tem importância

EF: AH

E: vamos continuar conversando

EF: a:

E: depois o senhor lembra

EF: hum hum

E: tá bom”

EF: a:

E: aí o senhor me fala melhor aí: o senhor se formou lá’ em que ano o senhor se formou”

EF: O:

E: mil novecentos

EF: [É

E: [e cinqüenta” 50”

EF: não (incompreensível)

E: um pouco antes

EF: hum

E: hum: hum e o senhor exerceu essa profissão quanto tempo”

EF: AH Dereto

E: o senhor tinha escritório”

EF: AH: AH

E: tinha”

EF: a:

E: e o seu escritório ficava em São Paulo ou em Campinas”

EF: não na a: a

E: nos dois o senhor ia pra São Paulo e vinha pra Campinas”

EF: hum

E: AH TÁ mas o senhor morava onde”

EF:AH é :

E: quando o senhor tinha

EF: a:, a:

E: o senhor tinha escritório

EF: é São Paro

E: São Paulo

EF: NÃO

E: o senhor trabalhava em São Paulo”

EF: AH

E: o senhor trabalhava em São Paulo” trabalhava”

EF: hum hum

E: o senhor morava em Campinas”

EF: AH (+) OH

E: morava (+) o senhor ia pra São Paulo e voltava todo dia ou o senhor

EF: NÃO/ NÃO/ NÃO

E: dormia em São Paulo (+) dormia lá”

EF: ((afirma gestualmente))

dormia e: quantos dias o senhor ficava em São Paulo”

E: é

EF: quanto”

E: tinto

E: cinco” AH pode falar senhor E.

EF: É : o :

E: vamos tentar soltar um pouco a fala esquece um pouco o gravador ((EF. não está natural, como nas poucas vezes em que fez terapia com E. É importante destacar que EF. se mostrou muito interessado em colaborar nesta pesquisa, apontando a E., a filmadora na

sala ao lado, antes de iniciar a avaliação neurolingüística. Foi-lhe explicado então, que não seria usado a filmadora, só o gravador)). esquece o gravador (+) aqui a gente tem que ser mais natural (+) ta: quando o senhor precisar o senhor usa a folha (+) mas vamos tentar falar

EF: a: a:

E: o senhor fala mais do que o senhor tá falando hoje (+) senhor

EF: [Ah Campina

E: e o que tem Campinas”

EF: AH: pina

E: hum (+) hum (+) tá. Campinas e São Paulo (+) o senhor ficava entre Campinas e São Paulo(+), morava em Campinas

EF: AH (+) OH

E: sempre morou em Campinas”

EF: OH

E: a vida toda morou em Campinas”

EF: não (+) não (+) não

E: quando o senhor veio pra cá”

EF: hum

E: com quantos anos o senhor veio pra cá”

EF: hum: é Amaro

E: Amparo”

EF: NÃO NÃO NÃO Maro

E: Santo Amaro”

EF: OH

E: o senhor morou em Santo Amaro”

EF: ((riso))

E: no bairro de Santo Amaro, em São Paulo”

EF: hum

E: quando o senhor fez Direito”

EF: é

E: aí, o senhor casou em São Paulo

EF: OH (incompreensível)

E: casou lá

EF: hum

E: logo que o senhor casou o senhor continuou morando em São Paulo”

EF: hum:

E: trabalhando lá(+) se formou advogado

EF: é (+) é

E: o senhor continuou (+) o senhor ficou em São Paulo” ficou”

EF: hum (incompreensível) iquei

E: aí: o senhor veio pra Campinas muito tempo depois

EF: é:

E: o senhor já tinha filhos quando veio pra Campinas”

EF: não não o : um

E: [um filho (+) quantos filhos o senhor tem”]

EF: dos (+) teis

E: três(+) é” eu sei que o senhor tem uma filha médica (+) né”

EF: ((Mostra as fotos dos filhos))

E: as fotos (+) né”

EF: é (+) a (+) a (+) do Basil

E: um filho que trabalha no Banco do Brasil”

EF: NÃO NÃO

E: por que o senhor está mostrando o cartão ((tira da carteira)) do Banco do Brasil”

EF: a : a:

E: por quê o senhor se aposentou pelo Banco do Brasil”

EF: não, não

E: Não” O senhor trabalha com o Banco do Brasil”

EF: OH

E: a: ta mas voltando quantos filhos o senhor tem”

EF: ((mostra as fotos))

E: três filhos (+) menina é médica”

EF: é jornalista

E: jornalista o menino

EF: hum

E: ele que é jornalista”

EF: não hum

E: menino “ ((foto quando adolescente)) é moço

EF: hum

E: é jornalista “

EF: é

E: a menina o que, que é?

EF: méja

E: e esse aqui”

EF: é : Brasília

E: tá em Brasília (+) hum (+) hum(+) trabalha lá(+) no Ministério”

EF: não

E: não (+) trabalha onde”

EF: a:

E: no banco também”

EF: não

E: numa empresa

EF: a::

E: órgão público”

EF: não(+) não

E: não” tá. a sua folha mora onde”

EF: a :iqui

E: aqui: onde” Campinas”

EF:a: ((EF. faz gesto de apontar os lugares próximos da UNICAMP: Barão Geraldo, Cidade Universitária, Guará...))

E: Barão” Barão Geraldo”

EF: não a:

E: ela mora em Campinas”

EF: não mora mora

E: hum ta (+) sua esposa tá no Japão né”

EF: a: a: ((EF. mostra a foto da esposa))

E: AH a foto né’ tá jóia (+) BONITA A FOTO

EF: ((Mostra a foto do genro))

E:: é o marido (+) o seu genro

EF: é é ((EF. mostrando a foto do genro com um coelho))

E: o que ele faz” veterinário”

EF: não ((riso de EF.))

E: é médico também”

EF: é

E: é que eu to vendo ele cuidando do coelho aqui

EF: a: a:

E: japonês”

F: é

E: AH ta muito bem muito bem senhor E. então (+) vamos começar a fazer o teste”

EF: AH AMU

E: fazer essa provinha aqui

TESTE LINGÜÍSTICO

((E. solicita a EF. que aponte as figuras apresentadas, uma a uma e descritas na seqüência abaixo:))

E: mostre a mala

EF: hum (+) mala ((EF. mostra corretamente.))

E: isso (+) mostre a espada ((EF. mostra corretamente.))

E: isso (+) mostre a mão ((EF. mostra corretamente.))

EF: ((EF. mostra corretamente.))

E: mostre o pente.

EF. ((EF. mostra corretamente.))

E: correto

EF. ((riso de EF.))

E: mostre a faca.

EF: ((EF. mostra corretamente.))

E: isso (+) mostre a figura onde: “O homem come”.

EF: (EF. mostra corretamente.))

E: certo (+) mostre a figura onde (+) a menina anda

EF: ((EF. aponta a menina correndo.))

E: ta (+) anda (+) qual o senhor acha que é “

EF: hum (+)

E: são as duas(+) as duas podem ser (+) né” podem ser as duas

EF: a:

E: mas (+) anda (+) qual parece mais que está andando” qual figura parece que tá mais andando”

EF: a: ((EF. mostra incorretamente.))

E: essa aqui: ou essa que ela tá andando(+)

EF: a: ((EF. mostra incorretamente.))

E: essa ela tá correndo(+) ó (+) aqui ela tá andando (+) tá (+) mostre a figura onde (+) o cachorro dorme

EF: ((EF. mostra corretamente.))

E: ((Mostre a figura onde: “O cavalo puxa o menino.”))

EF: ((EF. mostra corretamente.))

E: tá certo

EF: tá ((EF. mostra corretamente.))

E: senhor E. preste bem atenção porque as figuras são bem parecidas ta (+) eu vou falar de novo (+) mostre a figura onde (+) o cavalo puxa a menina

EF: a: hum ((EF. mostra incorretamente.))

E: é essa” o que foi que eu falei” o cavalo

EF; [pussa o (incompreensível)] ((EF. coloca corretamente))

E: isso (+) mostre a figura onde (+) o cachorro segue a mulher e o carro

EF: hum:

E: o cachorro segue a mulher e o carro

EF: hum:

E: o cachorro segue a mulher e o carro

EF: hum

E: olhou todas”

EF: É

E: o senhor não olhou todas sr. E.(+) o senhor não tá olhando todas

EF: É

E: tá

EF: AH

E: então (+) olha bem todas as figuras (+) depois o senhor responde (+) mostre a figura onde (+) o pequeno empurra o grande na cadeira

EF: ((EF. mostra corretamente.))

COMPREENSÃO DA ESCRITA

((E. solicita a EF. que coloque a palavra escrita, junto à figura solicitada, entre outras cinco apresentadas na seqüência descrita abaixo:

E: agora o senhor vai associar (+) vai pôr em cima da figura essa palavra escrita ((E. apresenta a EF. a palavra: “lata”).))

EF: ((EF. coloca corretamente.))

E: onde o senhor vai pôr essa palavra escrita”

EF: um (incompreensível)

E: em qual figura”

EF: ((EF. coloca corretamente.))

E: isso (+) essa palavra agora: “bolo”

EF: hum bolo

E: isso (+) essa palavra: “ovo”

EF: hum ((riso de EF.))

E: isso (+) essa “rosa” (E. mostra a palavra: “rosa”))

EF: hum ((EF. coloca em cima da margarida.))

E: é aí mesmo”

EF: AH OH ((EF.coloca corretamente.))

E: AH Ta essa figura: “bola”.

EF: hum

E: isso (+) essa figura essa (+) onde o senhor vai pôr essa (+) a mulher escreve

EF: hum (incompreensível)

E: isso (+) o cachorro brinca

EF: AH ((EF. coloca corretamente))

E: isso (+) essa daí: essa ((E. mostra a frase: “O caminhão desce”.))

EF: hum : desce hum:

E: não sabe”

EF: hum des camimão... (incompreensível) ((EF. coloca corretamente.))

E: isso (+) esse (+) o cachorro puxa a menina

EF: hum

E: isso (+) essa (+) ônibus segue o menino e o cavalo

EF: hum a:

E: não”

EF: hum hum:

E: não sabe qual é”

EF: hum

E: vamo pra outra ((E. mostra a EF. A frase: “O ônibus segue o menino e o cavalo”..))

EF: AH

E: um hum

EF: AH

E: qual das duas”

EF: AH ((EF.coloca corretamente.))

E: isso (+) senhor E. agora o senhor vai copiar ((E. mostra a EF. a frase: “O trem é veloz”..))

CÓPIA

O TREM É VELOZ.

DITADO

E: pronto muito bem sr. E. vamo seguindo ta (+) vou fazer um ditado

EF: OH ((riso de EF.))

E: escreve aí: quintal ((ver a cópia abaixo.))

EF: o ((EF. olha de relance na palavra.))

E: não pode copiar é só escrever (+) trovão

EF: OH ((riso de EF.)) é hum

E: acabou”

EF: ((riso de EF.))

E: tá faltando’

EF: hum

E: o senhor não lembra”

EF: hum

E: vamos pra outra (+) mancha (+) não”

EF: hum (+) mancha”

E: é

EF: hum

E: ((E. dita a EF. a frase :”As pêras são verdes”..))

EF: hum (+) hum

E: isso (+) as pêras são verdes

EF: hum (+) hum

E: hum (+) hum (+) as pêras (+) tá faltando

EF: É é

QUITAL
TOP
MA
→ VERDE SÃO PA

toja
Lofa

LEITURA

((E. solicita a EF. que leia as palavras descritas na seqüência abaixo:))

E: pêras (+) tá bom senhor E.(+) tá bom agora (+) o senhor vai ler em voz alta

((E. mostra a EF. a palavra: “pé” .))

EF: pé: pé: pé

E: cruz

EF: cois cois

E: bola

EF: bala

E: colchão

EF: colchão

E: cinema

EF: semona semona o: semana a: ((riso de EF.)) é semana NÃO ((riso de EF.)) semana o:
semana na não/ não/ não semana semamba se-mam-ba

E: a:

EF: AH ((riso de EF.))

E: agora leu né”

EF: AH

E: quer ler de novo”

EF: hum semeba OH Semamba e emamba UFA semana não OH

E: vou ajudar ci

EF. [nema AH: OH]

E: construção

EF: construção

E: gasolina

EF: casolina

E: complicação

EF: compação

E: ((E. solicita que EF. repita a frase: “O avião foi embora”..))

EF: o a babão oi embora

E: ((E. solicita que EF. repita a frase: “Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada”..))

EF: aquele gato banco é: oinho bou lamba

E: ((E. solicita que EF. repita a frase: “Nós vamos vê-la se você permitir”.))

EF: nós nói vamos vê-la é (incompreensível) AH hum (+) nós lê-la bemití

REPETIÇÃO

((E. solicita a EF. que repita as palavras e frases apresentadas, uma a uma na seqüência abaixo descritas:))

E: hum agora (+) vamos repetir algumas palavras ((E. solicita a EF. que repita a palavra: ”pá”.))

EF: pá/ pá

E: trem

EF: trem

E: pato

EF: pato

E: pratos

EF: pratos

E: cavalo

EF: cavalo

E: cruzeiro

EF: cruzero

E: sabonete

EF: caponete

E: embarcação

EF: capicção

E: ((E. solicita a EF. que repita a frase: ‘Nós lhe daremos desde que ela reclame’..))

EF: OH (incompreensível)

E: ((E. solicita a EF. que repita a frase: “O céu está azul”..))

EF: zu/ zu/ zu

E: ((E. solicita a EF. que repita a frase: “O cachorro preto grande da vizinha mordeu o menino”..))

EF: É: ((riso de EF.)) catorro (incompreensível) ca

NOMEAÇÃO

((E. solicita a EF. que nomeie as figuras descritas na seqüência abaixo:))

E: vamo pra outra” como chama senhor. E. ((E. mostra a EF. a figura: “pente”..))

EF: pete/ pete

E: ((E. mostra A EF.a figura: “ sino”..))

EF: sino

E: ((E. mostra a EF. a figura: “orelha”..))

EF: hum.a, é: ((riso de EF.)) é hum hum dos é (incompreensível)

E: vamo pra outra ((E. mostra a EF. a figura: “violão”..))

EF: bolarão balalaba é hum (incompreensível) ((EF. tenta escrever..))

E: não é pra escrever (+) esse teste é só pra falar o nome

EF: o: balalana é (incompreensível) bala valo lau

E: isso ((E. mostra a EF. a figura: “cachimbo”..))

EF: cacimbo

E: muito bem ((E. mostra a EF. a figura: “ “banana”..))

EF: manana

E: ((E. mostra a EF. a figura: “faca”..))

EF: faca

E: ((E. mostra a EF. a figura: “gato”..))

EF: gato

E: agora (+) vamo lá (+) o que é essa parte aqui: ((E.mostra a figura: “gato” e solicita a EF que nomeie, as partes corporais do gato, apontadas na figura.))

((E. mostra na figura do gato: “rabo”))

EF: rabo

((E. mostra na figura do gato: “garras / unhas”))

EF: rao u:a

E: aqui: ((E. mostra na figura do gato: “bigode”))

EF: é: NOSSA SENHORA rabo rabo NOSSA SEM/ rabo não não rabo ((riso de EF.)) é:
NOSSA SENHORA RABO RABO.

E: muito bem (+) agora aqui ó ((E. mostra na figura do gato: “olho”))

EF: olho

E: isso senhor E. esse teste eu não posso corrigir (+) por isso que eu não falei nada

EF: AH ((riso de EF.))

E: eu não posso ajudar ta”

EF: tá

E: mas o senhor tá lendo bem né”

EF: OH/ OH

E: o senhor lê bem em voz alta

EF: AH

E: o senhor tem que fazer esses exercícios de leitura ajuda a sair a fala né”

EF: É é

E: o senhor tá lendo bem em voz alta (+) o senhor achou difícil”

EF: ((não respondeu))

E: (+) o senhor achou difícil senhor. E.”

EF: não/ não

E: não né’ tranqüilo né” o senhor foi bem

EF: ((riso de EF))

SL – AFASIA AMNÉSTICA

A avaliação neurolingüística foi realizada em 23 de junho de 2003.

LINGUAGEM ESPONTÂNEA

E: então senhor S. conta do seu trabalho pra mim um pouquinho

SL: esse da prefeitura”

E: é o que o senhor fazia antes de ter o problema”

SL: tinha três anos eu trabalei na prefeitura

E: o que o senhor fazia lá”

SL: a é admnistra de um a rejão

E: hum hum

SL: eu tinha o da leste

E: hum

SL: então cruzava escolas de de de tudo mai mai mai de dos os a dos o na antetário antinuário (+) eu tuvo tava lan tabalhando na pré eu naquela região

E: hum hum

SL: eu tu tava ce ce ces na ma na ba é ((riso de SL.)) é dos é dos deles ele

E: o senhor trabalhava: tinha quatro setores”

SL: a si a si a si a si a si Campinas tem qua tem tem quatro setores

E: hum a cidade toda

SL: um é norte tinha a a este

E: hum hum

SL: os este nuó nuó outro nor sul

E: sei

SL: na minha parte é ali do (+) do (+) do Campo Lim

E: a:

SL: lá de (incompreensível) de Sousas sabe”

E: que parte que é Norte” é sul”

SL: su si si si siu

SL: a: Cambuí Cambuí Cambuí Nova Campinas

E: isso isso tudo que a par

SL: [é sul”]

E: não é é leste por que aquela avenida lá chama Norte–Sul”

SL: ela tem o ela tem uma ma ela tem uma rua ELA TEM UM NOME

E: a::

SL: porque ela vai do sul a lê ao si ali: a: a tem a ma é (+) num sei porque que é

E: ela vai do norte (+) sul

SL: (incompreensível)]

E: então ali ali ali onde ela passa é entre Cambuí e Nova Campinas

SL: é é

E: ali: é norte”

SL: num a:

E: essa região é norte ou é toda sul”

SL: não pra mim pra mim

E: a:

SL: lá era tudo este (+) este

E: leste”

SL: é (incompreensível) aqui aqui na

E: NÃO quando o senhor falou indo até Sousas é leste”

SL: tudo este tudo leste

E: AH por isso que chama Norte–Sul não”

SL: é o que é o norte é (incompreensível) pa so o sul é pegado lá pá so vai pra Sousa Dic lado de: Sousas” É NÃO/ NÃO/a: a:

E: dic”

SL: É

E: AH tá

SL: lá é sul

E: a:

SL: são ou se o ca o o o Caselo ali é norte

E: a: o Castelo

SL: É

E: é norte"

SL: é depois a:

E: oeste qual é"

SL: não tem ((risos)) tem sexto (+) leto (+) leste

E: a:

SL: é não vamo dize assim que eles fizeram na parra na na ((riso de SL.))

E: o senhor trabalhava na parte administrativa"

SL: ISSO

E: a:

SL: eles tavam têm um a (incompreensível) ah tem assim a: u: (+) PUXA ((riso de SL.))

E: mas de uma certa forma o senhor trabalhava na área administrativa

SL: isso é o que tem essa parte administrativa vê a: é é é

E: vê IPTU por exemplo”

SL: como” não/ não

E: não’ nada disso

SL: é só pa (+) (incompreensível) tlanção é algo pecial

E: é só pra quê”

SL: como a: como faz um tem:

E: mapa”

SL: o (incompreensível) rejoy ujó faz um relógio que maca o

E: [a:]

E: a:

SL: aí: a: férias da do a do

E: décimo terceiro não”

SL: não também é lá no do

E: recursos humanos

SL: não pagamento tal é lá se no prédio lá

E: outro prédio

SL: não lá no paço lá no pa paço paço

E: a: a

SL: lá faz eu faço assim se ele ele assina a frequên

E:: [o documento]

SL: não (+) quando faz (+) tem um relógio pa mata o ponto

E: e o senhor assina embaixo de todo mundo

SL: eu depois eu leio

E: a:

SL: tudo e tal

E: faz o controle

SL: é debaixo

[da frequência das pessoas

SL: isso isso]

E: e o senhor se aposentou”

SL: é eu (eu ((riso de SL.)) num era pra mim a fazê era era pra mim aposentá não era não era mas agora mudou

E: certo ma faltava muito tempo para o senhor se aposentar”

SL: não a: pa pa já deu

E: já deu o tempo”

SL: é até agosto eu já compreto

E: AH (+) entendi faltava pouco tempo né”

SL: é

E: mas deu pra aposentá do mesmo dia do mesmo jeito né”

SL: a: não o eu num queria aposentá eu num queria aposentá

E: hum hum

SL: fazê alguma coisa né”

E: certo

SL: o meu pré o meu meu ma meu ma mea ma meu irmão

E: hum

SL: ta montando uma firma

E: a: o senhor quer trabalhar com ele né”

SL: É e então espera com mele lê lá então

E: isso dá uma ajuda lá né”

SL: É lá tamo montando u lo lotamento

E: loteamento”

SL: É

E: muito bem bom senhor S. vamos começar”

SL: o:

E: então vamos lá põe o óculos

SL: tá bem ((riso deSL.))

TESTE LINGÜÍSTICO COMPREENSÃO ORAL

((E. solicita a SL que mostre as figuras apresentadas na seqüência abaixo descritas:))

E: mostre a mala

SL: essa aqui ((SL. mostra corretamente))

E: mostre a espada

SL: esse aqui ((SL. mostra corretamente.))

E: mostre a mão

SL: esse aqui ((SL. mostra corretamente.))

E: mostre o pente

SL: esse ((SL. mostra corretamente.))

E: mostre a faca

SL: esse ((SL. mostra corretamente.))

E: mostre a figura onde (+) o homem come

SL: esse ((SL. mostra corretamente.))

E: mostre a figura onde (+) a menina anda

SL: esse ((SL. mostra corretamente.))

E: mostre a figura onde (+) o cavalo puxa o menino

SL: É o essa aqui ((SL. mostra corretamente.))

E: mostre a figura onde (+) o cachorro segue a mulher e o carro ((SL. mostra corretamente.))

SL: esse aqui ((SL. mostra corretamente.))

E: certo (+) mostre a figura onde (+) pequeno empurra o grande na cadeira

SL: esse ((SL. mostra corretamente.))

E: hum (+) hum

COMPREENSÃO DA LINGUAGEM ESCRITA

E: onde o senhor vai colocar essa palavra (+) lata”

SL: ((SL.coloca corretamente.))

E: essa ((E. mostra a SL. a palavra: bolo))

SL: ((SL. coloca corretamente.))

E: certo (+) essa palavra (+) ((E. mostra a SL. a palavra: “ovo”))

SL: ovo ((SL. coloca corretamente.))

E: esse ((E. mostra a SL. a palavra: “rosa”))

SL: AH (+) NÃO aqui: ((SL. coloca corretamente.))

E: isso (+) essa palavra ((E. mostra a SL. a palavra: “bola”))

SL: bola (+) ((SL. coloca corretamente.))

E: essa ((E. mostra a SL. a frase: “A mulher escreve”))

SL: a mulher escreve ((SL. coloca corretamente.))

E: o cachorro brinca

SL: brinca ((SL. coloca corretamente.))

E: essa frase o caminhão desce

SL: ((SL. coloca corretamente.))

E: essa o cachorro puxa a menina

SL: o cacho ((SL. coloca corretamente.))

E: o cachorro puxa a menina (+) isso mesmo (+) ônibus segue o menino e o cavalo

SL: ((SL. coloca corretamente.))

E: ((E..apresenta a frase: “O gordo empurra o magro na cadeira”.))

SL: ((SL. coloca corretamente.))

E: isso muito bem agora o senhor vai copiar (++) ((E. mostra a frase (+) o trem é veloz))

CÓPIA

O TREM É VELOZ

DITADO

((E. dita palavras e frase descritas na seqüência abaixo:))

SL: ((escreve corretamente))

QUINTAL

TROVÃO

MANCHA

AS PERAS SÃO VERDES

LEITURA ORAL

E: agora vamos ler aqui ((E. solicita a SL. que leia as palavras e frases descritas na seqüência abaixo:))

E: pé

SL: pé

E: cruz

SL: cruz

E: bola

SL: bola

E: colchão

SL: colchão

E: cinema

SL: cinemonaenta o cimenta

E: construção

SL: construção

E: gasolina

SL: gasolina

E: complicação

SL: compolicação com pu putação complicação

E: o avião foi embora

SL: o avião foi engo (+) o avião foi embora

E: aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada

SL: o ca o ca o ca cato (incompreensível) a: a: o a o gato banco no gato no e: é: é a a:
o gato bran banco no moinho quebrou a lâmpada

E: isso nós vamos vê-la se você permitir

SL: nós vamo vamos vê vê ele se você dirigir

REPETIÇÃO DE PALAVRAS E FRASES

((E. solicita a SL. que repita as palavras e frases descritas na seqüência abaixo:))

E: vamos repetir umas palavras

SL: pois não

E: pá

SL: pá

E: trem

SL: trem

E: pato

SL: pato

E: prato

SL: carro como”

E: prato

SL: patos

E: cavalo

SL: cavalo

E: cruzeiros

SL: cru cruzeis

E: sabonete

SL: a: (incompreensível)

E: embarcação

SL: ebarcação

E: o céu está azul

SL: o céu o céu e anil

E: o cachorro preto grande da vizinha mordeu o menino

SL: cachorro preto da vizinha mo mordeu o vi o vizinho

E: nós lhe daremos desde que ela reclame

SL: dos (incompreensível) eu perdi agora

E: nós lhe daremos desde que ela reclame

SL: nós (incompreensível)

E: quer que eu repita”

SL: tentei ((risos))

E: nós lhe daremos desde que ela reclame

SL: você não nos ele que a

NOMEAÇÃO

((E. solicita a SL. que nomeie as figuras descritas na seqüência abaixo:))

E: agora o senhor vai falar o nome ((E. mostra a SL. a figura: ‘ pente’.))

E: pente

SL: ente

E: sino

SL: sino

E: orelha

SL: orera olhera

E: violão

SL: viãolino (+) voli e vião (+) vi (+) vi (+) vo (+) ah (+) lê o outra

E: não”

SL: não

E: cachimbo

SL: (incompreensível) (+) chãõ (+) o (+) cha (+) o chabem (+) cachimbo

E: banana

SL: manana

E: faca

SL: faca

E: gato

SL: a a a ga gato

E: aqui” ((E. mostra a parte corporal do gato: “rabo”))

SL: rabo

E: e aqui ((E. mostra a SL. na figura do gato: “garras” .))

SL: perna direita esquerda

E: aqui na ponta ((E. mostra novamente a SL. na figura do gato: “garras” .))

SL: AH ga garra

E: e aqui” ((E. mostra a SL. na figura do gato: “ bigode”))

SL: ma mais de é um é: um passa no buraco

E: aqui “

SL: ele tem um ele tem é um barba não é barba ((E. SL. falando do bigode do gato.))

E: junto com a barba né”

SL: é quando ele vai passa no bu pro baixo então esse aqui que que

E: [dirige é pra
passá é” AH não sabia]

SL: É

E: e: esse aqui” ((E. mostra a SL. na figura do gato: “olho”))

SL: é o olho

E: isso muito bem.

SL: você não sabia que ((incompreensível))

E: não ele se orienta pelo bigode”

SL: é pra passa quando ele passa (incompreensível) senão ele não (incompreensível)

E: o senhor achou difícil”

SL: não”

E: fez rápido (+) acertou tudo (+) então tá bom

SI – AFASIA SEMÂNTICA

A avaliação neurolingüística foi realizada em 4/12/2003

LINGUAGEM ESPONTÂNEA

E: esse gravador aqui: dona SI eu acho que ele é japonês ((SI. é japonesa))

SI: AH É É ÓIA

E: por que ele é bom”

SI: AH

E: conhece a marca SONY”

SI: conheço

E: é então acho que a PANASONIC é também é não sei

SI: hum

E: conta um pouquinho pra mim conversamos aquele dia um pouco né?

SI: tá

E: aí: a senhora foi criada no Brasil né”

SI: hum

E: Né.

SI: hum

E: com outros irmãos

SI: ota

E: quantos irmãos a senhora tem”

SI: é ((SI. mostra com os dedos)) onzi

E: tudo isso”

SI: É ((riso de SI)) OH ((riso de SI.))

E: a senhora é que na na escadinha da família que número que a senhora é”

SI: terceira

E: terceira” Ah NOSSA então a senhora tem muito sobrinho

SI: tenho Ô SE TENHO

E: quantos mais ou menos”

SI: a: não sei ((riso de SI.))

E: nem sabe né ‘ não e esses seus irmãos estão todos aqui na região “

SI: não moram em Campinas é é estão vivos no Brasil (incompreensível)

E: moram em Campinas.

SI: estão vivos

E: os outros estão por aqui”

SI: não (+) hum: é Japão

E: AH (+) ESTÃO NO JAPÃO

SI: ((riso de SI.)) o:

E: eles foram pro Japão assim foram moços e tiveram filhos lá” ou eles foram depois que os filhos foram criados no Brasil”

SI: fo/ fo/ fo/ fi (+) filho criado no Brasil

E: AH os filhos ficaram aqui”

SI: o:

E: ou foram também”

SI: to todos foram

E: todos foram

SI: É ((riso de SI.))

E: AH

SI: to to é qué qué num posso ir

E: a senhora não pode ir né”

SI: não não

E: a senhora criou raízes aqui né”

SI: na é ((riso de SI.))

E: desses dez irmãos vivos que voltaram pro Japão

SI: hum

E: assim todos eles voltaram pro Japão a senhora não tem nenhum irmão no Brasil”

SI: não não é tem

E: tem

SI: OH: O: é (incompreensível) qua ((SI. mostra os dedos para E.))

E: quatro”

SI: quatro foi no Brasil NÃO tá no Brasil

E: AH tão no Brasil

SI: É ((riso de SI.))

E: eles moram onde aqui perto de Campinas ou estão espalhados”

SI: (incompreensível) mora né né né a: um mora no AH (+) NÃO SEI ((riso de SI.))
em Campina não não é é São Paulo São Paulo na capital.

E: a: capital os outros três moram onde” a senhora além da senhora tem QUATRO
irmãos” ou com a senhora quatro que moram no Brasil”

SI: NÃO é o/ o/ o/ o/ mi mia minha irmã tudo no Brasil (+) um pouco Já/ Japão ((riso
de SI.))

E: então: desses quatro que estão no Brasil são irmãos”

SI: AH são irmãs

E: todas elas estão no Brasil

SI: AH todas elas

E: a: só os homens que foram pro Japão a:

SI: AH ((riso de SI.)) a:

E: a senhora tem irmão em São Paulo

SI: a:

E: e as irmãs estão aonde”

SI: AH não sei ((riso de SI.))

E: não” não lembra”

SI: ai/ ie / ie/ ie/ oeu

E: é no estado de São Paulo (+) Paraná (+) Minas

SI: não é: es estado de São Paulo

E: todo estado de São Paulo

SI: OH ((riso de SI.))

E: ta então a senhora tem três irmãs aqui no Estado de São Paulo”

SI: a: ta três

E: e dona SI e os seus filhos estão no Brasil ou estão no Japão”

SI: um só que/ que/ que/ no Japão

E: AH tá lá

SI: É

E: tá fazendo família lá também (+) ou ele tá só por pouco tempo”

SI: não é quatro ano cinco ano que foi no Japão

E: que foi

SI: É ((riso de SI.))

E: e ele já formou família lá ou ele ainda pretende voltar pro Brasil”

SI: ele pretende voltar pro Brasil

E: Brasil

SI: e e ele tudo tudo a: que a: Auea qué qué só só casado

E: só um casado”

SI: cinco fi/ e quatro

E: quatro

SI: AH cinco filhos a senhora tem

E: não cinco

SI: um casado

E: casado os quatro solteiros”

SI: soltero

E: morando com a senhora

SI: não não é

E: estão em outros lugares

SI: o/ o/ o/outros lugares o é o: é: o dei dei Ransaria

E: Rancharia e o outro”

SI: Rancharia Ransaria depois não a Auea foi foi Ailton ((incompreensível) e os outros um tá no ji ji junto comigo

E: AH te a senhora tem um filho que chama Ailton”

SI: AH

E: e e ele também mora aqui em Campinas”

SI: AH mora

E: AH trabalha aqui tal

SI: mora

E: a sua filha Áurea também trabalha aqui em Campinas”

SI: a: ta

E: e a senhora tem um filho que mora em Rancharia

SI: não ((riso de SI.))

E: não” não um tá no Japão e e o outro é Áurea e o Ailton e o e o Nelton

SI: [tão no Brasil]

E: como chama o outro”

SI: não é Amilton depois o tá no Brasil

E: tá aqui no Brasil

SI: tá

E: falta um filho Ailton Áurea Amilton o que tá no Japão como chama”

SI: Nestor

E: Nestor e falta um

SL: a: é (incompreensível) como chama” rojoarie ojoaria

E: a: relojoaria” ele trabalha com relojoaria”

SI: É

E: qual o nome dele”

SI: é nem lembra porque é tão fácil ((riso de SI.))

E: porque é tudo tão parecido Amilton Adilson Ailton e Áurea

SI: e (+) e (+) e Nestor

E: AH (+) e Nestor esse é o único que não é com A né”

SI: É

E: muito bem dona SI (+) vamos começar então”

SI: a: ta a: tá

E: deixa eu perguntar uma coisa pra senhora (+) e o seu dia a dia assim como a senhora se ocupa” assim

SI: como”

E: o que a senhora faz em casa a senhora se ocupa com o quê”

SI: é: é: cozinho lavo roupa e e chera casa

E: e depois eu passa roupa

SI: e a senhora se ocupa bastante hein dona SI”

SI: É

E: bastante mesmo toma conta da casa e ainda cozinha.

SI: então ((riso de SI.))

E: cozinha”

SI: cozinha é ((riso de SI.)) eu eu gosto de cozinhar

E: gosta” que prato a senhora gosta de fazer”

SI: é: macarrão

E: gostoso né”

SI: e depois (+) eu o (+) aquele é (+) BIFE

E: comida japonesa a senhora gosta”

SI: OH gosto

E: faz sempre” comida de japonês (+) faz”” muito peixe (+) né ”

SI: AH peixe é

E: é eu gosto de peixe também

SI: AH é “

É: é

SI: vai na su a casa não é eu falo vai na minha casa ((risos deSI e E))

E: obrigada dona SI (+) o tempo aqui é realmente impossível

SI: AH é

E: mas ao lado da minha casa abriu um restaurante japonês

SI: AH É”

E: é

SI: via

E: NOSSA eu preciso ir lá qualquer hora fica

SI: [AH: É]

É: é o povo gosta eu gosto também da comida chinesa

SI: AH :É AI

E: a senhora conhece”

SI: o: já é chinesa eu como sempre

E: como sempre é: a senhora faz ou a senhora vai em algum lugar especial”

SI: vou vo/ vo/ vo/ restaurante ((riso de SI.))

E: AH no restaurante chinês então a senhora gosta”

SI: com a Áurea sobrinho não não filho meu

E: a senhora mora em Campinas em Barão ou em Campinas”

SI: Barão

E: AH em Barão (+) aqui tem restaurante chinês”

SI: tem

E: em Barão”

SI: um um só

E: AH TEM É

SI: o:

E: não conheço é bom saber

SI: tem um só DOIS AH e ele dois lugá

E: AH/ tá

SI: ((riso de SI.))

E: dois lugares que tem restaurante chinês” dois restaurantes chinês em Barão (esse esse restaurante japonês fica lá em Campinas fica lá no Cambuí

SI: AH É AH

E: a senhora já foi daqui pra cidade lá

SI: [não não]

E: conhece aquele lado

E: não

SI: não tem o hábito de ir né” mas tem bastante restaurante abrindo né” tá

E: bom dona SI vamos começar aqui”

TESTE LINGÜÍSTICO

COMPREENSÃO ORAL

((E. solicita que SI mostre, entre outras figuras, as descritas abaixo:))

E: mostre a mala dona SI

SI: esse

E: isso mostre a espada

SI: espada”

E: é

SI: espada vichi espada esse ((SI. mostrou o castelo))

E: olhou tudo”

SI: olhei espada ESSE

E: isso esse é o castelo

SI: AH tá

E: NE”

SI: né

E: é que na época do castelo tinham lutas né”

SI: ali ta tá ((riso de SI.))

E: com as espadas então por isso que a senhora falou castelo

SI: AH tá

E: mostre a mão

SI: esse

E: a mão”

SI: o que: que a senhora falou”

E: mão

SI: AH: AH: mão é esse ((riso de SI.))

E: isso pode me chamar de Sílvia tá:

SI: tá

E: mostre o pente.

SI: esse

E: isso dona SI

SI: (riso de SI:))

E: tô indo muito rápido”

SI: NÃO/

E: mostre a figura onde o homem come

SI: esse

E: isso

SI: ((riso de SI.))

E: mostre a figura onde (+) a menina anda

SI: esse

E: hum hum (+) mostre a figura onde (+) o cachorro dorme

SI: ((riso de SI.))

E: mostre a figura onde (+) o cavalo puxa o menino

SI: esse

E: isso (+) mostre a figura onde (+) o cachorro segue a mulher e o carro

SI: esse

E: hum hum (+) mostre a figura onde o pequeno empurra o grande na cadeira

SI: ((riso de SI.)) cadeira

E: quer que eu repita”

SI: qué qué quero

E: o pequeno empurra o grande na cadeira

SI: esse

E: isso

SI: ((riso de SI.))

COMPREENSÃO DA ESCRITA

((E solicita a SI. que coloque entre outras figuras, a palavra escrita dada, próxima à figura correspondente.))

E: vamos ver onde a senhora vai por essa palavra aqui” ((E. apresenta a palavra: “lata”))

gato lata barril

caixa relógio barco

SI: hum

E: que figura a senhora vai colocar”

SI: é é esse ((SI. coloca no gato.))

E: hum hum pode por aqui (+) que está escrito aqui “ ((E. mostra a palavra: “bolo”))

E: procura a figura (+) escrita aqui ((E. mostrando a palavra: ” bolo”))

rolo de macarrão pneu sapato

bolo sorvete martelo

SI: AH tá tá esse ((SI. coloca no pneu.))

E: hum hum

SI: bola

E: ((E. mostra a SI. a palavra: “ ovo”.))

bola de tênis galo osso

avião cadeira ovo

SI: ((SI. coloca corretamente))

E: esse

S: é ovo

E,: mostra a palavra rosa

botão de rosa sino tesoura

flor roda sofá

SI: : roda é rosa

E:; isso esse ((E. mostra a SI. a palavra: “bola”..))

peixe chapéu bola de futebol

novelo mola rede de futebol

SI: ((SI. coloca corretamente.))

E: esse onde a senhora vai pôr” ((E. mostra a frase: “A mulher escreve”..))

A mulher escreve. O homem escreve.

A mulher lê. O homem lê.

SI: essa é essa eu não sei

E: não”

SI: é:

E: olha a figura onde a senhora acha que isso que tá aqui: qual é a figura do que tá escrito aqui”

SI: é essa

E: ESSA MESMO acertou a mulher escreve

SI: AH É a mulher escreve

SI: isso ((E. mostra a frase: O cachorro brinca))

Cachorro saltando.

Cachorro dormindo.

Gato saltando.

Gato dormindo.

SI: o: o: ca – cacho -- rro late NÃO BRILHA

E: isso (+) agora acertou.

SI: ((riso de SI.))

E: então leia aqui (+) o que tá escrito” ((E. mostra a frase: “O caminhão desce”))

Trem sobe.

Trem desce.

Caminhão sobe.

Caminhão desce.

SI: (+) ca - chorro é BRILHA/ NÃO é: late não é: agora não sei

E: esse a senhora não sabe”

SI: O o lá não não sei também ((riso de SI.))

E: não” então qual a senhora acha olhando aqui ((E. mostra as figuras acima descritas.))
hum o que a senhora acha que figura que seria” a senhora já tinha mostrado né” ((SI. olha para a figura do caminhão descendo.))

E: é

E: tava certo isso ta certo

SI: tá certo

E: então aqui a senhora não sabe ler”

SI: não

E: a senhora tava lendo certo”

SI: não

E: não tava lendo certo”

SI: não

E: tava falando outra coisa né” então ó

E: É ((riso de SI.))

E: então é o caminhão desce

SI: AH o caminhão ÓIA AH

E: não é” tá escrito caminhão aqui”

SI: AH é ca caminhão

E: tá mesmo

SI: o: ((riso de SI.))

E: ((E. mostra a SI. a frase: “O cachorro puxa a menina”..))

SI: o o cachorro ((sussurro de SI.)) não o é ba não o
cachorro é na não/ não AH

E: onde a senhora acha que a senhora vai por essa figura olhando assim”

SI: hum coche

E: ta a senhora quer ler”

SI: cu quero o cacho/ não o agora não sei pó não late não é não sei não ((riso de SI.))

E: tá difícil essa”

SI: tá

E: muito bem então vamos pra outra ((E. mostra a SI. a frase: “O ônibus segue o menino e o cavalo”..))

O menino segue o cavalo e o ônibus. O cavalo segue o ônibus e o menino.

O ônibus segue o menino e o cavalo. O ônibus segue o cavalo e o menino.

SI: o

E: [[olha tudo dona SI não precisa ler em voz alta]]

SI: AH ta tá

E: vê se a senhora consegue ler

SI: AH tá tá

E: e associar qual é a figura que estaria falando isso”

SI: vichi

E: hum hum

SI: ((SI. mostra incorretamente.))

E: isso

SI: tá

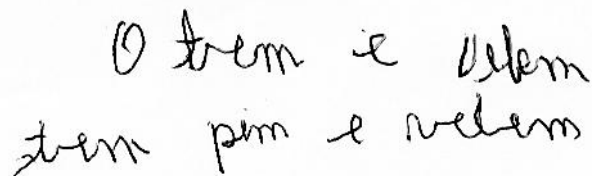
E: ((E. mostra a SI; a frase: “O gordo empurra o magro na cadeira”..))

O gordo empurra o magro na cadeira. O magro empurra o gordo na cadeira.

O gordo com a cadeira empurra o magro O magro com a cadeira empurra
o gordo.

SI: esse ((SI. coloca a frase “O gordo empurra o magro na cadeira” na figura “O magro com a cadeira empurra o gordo”..))

CÓPIA



O trem e verde
tem pão e verde

DITADO

((E. dita as palavras e frase descritas abaixo:))

((Prova difícil para SI., não sendo possível realizá-la.))

E: quintal

SI: quintal não sei

E: não lembra”

SI: não ((riso de SI.))

E: trovão

SI: trovão”

E: mancha

SI: ((riso de SI.)) não sei não

E: não né “ E. dita a frase: As pêras estão verdes”.)

SI: as pêra (+) pêra (+) verdes

E: isso (+) tá bom só isso

LEITURA

((E. solicita a SI. que leia as palavras e frases apresentadas, uma a uma, na seqüência abaixo descrita.))

E: agora a senhora vai ler em voz alta ta”

SI: tá

E: vou mostrar algumas palavras pra senhora (+) leia isso ((E. mostra a SI. a palavra: “pé”.))

SI: pé

E: cruz

SI: cruz

E: ((E. apresenta a SI. a palavra: “bola”.))

SI: bola

E: colchão

SI: é: é: cachorro: CACHORRO (+) (segmento inaudível)

E: “cinema”

SI: é é tro trovão eu não sei essa

E: construção

SI: é não sei também. VICHI ((riso de SI.))

E: esse dona SI gasolina

SI: é esse eu sei col ai ((riso de SI.)) ai é aquele que que monta no no no
GASOLINA

E: isso

SI: ((riso de SI.))

E: viu só” eu não posso falar tá

SI: AH

E: a senhora tá conseguindo aí:” ((SI. está tentando ler a palavra: “complicação”.))

SI: é: é: pê não pê eu não sei também ((riso de SI.))

E: tá ((E. solicita a SI. que leia a frase: “O avião foi embora”.))

SI o avião é: monta é: (incompreensível) é monta a: caramba passageiro

E: hum hum aqui ((E. mostra a SI. a frase: “Aquele gato branco do moinho quebrou a lâmpada”.))

SI: o não não o gato é: ai num sei o: num sei também ((riso de SI.)) o o

E: tá difícil esse” tá

SI: ((riso de SI.))

E: essa aqui: “Nós vamos vê-la se você permitir”

SI: é ((SI. fala sussurrando)) o cachorro (+) não não é o cachorro pre não a:i não sei

REPETIÇÃO

((E. solicita a SI. que repita as palavras e frases, apresentadas uma a uma, na seqüência abaixo descritas:))

E: então agora vamos repetir ta” ((E. solicita a SI. que repita a palavra: “pá”.)

SI. pá

E: trem

SI: tem

E: pato

SI: pato

E: pratos

SI: prato

E: cavalo

SI: cavalo

E: e: cruzeiro

SI: cruzeiro

E: sabonete

SI: saboneti

E: embarcação

SI: a: embarcação

E: nós lhe daremos desde que ela reclame

SI: nós daremos porque recrama

E: o céu está azul

SI: o céu está azul

E: o cachorro preto grande da vizinha mordeu o menino

SI: o cachorro mordeu o menino

NOMEAÇÃO

((E. solicita a SI. que nomeie as figuras, apresentadas uma a uma, na seqüência descrita abaixo :))

E: muito bem (+) agora é falá o nome ta”

SI: pente

E: isso

SI: sino

E: luz

SI: orelha

E: pa (+) pássaro

SI: violão

SI: é que que é mesmo (+) aquele que toca ((riso de SI.)) não sei nome a:
CARAMBA é é toca e ai num fala num é aí:

E: não vem agora né”

SI: AH/ não

E: cachimbo

SI: aquele que a ca ((SI. tenta o gesto de fumar.))

E: pode ir mostrando pra mim como é que a senhora tá falando

SI: é. fumo

E: isso isso ((E. mostra a figura: “banana”..))

SI: banana

E: ((E. mostra a figura: “faca”..))

SI: faca

E: ((E. mostra a figura: “gato”.)

SL: gatinho gato

E: agora (+) eu vou pegar umas partes do gato

SI: AH tá

E: aqui: ((E. mostra a SI. na figura do gato: “rabo”.) como chama”

SI: é orelha não é patinha

E: e aqui” ((E. mostra a SI. na figura do gato: “garras/patas”.)

SI: AH é aí: é a: CARAMBA eu sei mais pato não ((riso de SI.)) ai:

E: AH pata a senhora quer dizer aqui”

SI: Ô PATA

E: aqui ((E. mostra a SI. na figura do gato: “bigode”.)

SI: ocinho

E: hum hum

SI: o po disse que é o patinho né”

AP – AFASIA SENSORIAL

A avaliação neurolingüística foi realizada em 18 de junho de 2003.

LINGUAGEM ESPONTÂNEA

E: senhor A.

AP: pois não

E: conta pra mim como que era o seu trabalho”

AP: a senhora perguntou se

E: como era o seu trabalho”

AP: AH a senhora (incompreensível) certo

E: hum hum

AP: (incompreensível)

E: pode falar alto

AP: (incompreensível)

E: fique à vontade pode falar alto

AP: eu sei pra falar a verdade eu

E: o senhor trabalhava de tudo (+) mas o senhor trabalhou muito tempo

AP: eu gostei daqui da senhora muito da senhora

E: AH

AP: conversamo (incompreensível) da comendação da senhora se se eu fiz tudo certo

E: senhor. A o senhor acha que está melhorando aqui”

AP: AH sim sim conheço

E: conhece está melhorando

AP: a única coisa que meu problema não sinto falando

E: AH

AP: é não consigo fala mas consigo

E: mas consegue

AP: nome nome da senhora pode ver que eu tô ((AP. faz o gesto de escrever.))

E: consegue escrever né”

AP: AH isso sim

E: senhor. A. o senhor era motorista”

AP: pois não meu nome nome do meu pai é ruim falá nome

E: hum hum

AP: é

E: o senhor o senhor trabalhava como motorista

AP: AH eu gostaria muito eu vou dizê pra senhora é: a em casa tem casa né”

E: AH

AP: eu gostava muito eu tenho uma pa paixão (+) gosto dos filhos dos três meninos né”
queria aprendê aprendê

E: quantos filhos o senhor tem”

AP: (incompreensível) a senhora falava que era de mim só”

E: AH

AP: é eu gostava muito de mim dá toma conta do serviço e dos filhos deles comigo

E: o senhor tomava conta dos filhos das pessoas”

AP: gosto gosto

E: das crianças (+) o senhor levava pra escola e levava pra casa

AP: muito (incompreensível)

E: agora a sua esposa é que está fazendo isso né” ela que tá dirigindo”

AP: gostava muito (+) eu pretendi (incompreensível) mas eu sei (incompreensível) melhorei ou não tô fazendo o possível pra melhor

E: pra melhorá tá certo

AP: sim senhora pretendo

E: e o senhor tá com quantos anos”

AP: eu tinha AH eu tinha (incompreensível) tinha muitos anos tinha AH 10 1000 1800 e 30 71 1971 tem conheço dirigia é 25

E: sei...

AP: 25 conheço todos

E: tá

AP: (incompreensível) todos todos de carro

E: conhecia todo mundo”

AP: AH nunca fui carro batido

E: nunca bateu”

AP: não nunca fui batido

E: que beleza

AP: sempre gostava de dirigir certo todos

E: muito bem

AP: graças a Deus

E: vamos ouvir a sua voz senhor. ((E. verifica a gravação mostrando a AP.))
o senhor não me contou (+) o senhor nasceu em Campinas”

AP: eu nasci em Campinas

E: AH é”

AP: quando eu nasci aqui no ano de 19 é mais velho que eu número oitenta e

E: antes

AP: é 70 1970 morava aqui em Campinas

E: mudou pra cá”

AP: é antes disso morava aqui em Campinas

E: onde o senhor morava antes de

AP: antes

E: antes de vir aqui em Campinas”

AP: morava Monte Mor

E: AH

AP: moro ali

E: aí: veio pra Campinas

AP: é depois eu morei pra Campinas

E: quando o senhor casou”

AP: é

E: o senhor veio prá cá

AP: conheci é eu lembro disso trabalhava aqui em Campinas (incompreensível)

COMPREENSÃO ORAL

((E. solicita a AP. que mostre entre as (6) figuras apresentadas na seqüência abaixo descrita, a figura em questão.))

E: certo muito bem vamos fazer essa prova aqui sr. A.”

AP: pois não sim senhora

E: vamos ver como é que o senhor se sai né”

AP: (incompreensível)

E: ó têm umas figuras aí: tá enxergando bem” põe o óculos

AP: (incompreensível) aproveitei da da minha esposa ((AP. esqueceu os óculos e a esposa emprestou o seu, pois segundo ela, têm o mesmo grau.))

E: está vendo as figuras todas”

AP: eu

E: agora eu vou perguntar uma pro senhor ((E. solicita a AP. que mostre a figura mala.))

AP: tá certo eu (incompreensível)

E: mostre pra mim a mala

AP: (incompreensível) da senhora ((AP. mostrou corretamente.))

E: certo muito bem vamos ver outra

AP: (incompreensível)

E: olha outra

AP: (incompreensível)

E: agora aqui ó

AP: conheço muito

E: eu vou perguntar outra figura tá” mostre a espada

AP: (incompreensível) AH essa aqui

E: isso

AP: (incompreensível) da senhora

E: tá acertando

AP: [conheço esse aqui/

E: calma (+) eu vou perguntar mostre a mão

folha panela pão

abridor pé mão

de

lata

AP: pão pão televi não toda gente que (incompreensível)

E: eu vou perguntar outra vez

AP: (incompreensível)

E: eu vou perguntar outra vez

AP: eu conheço ele come come a me a Xuxa

E: não não mostre a mão

AP: (incompreensível) ai eu eu eu gos (incompreensível) necessidade desse aqui: aqui e do
pão/ pão/ do pão tão eu conheço ele

E: não

AP: eu conheço mas num dá pra falá

E: tá bom vamos ver olha todas

AP: (incompreensível)

E: viu todas” viu todas”

AP: ((AP. não respondeu.))

E: já viu”

AP: nossa (incompreensível)

E: senhor. A.

AP: /s/ (+) conheço mas não dá

E: agora eu vou falar mostre o pente

AP: AH esse aqui esse mesmo ((AP. mostra corretamente.))

E: certo acertou olha tudo

AP: esse aqui

E: eu vou falar agora (+) pode falar”

AP: (incompreensível)

E: pode falar”

AP: esse (incompreensível)

E: pode falar sr. A.”

AP: pode/ pode falá

E: mostre a faca

cama pá faca

prato vaca colher

AP: esse aqui: do pão/ esse aqui

E: isso

AP: ACERTEI

E: isso acertou (+) está acertando bem hein”

AP: é

E: vamos continuar (+) olha todos (+) mostre a figura onde o homem come

AP: esse aqui ((AP. mostrou errado: “O homem bebe”..))

E: não

AP: então foi esse esse aqui ((AP. não mostra corretamente.))

E: vamos ver agora (+) mostre a figura onde (+) a menina anda (+) anda

AP: menina: esse aqui

E: isso põe os óculos

AP: (incompreensível)

E: não” tá melhor sem o óculos” mostre a figura (+) onde o cachorro dorme

Gato brincando com a bola.

Cachorro brincando com a bola.

Cachorro dormindo.

Gato dormindo.

AP: menina (+) com esse aqui (+) (incompreensível)

E: tá

AP: num dá pra mim falá palavra ich: meu filho queria falar direito conheço da menina (incompreensível) do dele

E: mostre a figura espera aí olha tudo

AP: é

E: mostre a figura onde o cavalo puxa o menino

Menino seguindo o cavalo.

Cavalo puxando o menino.

Menino puxando o cavalo.

Cavalo seguindo o menino.

AP: ESSE AQUI TÁ aqui tá/ esse aqui: também o cavalo e ele puxando o cavalo puxando ca mão cavão/ cavão/ já tô aprendendo muita coisa eu tentei QUERO APRENDÊ MUITO aprendi sempre palavras

E: mostre a figura onde

AP: [MENINA

E: calma ((E. solicita a AP. que mostre na seqüência descrita abaixo, a primeira figura de ação apresentada entre quatro figuras: “O cachorro segue a mulher e o carro”).))

Cachorro e mulher seguem o carro.

Cachorro segue a mulher e o carro.

Mulher e cachorro seguem o carro.

Carro segue a mulher e o cachorro.

AP: tá passando o carro e mais um pequeno

E: essa aí”

AP: é

E: hum hum

AP: ele de carro e o camin

[muito bem

AP: certo”

E: certo ó agora outra

O grande empurra o pequeno na cadeira.

O grande com a cadeira empurra o pequeno.

O pequeno com a cadeira empurra o grande.

O pequeno empurra o grande na cadeira.

AP: pode ser que nem tenha (+) pode

E: tá cansado sr. A.”

AP: seja

E: não”

AP: aprendê

E: então vamos ver mostre a figura onde o menino empurra o grande na cadeira

AP: pequeno esse aqui: tá (incompreensível)”

E: o pequeno empurra o grande na cadeira

AP: é e ele tá comendo e ele gostava do menina

E: hum hum...

AP: ele gosta dela os três jeito Difícil Aquilo Ali: é mais jeito mesmo

E: hum hum

AP: certo”

E: isso vamos indo hein’ tá indo bem hein”

COMPREENSÃO DA ESCRITA

((E. solicita a AP. que coloque a palavra dada, junto à figura solicitada entre (6) figuras apresentadas na seqüência descrita abaixo:))

E: olha senhor. A. onde o senhor vai pôr essa palavra” ((E. apresenta a palavra: “lata”.)

gato lata barril

caixa relógio barco

AP: gato/ gato (incompreensível)

E: ó onde o senhor vai pôr isso” ((E. perguntando novamente a AP., onde vai colocar a palavra:”lata”.)

AP: gato eu já falei

E: põe o óculos para ver melhor

AP: é

AP: esse aqui

E: leu”

AP: ((AP. não respondeu.))

E: leu melhor”

AP: é aqui/ gato

E: onde o senhor vai pôr”

AP: é este aqui: ele tá aqui: isto

E: essa palavra ((E. mostra a palavra: “lata”, na mão de AP.))

AP: gato AH (+) go ga to (+) não é outra gente

E: hum hum

AP: junto

E: qual que é”

AP: gato ga AH o nome dele (incompreensível)

E: onde o senhor vai pôr” vai pôr onde” em cima dessa (+) dessa (+) dessa (+) dessa ou dessa”

AP: esses dois ((AP. coloca corretamente em cima da lata.))

E: isso aqui ó ó ó

AP: (incompreensível) cavalo de carro/ carro do carro caminhão né” gato (incompreensível) então gato é do car não (incompreensível) gato

E: hum hum

AP: é duro não queria sarar logo essa parte

E: onde está escrito esta” ((E. mostra a AP a palavra: “bolo”))

rolo de mesa pneu sapato

bolo sorvete martelo

AP: esse aqui este

E: isso certo vamos passar pra outra ((E. mostra a palavra: “ovo”))

bola de tênis galo osso

avião cadeira ovo

AP: (incompreensível)

E: isso agora vou ler primeiro né” (+) essa

AP: esse aqui (incompreensível) esse aqui

E: está enxergando bem aqui senhor A.”

AP: esse aqui

E: está enxergando” ((AP. não está olhando para todas as figuras.))

AP: to/ gato AH ga: é du coisa esse aqui esse aí é é (incompreensível) também esse tá aberto também fechado

E: tá pode ser esse né” tá bom

botão de rosa sino tesoura

flor aberta roda poltrona

AP: é esse aqui: esse aqui tá aberto também fechado

E: isso as duas flor né”

AP: é

E: tá certo

AP: vale aberto e fechado (incompreensível) eu tenho na minha casa muito

E: é

AP: planto (+) esses dias eu fui no médico pra arruma consertá pra arruma consertá sabe o serviço muito bom

E: AH

AP: eu peço isso pra aprendê

E: vamos ver senhor A. aqui ó ((E. mostra a AP. a palavra: “bola”.)

peixe chapéu bola de futebol

novelo mola gol

AP: esse não (+) esse não (+) nesse não na na na na não/ não esse aqui

E: tá

AP: (incompreensível)

E: isso

AP: pode usar esse aqui e esse aqui (novelo/bola)

E: tá certo

AP: é eu uso dos dois (incompreensível) um cavalo um cavachorro é brincan
(incompreensível)

E: Vamos lá hum hum e aqui” (A mulher escreve.)

(A mulher escreve.

O homem escreve.

A mulher lê.

O homem lê.)

AP: esse aqui: senhora uma senhora tá setendo (+) tá aqui

E: qual deles”

AP: uma senhora um sem

E: isso (+) essa aqui

AP: é ela

E: isso mesmo ó

AP: (incompreensível)

E: isso vamos ver aqui ((E. mostra a frase: "O cachorro brinca".))

Cachorro pulando.

Cachorro dormindo.

Gato pulando.

Gato dormindo.

AP: tá alça um cachorro brincando o que é também não é esse aqui

E: isso

AP: olha a coisa pintando (+) não reparei prestei atenção oi oi

E: entendi (+) agora o senhor acertou era o gato

AP: é num contei era o gato

E: não contou a orelha dele né"

AP: pra outra coisa né" (incompreensível) tá batendo esse aqui

E: isso certíssimo

AP: tá batendo

Trem subindo.

Trem descendo.

Caminhão subindo.

Caminhão descendo.

AP: aventu aventu eu queria falá meu nome mai meu nome ta (incompreensível) aqui

E: hum hum

AP: é AH AH o carro/ do carro (+) sento/ sento é esse aqui: não esse daqui: não pestei
atenção

E: tá

AP: é errado”

E: vamos indo

AP: (incompreensível)

E: agora aqui ó (+) vamos ver

AP: batida batende (+) (incompreensível) (+) ela

E: hum hum ((E. mostra a AP. a frase: “O cachorro puxa a menina”.)

AP: ((AP. coloca inadequadamente))

E: ((E. mostra a AP. a frase: “O ônibus segue o menino e o cavalo”.)

AP: ((AP. coloca inadequadamente.))

E: ((E. mostra a AP. a frase: “O gordo empurra o magro na cadeira”.)

AP: ((AP. coloca inadequadamente.))

CÓPIA DE ESCRITA

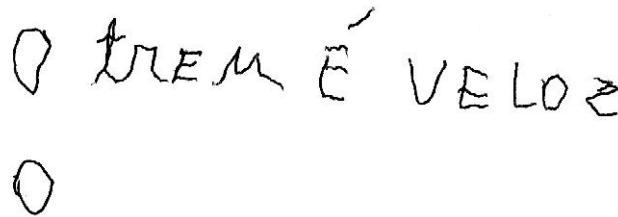
((E. solicita a AP. para que escreva uma frase: “ O trem é veloz”..))

E: agora copia senhor. A. ó copia aqui toma a caneta (+) copia esse

AP: pode pode usar” (incompreensível)

E: isso (+) não (+) vai com a outra ((mão esquerda: paciente é hemiplégico)) com a outra mão é (+) copia aqui: nessa folha

E: Isso isso muito bem.



O TREM É VELOZ

O

DITADO

(E. dita as palavras a AP., uma a uma, na seqüência descrita abaixo:))

E: agora senhor A. escreve aí: quintal

AP: pur

E: vamos ver

AP: nunca (incompreensível) o que a senhora falou”

E: quintal

AP: e o meu problema é que dói ((AP. mostra a orelha.))

E: seu ouvido”

AP: (incompreensível) eu que qué é quero lembrá eu preocupo eu preocupo eu com tudo
(incompreensível) eu conheço tudo

E: é difícil essa prova né”

AP: aí: é que é o problema meu problema esse (incompreensível)

E: vamos ver: vamos ver se o senhor consegue quintal

AP: ((AP. não respondeu.))

E: não consegue”

AP: e aí: (incompreensível)

E: é difícil

AP: É esse

E: vamos ver outra palavra

AP: meu problema é esse (+) eu conheço

E: sr. A. o senhor conhece (+) vamos ver se o senhor consegue fazer ó trovão

AP: só lembra dele falá (incompreensível) eu (incompreensível) na hora

E: tenta escrever aqui trovão

AP: (incompreensível)

E: então essa: nós não vamos fazer tá” não vamos fazer é difícil

AP: (incompreensível)

E: certo

LEITURA

((E. solicita a AP. que leia as palavras e frases apresentadas, uma a uma, na seqüência abaixo:))

AP: eu agora (incompreensível) eu vou lê (incompreensível) eu lembro (incompreensível)

E: leia senhor A. o que está escrito aí”

AP: pode falá o nome”

E: o que está escrito” é: pode falar ((AP. está lendo a palavra :” pé”.)

AP: é que o cavalo (+) aqui o nome dele (incompreensível)

E: não esse não (+) tá enxergando” ta enxergando” tá enxergando bem”

AP: hum

E: vamos ver leia essa palavra ((E. mostra a AP. a palavra: “cruz ”.)

AP: (incompreensível) eu não sei o nome dele d a o d

E: isso

AP: (incompreensível) eu queria aprendê a falá

E: o que está escrito aí” ((E. mostra a AP. a palavra :”bola”))

AP: ta: ta: to: cachorro hum hum é é dos dois dois tá lá

E: isso

AP: eu falo o nome

E: e agora” ((E. mostra a AP. a palavra: “colchão”.)

AP: ga: nhão eu sei o nome dele mas não dá pra falá

E: vamos ver esse ((E. mostra a AP. a palavra: “cinema’.)

AP: ka – te - go - to zero (incompreensível) eu conheço ele aqui mas não dá pra falá

E: hum hum

AP: te e e (incompreensível)

E: aqui ó ((E. mostra a AP. a palavra: “gasolina”.)

AP: ga gla

E: quase

AP: gla – ter – ter zero

E: e essa aqui” essa é difícil ó” ((E. mostra a AP. a palavra: complicação”.)

AP: a da grã coisa te (incompreensível) zero quase leio certo

E: quase certa

AP: eu conheço

/.../

E: conhece né”

AP: o jeito que você dá pra mim eu pego o problema é falá pra mim agu lhe ajulha AH/
sei lá

E: essa daí: ((E. mostra a AP. a frase: “O avião foi embora”.)

AP: conheço

E: tá bom

AP: conheço oi e du (incompreensível)

E: isso e essa aqui: ((E. mostra a AP. a frase: “Aquele gato branco do moinho quebrou
a lâmpada”.)

AP: fran za um gosto

E: aqui começa aqui ó

AP: a ala ga to tro to e gato gato gato

E: gato isso e depois”

AP: (incompreensível) gato gato (incompreensível) apresento-lhe eu conheço ele

E: tá

AP: AH lá eu conheço

E: tá muito bem sr. A. a última aqui ó ((E. mostra a AP. a frase: “Nós vamos vê-la se você permitir”..))

AP: (incompreensível) se você deixa pra entendo eu leio tudo (incompreensível) que eu entendo

E: tá.

AP: agora se quiser falar não é tudo (incompreensível)

E: tá outra coisa agora

AP: pois não

REPETIÇÃO

((E. solicita a AP. para que repita as palavras e frases apresentadas, uma a uma na seqüência abaixo descrita:))

E: ó fala a palavra: pá

AP: a senhora (incompreensível) aí é que é o problema porque tem hora que

E: vou falar outra palavra (+) trem

AP: crem trem eu conheço conheço procuro explicá

E: isso espera aí: espera aí: repita (+) é só pra repetir a palavra (+) ó fala a palavra pato

AP: é (incompreensível) cachorro que gato (incompreensível) o menino

E: isso.

AP: conheço

E: prato

AP: pato comer

E: isso é pra comer sr. A. presta atenção ((E. solicita a AP. que repita a palavra: “cavalo”.)

AP: gato conheço gato

E: outra cruzeiro

AP: eu conheço também mai é (incompreensível)

E: é difícil espera aí ((E. solicita a AP. que repita a palavra; “sabonete”.))

AP: gastro conheço ele nossa senhora (incompreensível) gastro tá brincando

E: ((E. solicita a AP. que repita a palavra: “embarcação”.)

AP: (não respondeu)

E: embarcação

AP: a senhora deixou (incompreensível) qué que eu vou noutra cidade noutro Monte Mor
noutro Campinas noutro caminhão (incompreensível) frente

E: senhor. A. ((E. fala a frase a AP. : “ O céu está azul. Fala: O céu está azul”..))

AP: (incompreensível) é duro falá pra senhora

E: mas é difícil né”

AP: eu conheço tudo (+) eu guardo eu guardo tudo eu queria sabe

E: pode falar mais uma (+) senhor A. (+) pode”

E: ((E. solicita a AP. que repita a frase: “Nós lhe daremos desde que ela reclame”..))

AP: a senhora gostra

E: muito comprida né”

AP: é falá pra mim: eu conheço aqui

E: agora

AP: AH (incompreensível)

E: agora é só pra repetir espera aí sr. A. (+) pode falá”

AP: pode falá

E: ((E. diz a frase: "O cachorro grande da vizinha mordeu o menino", para que AP. repita.))

AP: o cachorro grande homem

E: não tá ouvindo" não (+) ou:ve depois o senhor repete (+) o cachorro grande (+) da vizinha (+) mordeu o menino

AP: eu (incompreensível) ((AP. apontou sua orelha.))

E: não não o senhor ouve bem (+) o cachorro grande da vizinha

AP: da menina brincando com o menino tá brigando gritando com outro

NOMEAÇÃO

((E. solicita AP. que nomeie as figuras abaixo:))

E: tá muito bem (+) agora eu vou mostrar umas figuras pro senhor (+) estamos quase acabando viu"

AP: pode falá se tiver certo se tiver errado quero aprendê

E: então vamos lá (+)

((E. solicita a AP. que nomeie as figuras apresentadas, uma a uma, na seqüência abaixo descrita.))

E: o que é isso" ((E. apresenta a AP. a figura: "pente".))

AP: (gesto de pentear)

E: isso pra pentear o cabelo (+) o que é isso” ((E. apresenta a AP. a figura: “sino”.)

AP: sino

E: isso sino e aqui, senhor. A.” ((E. apresenta a AP. a figura: “orelha”.)

AP: (incompreensível) cachorro cachorro (incompreensível)

E: e agora” ((E. apresenta a AP. a figura: “violão”.)

AP: esse aqui (incompreensível) diu diu dium

E: MUITO BEM

AP: é duro falá

E: difícil falar mas o senhor sabe

AP: ó (+) esse aqui põe ele aqui (+) (gesto de fumar)

E: isso

AP: eu conheço

E: vamos ver outra” está acabando viu senhor. A.”

AP: (incompreensível)

E: aqui ((E apresenta a AP. a figura: “banana”.)

AP: esse aqui tem (incompreensível) como chama” a:

E: chama: chama

AP: (incompreensível)

E: isso fala

AP: eu gosto dele chupa (incompreensível) até inclusive eu vi na televisão (+) aqui numa televisão (incompreensível) que não pode tá cortada tá (incompreensível) de monte (+) a senhora lê lá” que ta” (incompreensível) vão cortar

E: a exportação”

AP: é

E: tá com problema”

AP: é tá com problema vai outro e outro (incompreensível)

E: entendi

AP: entendeu” leu”

E: não

AP: tá dando sim eu leio esse negócio li (incompreensível)

E: como chama” ((E. apresenta a AP. a figura: “faca”.)

AP: eu gosto eu gosto (incompreensível)

E: isso

AP: eu gosto conhe

E: [e aqui] ((E. apresenta a AP. a figura: “gato”.)

AP: gato gato eu lembrei o nome dele GATO/ GATO/ GATO/

E: e agora aqui “ ((E. apresenta a AP. na figura do gato: “rabo”)

AP: gato (incompreensível)

E: e agora aqui ó (+) aqui como é que chama” ((E. apresenta a AP. na figura do gato: “garras”.)

AP: gato não é bota que pega ele

E: aqui ó ((E. apresenta a AP. na figura do gato: “olhos”.)

AP: mulher gato dois gato

E: aqui ó o que é” como chama” ((E. apresenta a AP. na figura do gato: “bigode”.)

AP: ele ó os dois

E: PRONTO (+) acabou senhor. A. (+) o senhor achou difícil”

AP: é tá bom num sei muita coisa sabe o que eu quero’

E: sei (+) o senhor acertou bastante

AP: (incompreensível) num tá muito mal não”

E: não (+) o senhor foi bem principalmente aqui no começo o senhor acertou bastante (+)
aqui: ó ((E. mostra a AP. parte do teste para AP.))

AP: (incompreensível) até chega nisso

E: vai melhorar viu” senhor. A. alguns testes foram difíceis pro senhor mas muitos outros
o senhor acertou bastante

AP: outra coisa será que vamos estudar”

E: vai melhorar viu”